

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO



ACADEMIA BRASILEIRA  
DE LETRAS







ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

*Luís Guimarães Jr.*

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

*Lírica*

 SONETOS E RIMAS

*Rio de Janeiro* 2010

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO  
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2010

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretária-Geral: *Ana Maria Machado*

Primeiro-Secretário: *Domício Proença Filho*

Segundo-Secretário: *Luiz Paulo Horta*

Tesoureiro: *Murilo Melo Filho*

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

*Antonio Carlos Secchin*

*José Murilo de Carvalho*

*Marco Maciel*

Produção editorial

*Monique Mendes*

Organização, apresentação, notas e revisão

*Gilberto Araújo*

Projeto gráfico

*Victor Burton*

Edição eletrônica

*Estúdio Castellani*

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

---

G963 Guimarães Júnior, Luís, 1847-1898.

Sonetos e rimas / Luís Guimarães Júnior ; apresentação, Gilberto Araújo. – Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2010.

266 p. ; 21 cm. – (Coleção Afrânio Peixoto ; 93)

ISBN 978-85-7440-146-1

I. Poesia brasileira. I. Araújo, Gilberto. II. Academia Brasileira de Letras. III. Título. IV. Série.

CDD B869.I

# Apresentação

GILBERTO ARAÚJO

## JANO VISITA O PARNASO

Embora a maioria das histórias da literatura brasileira atribua às *Poesias* (1888), de Olavo Bilac, o marco zero do parnasianismo no Brasil, parcela significativa das obras do movimento foi editada antes dessa data. De fato, na primeira metade da década de 1880, aparecem livros tanto predecessores quanto já consolidados da estética parnasiana. No âmbito dos precursores, convivem, pulverizando a “Ideia Nova”, diferentes correntes literárias, com propostas e características diversas, todas, porém, denegatórias do romantismo, sobretudo em seus traços de sentimentalismo excessivo e de “distração formal”. Alinham-se nesse viés combativo a poesia científica de Martins Júnior, teorizada em *A Poesia Científica* (1883) e sofrivelmente praticada em *Estilbaços* (1885), bem como os *Cantos do Fim do Século* (1878), de Sílvio Romero; o quinhão socialista de Lúcio de Mendonça, estampado em *Alvoradas* (1875) e *Ver-gastas* (1889), e de Fontoura Xavier, em *Opalas* (1884); a poesia sensual e realista de Carvalho Júnior em *Parisina* (1879). Ainda na

voga antirromântica, destaca-se a contribuição de Machado de Assis, que, influente crítico e eventual prefaciador, preconizava a sobriedade e a correção formal e gramatical dos versos (demonstradas nas suas *Ocidentais*), além de propagar a futura Carta Magna dos nossos parnasianos: o *Tratado de Metrificação Portuguesa* (1851), de Antonio Feliciano de Castilho.

Nesse ínterim, ocorria também a gênese de nossa trindade: Alberto de Oliveira estreava com *Canções Românticas* (1878), adentrando definitivamente o Parnaso com *Meridionais* (1884) e *Sonetos e Poemas* (1885); Raimundo Correia surgia com *Primeiros Sonhos* (1879), *Sinfonias* (1883) e *Versos e Versões* (1887); Olavo Bilac, conquanto publicasse suas *Poesias* somente em 1888, escreveu-as também ao longo dessa década. Apesar de alijado da tríade, Vicente de Carvalho igualmente aportava na vida literária, com *Ardentias* (1885) e *Relicário* (1888).

Contudo, a despeito de Raimundo Correia iniciar carreira no ocaso da década de 1870, seu livro de então, veja-se o título *Primeiros Sonhos*, era mais continuador do romantismo do que instaurador do parnasianismo; já as *Canções Românticas*, de Alberto, malgrado o adjetivo, acenavam à estética parnasiana, que, a rigor, só se estabeleceria no Brasil no decênio seguinte, por iniciativa de dois poetas hoje pouco recordados: Luís Guimarães Júnior e Teófilo Dias. Não obstante ambos também tenham de início evocado a musa romântica, batizaram-se no Parnaso antes da maioria: Teófilo, sobrinho de Gonçalves Dias, abandonou o estro familiar e, em 1882, publicou as *Fanfarras*, obra em que, segundo Manuel Bandeira, “o movimento antirromântico começa a se definir no espírito e na forma dos parnasianos franceses” (1938: 13). Já em 1880, porém, haviam saído do prelo os *Sonetos e Rimas*, de Luís Guimarães Júnior, considerados, ao lado das *Canções Românticas*, embriões do parnasianismo brasileiro, com a diferença de aquele exhibir em vitrine a valori-



zação da forma (nem sempre valorizada, todavia). No rol dos empreendedores nacionais do Parnaso, tampouco se pode negligenciar a curiosa figura de Artur de Oliveira, que, tendo contactado na França os expoentes literários da época – Catulle Mendès, Leconte de Lisle, Théophile Gautier, Villiers de L’Isle-Adam e outros – representou vetor fundamental de divulgação do parnasianismo europeu neste lado do Atlântico. No entanto, talvez em decorrência da morte precoce aos 31 anos, foi mais difusor do que poeta da escola, permitindo-nos dizer que coube, na verdade, a Alberto de Oliveira, a Luís Guimarães Júnior e a Teófilo Dias a modesta iniciação do movimento no Brasil.

Apesar de a crítica ressaltar seus versos, Guimarães Júnior escreveu mais (e, para alguns, melhor) em prosa, sendo, inclusive, o romance seu gênero de estreia: *Lírio Branco* (1862), prefaciado com simpatias e ressalvas por Machado de Assis, a quem fora dedicado; no mesmo ano, publica a peça *Uma Cena Contemporânea*, salvo engano, único texto ainda acessível de seu vasto espólio dramático. Aparece em 1869 sua primeira obra em versos, *Corimbo*, apegada à dicção romântica; em 1870, retorna à prosa, com o conhecido romance humorístico *A Família Agulha*, e com *A. Carlos Gomes: Perfil Biográfico*, a que se segue *Pedro Américo: Perfil Biográfico* (1871). Em 1872, atuando nas duas vertentes, traz a lume um livro de poemas – *Noturnos* – e três de prosa – *Filigranas; Contos sem Pretensão; Curvas e Ziguezagues, Caprichos Humorísticos em Prosa*. De acordo com a filha, Iracema Guimarães Vilela, em *Luís Guimarães Júnior: Ensaio Biobibliográfico* (1934), o autor, pouco antes de morrer, em 1898, queimou diversos manuscritos (peças, crônicas e poemas), constituindo as duas primeiras edições de *Sonetos e Rimas* (1880 e 1886) suas últimas obras impressas em vida.

É consensual a relevância desse livro na reorientação da poesia brasileira no último quartel do século XIX, a ponto de, mais de uma vez,

atribuir-se à fortuna crítica de *Sonetos e Rimas* a nacionalização do vocábulo “parnasianismo” e correlatos. Sílvio Romero, por exemplo, não obstante critique a carência de nacionalismo no autor, detecta no volume “apuros e requintes de *forma*” (1943: 286, grifo do autor), entendendo-o como “um elo natural entre o romantismo brasileiro e o nosso parnasianismo” (1943: 285). José Veríssimo julga *Sonetos e Rimas* “um dos mais distintos livros da nossa poesia e não sei se não também um dos melhores exemplares do parnasianismo à francesa aqui” (1954: 302). Péricles Eugênio da Silva Ramos, por sua vez, alega que, em *A Gazeta da Tarde* de 22 de julho de 1882, Araripe Júnior, examinando a obra Luís Guimarães, chama pela primeira vez um escritor brasileiro de “parnasiano” (1979: 173). Posicionamento divergente é o de Manuel Bandeira, que, no prefácio à sua *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana*, defende que o termo só apareceria em 1886, “numa nota crítica de Alfredo de Sousa sobre um livro de versos de Francisco Lins” (1938: 8). Em todo caso, numa data ou noutra, o vínculo inaugural entre Guimarães Júnior e a oficialização do parnasianismo é assegurado pelo prefácio de Fialho D’Almeida à segunda edição de *Sonetos e Rimas* (1886) – mesmo ano registrado por Bandeira –, no qual o autor português declara explicitamente que “Luís Guimarães é um parnasiano” (1886: XVI). Como, entretanto, esse juízo do escritor português fora aludido por Araripe Júnior já no artigo de 1882, Péricles Eugênio aventa a hipótese de que o texto de Fialho, editado em livro em 1886, lograra circulação anterior, o que ratificaria a originalidade de Luís Guimarães tanto para o parnasianismo, quanto para o “parnasianismo”. Percorrendo essa trilha, João Pacheco destaca que, “em *Sonetos e Rimas* (1880), acentua-se a influência da nova escola [parnasiana]” (s/d: 24), constituindo seu autor “a mais clara voz deste período”. Wilson Martins, mais incisivo, observa que,

“a partir dos *Sonetos e Rimas*, a poesia brasileira, sem nada perder do calor emocional e da força expressiva, transformou-se numa *arte da palavra*” (1996: 90-I, grifo do autor). Pode-se aferir o relevo do poeta, além disso, pelo seu comparecimento nas mais importantes antologias desse estilo de época: na de Manuel Bandeira (1938), nas de Péricles Eugênio da Silva Ramos (1959 e 1967) e no *Roteiro da Poesia Brasileira* (2006), de Sânzio de Azevedo.

A primeira edição de *Sonetos e Rimas* foi publicada em Roma, pela Tipografia Elzeviriana, e custeada pelo próprio autor, pois o editor Garnier hesitou em fazê-lo. Em 1886, sairia em Lisboa uma segunda, a cargo de Tavares Cardoso & Irmão – Editores. Reflexo do itinerário do diplomata Guimarães Júnior na Europa, essas impressões guardam mudanças relevantes: a retirada de um poema, a inclusão de dez (todos praticamente ligados à temática feminina) e a alteração de textos anteriores, além do importante prefácio de Fialho D’Almeida. As edições terceira e quarta, reproduzindo a de 1886, apareceriam respectivamente em 1914 e em 1925, ambas pela Livraria Clássica.

Se, todavia, conforme apontou Fialho D’Almeida, os *Sonetos e Rimas* ajustavam-se à cadência parnasiana, também não deixavam de marcar passo no romantismo, arvorando-se numa dinâmica dupla de prospecção e de retrospecção, um cabo-de-guerra permanente, em que a força maior nunca suplanta a menor, produzindo um “livro desigual” (2004: 90). A julgar pela ênfase formalista e pela neutralidade genérica do título, predominaria na obra a inflexão parnasiana. Entretanto, como, “no caso brasileiro, não houve ruptura absoluta entre a inspiração romântica e a parnasiana” (1996: 90-I), já no pórtico do volume, inscreve-se uma dedicatória a Cecília Guimarães, esposa do poeta, “no dia de seus anos”; a oferta à cônjuge, recorrente no campo livresco, representaria mera cortesia protocolar, não fosse a insistência de Gui-

marães Júnior em tocar na nota íntima, ecoada nos abundantes pronomes possessivos de primeira pessoa associados a entes familiares (cf. “Meu Pai”, “A meu Filho Gabriel”), na demarcação de ambientes domésticos (cf. “Alcova”, “Visita à Casa Paterna”), enfim, na poetização da intimidade: é, por exemplo, de “Guitarra” o verso “cantei o nosso amor e os nossos segredos”; em “Natal”, não se comemora o Natal de 25 de dezembro, mas um natal de 23 de outubro, o do poeta com sua esposa: “Hoje faz anos nosso Amor, Cecília”. A ênfase na atmosfera particular, destoante da universalidade parnasiana, confirma-se em “Página Íntima” (grifo nosso), texto sobre os filhos do casal e outra vez destinado “à minha mulher”. A presença ostensiva de Cecília em *Sonetos e Rimas* corrói a impassibilidade parnasiana e erige, em contrapartida, uma poesia essencialmente personalizada, bem ao gosto romântico, aproximando sujeito poético e autor, obra e vida.

Acresce que, logo após a dedicatória, abre-se o livro com o nada parnasiano “Misticismo”, que estabelece intertextualidade com Dante e sua Beatriz: “Minha alma delirante / Pensa na dor de Dante / E pensa em Beatriz” (1880: 8). A parceria literária endossa a impregnação subjetiva, rechaçada pela objetividade do parnasianismo ortodoxo (e, diga-se de passagem, José Veríssimo confirmou ser Guimarães Júnior “um subjetivo, como todo verdadeiro lírico” (2005: 42)). Além de quebrar a aspereza do título *Sonetos e Rimas*, “Misticismo” é soneto vazado em hexassílabos, metro pouco usual no Monte Parnaso.

A filiação romântica continua a germinar no catálogo das referências literárias, agenciando o livro, nas suas três partes, epígrafes indicadoras desse aspecto. Na abertura à primeira seção, por exemplo, comparecem Petrarca e Horácio, com versos de total entrega do sujeito lírico à amada, vassalagem corroborada no poema subsequente: “O coração que bate neste peito / E que bate por ti unicamente” (1880:

II). O substrato romântico brota com maior vigor na segunda parte, dedicada na íntegra aos “Poetas Mortos”, todos românticos; as epígrafes a essa seção, pinçadas em Horácio, Camões e Balzac, apostam na imortalidade do artista, que, graças à arte, se vai “da lei da morte libertando”, ideia habilmente dramatizada pela estratégia de glosar o mote dos poetas (mortos) em poemas (vivos). Nota-se, então, que, ao contrário dos propugnadores da “Ideia Nova”, empenhados na Batalha do Parnaso contra o passado romântico, Luís Guimarães Júnior acata nossa tradição literária, nela se inserindo por uma espécie de continuidade espiralar, em que o passado não poda, mas aduba a autenticidade criativa do poeta; evidência disso é o fato de, nessa segunda porção, Guimarães Júnior *encerrar* os sonetos (em redondilhas maiores ou em decassílabos) com os mesmos versos dos autores fixados em epígrafe, como se seus poemas ganhassem vida pelo incessante diálogo com os poetas mortos, sem prejuízo de sua voz própria. A assunção destemida da subjetividade como norteadora do processo criativo reaparece nas epígrafes à terceira parte, extraídas dos românticos Espronceda (“Conforme esté mi humor, porque a él me ajusto / Y allá van versos donde va mi gusto”) e Gonçalves de Magalhães (“Se não faço melhor, é que não posso”).

Patenteia-se a configuração personalizada de *Sonetos e Rimas* também no tratamento poético do exílio, tema da mesma forma embasado na biografia de Luís Guimarães, que, diplomata, viveu mais de vinte anos no exterior. Encena-se o isolamento do sujeito poético ou durante o doloroso afastamento da pátria (cf. “Fora da Barra” e “O Cruzeiro do Sul”), ou já na solidão da terra estrangeira (cf. “Nostalgia”, “Saudade das Montanhas” e “À Sombra dos Álamos”). No primeiro caso, enfeixam-se os poemas no início do livro, como se a obra acompanhasse *pari passu* a viagem do poeta, de quem a natureza romanticamente se compa-

dece: “O mar parece todo um só gemido... / E eu mal sustenho o coração partido, / Oh! terra de meus pais! Oh! minha terra!” (1880: 15). No outro, o “fantasma solene e enegrecido” (1880: 47) da saudade de lá domina o sujeito lírico, que vê *cá* sempre como espaço inferior e lacunar. Reforça-se esse deslocamento pela localização/datação de alguns poemas, em notas como “A Bordo”, “Mar Pacífico – 1872”, “Santiago do Chile – 1872”, “Londres – 1874”, elementos dêiticos que, situando o diplomata, sinalizam a expatriação do poeta.

A temática do exílio desdobra-se ainda na condição marginal do escritor, cuja postura, no entanto, difere da consagrada pelo romantismo, em que ele se envaidecia do desacordo deliberado com a sociedade; em Guimarães Júnior, a marginalidade reside antes na imaginação criadora e na propensão reflexiva do *outsider*, na “alma ardente e deslumbrada” (1880: 160) do vate, do que na repulsa à coletividade (cf. “A Hora do Repouso”, “Contraste”, “A Voz de Moema” e “O Pensamento”). Isso não significa, entretanto, que haja alienação crítica em *Sonetos e Rimas*: em prolongamento à poesia social(ista) praticada na década anterior, hasteiam-se poemas contra as disparidades sociais, normalmente embebidos num discurso lacrimoso, à beira da pieguice (cf. “O Piano”, “A um Rico que Passava...”, “A um Milionário”, “A Carta”), quando não moralizante (cf. “A Esmola” e “Revelação”) ou, vertente menos comum e mais interessante, humorístico (cf. “Súplicas Maternas”). Na maioria das vezes, são textos superficiais, esquematizados no antagonismo rasteiro de “pobres *versus* ricos”, de quem se ataca a ostentação misantrópica em favor da humildade ingênua daqueles. A coexistência do sopro íntimo com o púlpito social acusa, a propósito, a índole bifronte de *Sonetos e Rimas*, clivagem compartilhada por boa parte das obras poéticas da década de 1870, bastando como exemplo as *Alvoradas* (1875), de Lúcio de Mendonça, que, publicadas

na exata metade do decênio, demonstram o feitio ambivalente na sua bipartição interna em “Musa dos Vinte Anos” e “Musa Cívica”.

Outro indício do parentesco romântico de Guimarães Júnior habita o seu soneto mais conhecido, o antológico “Visita à Casa Paterna”, também votado à temática do exílio, que, nesse poema, contudo, se torna temporal e afina-se menos com Gonçalves Dias do que com Casimiro de Abreu e com o esquecido José Bonifácio, o Moço. No autor da “Canção do Exílio”, a distância espacial encobre a cronológica, idealizando o poeta a crença de que, ao retornar à pátria, adaptar-se-ia integral e novamente a ela (aspecto nítido em “Minha Terra”, a começar pelo pronome no título); ou seja, à supressão do espaço percorrido corresponderia a eliminação do tempo perdido. Já em Casimiro de Abreu, em poemas como “No Lar”, constata-se que, sob o exílio espacial, esconde-se a passagem irreversível do tempo (corrosão identificada inclusive em “Meus Oito Anos”); o sujeito poético descobre na ruína do presente a irrecuperabilidade do passado. Processo semelhante ocorre com José Bonifácio, o Moço, – cujo soneto de mesmo tema “sem dúvida, inspirou o outro mais conhecido, de Luís Guimarães Júnior” (1920: 225), segundo Afrânio Peixoto e Constâncio Alves, em nota de rodapé à antologia *José Bonifácio (o Velho e o Moço)* – e com Luís Guimarães Júnior, comovido ao constatar que, no lar paterno, “chorava em cada canto uma saudade” (1880: 17). Em “Visita à Casa Paterna”, além disso, a informação “Rio – 1876” realça a incapacidade de o retorno à terra natal remir o tempo escoado.

Românticas também são muitas mulheres de *Sonetos e Rimas*. Celebram-se as donzelas edulcoradas e “mil vezes pura[s]” (1880: 8) pela cândida evanescência de seus atributos: o caminhar (cf. “Incógnita”), o cabelo (cf. “Tranças Amadas”), a voz (cf. Noturno”), as mãos (cf. “Mãos de Bela”), os pés (cf. “A Borracheira”), os olhos (cf. “Hora de

Amor”). Por sinal, neste último poema, ao arrepio do dogma parnasiano, o sujeito poético desloca o olhar de uma pedra de mármore para o nu e “alabastrino braço” feminino pousado sobre ela e, mesmo em “A Estátua”, transmuta-se a escultura parnasiana numa romântica e “ousada encarnação da argila” (1886: 220). A mirada metonímica às mulheres indicia o caráter fugídio e respeitoso de quem as olha, contemplação muitas vezes convertida em escravidão: “Meu coração é um pobre / Um pobrezinho sem lar, / Dá-lhe tu que és rica e nobre / A esmola do teu olhar” (1880: 208). A vassalagem amorosa figura também na súbita purificação do poeta pelo simples contato com a amada (“O certo é que a minha vida inteira / Se transformou por ti...” (1880: 152); “Minha alma errante, pávida, descrente, / Ó peregrina flor do Paraíso, / Fez-se mais pura que o cordeiro algente... / E bastou para isso um teu sorriso” (1880: 152)) e, por vezes, no romântico medo de amar (cf. “Confiteor”). Tampouco faltam ao livro, parafraseando Carvalho Júnior, as “bezas de missal”, desfilando em “A Bela”, “Diva”, “Enlevo”, “*Señorita*”, “Danúbio Azul”, “A Noiva”, “A Sertaneja”, “*Miss Perfection*”, “Galateia”, “*Venus Victrix*”, “Paquita”, “Visão”... Nesse sentido, é esclarecedor o comentário de João Pacheco: “o amor, sente-o [Guimarães Júnior] mais em sua repercussão emocional do que na atração sexual. A sua musa é mais emotiva do que intelectualizada” (s/d: 27).

Há, no entanto, textos consagradores da fisicalidade feminina, dos quais se sobressai “Nera”, poema dividido em duas partes: a primeira amolda-se aos preceitos parnasianos, seja pela minúcia descritiva, seja pela fixação histórica da Antiguidade (neste caso, o incêndio de Roma), ou ainda pelos alexandrinos rimados; a segunda, conquanto mantenha o rigor métrico e rímico, distende a frieza anterior em nome do “fogo do amor” (1880: 115), ateadado à alma do poeta pela incen-



diária Nera, “esfinge de carne”, “belo monstro humano” (1880: 115). O enfoque do corpo feminino, na linhagem desafiada por Carvalho Júnior, reforça o império da *femme fatale* sobre o homem, que, subjugado, assemelha-se ao “escravo moribundo (...) tentando espedaçar do pulso as vis correntes”, durante o incêndio em Roma (cf. também “A Caravana”).

O respeito às mulheres estende-se à vida de Guimarães Júnior. No artigo “As Mulheres na Literatura Brasileira”, inserido em *Românticos, Pré-românticos e Ultrarromânticos*, Brito Broca comenta a campanha do poeta em prol da maior participação das mulheres na vida cultural e narra um episódio emblemático: em 1870, Luís Guimarães ministrou a conferência “A Nova Legião” no Liceu de Artes e Ofícios, apoiando a presença das mulheres nas letras. Em agradecimento, um grupo de senhoras ofereceu-lhe um banquete; ele então discursou: “Vinde! O País está convosco. É hora. Fazei desta Atenas em perigo uma Esparta reabilitada. Senhoras, curvo-me reverente aos vossos pés... Que digo? Aperto-vos as mãos de homens do futuro” (*Apud* 1979: 78). Para aferir na obra o desdobramento dessa questão, cotejem-se o excerto anterior e a parte III do poema “Aos Estados Unidos”, sem, todavia, dispensar a leitura de “Idade Média”.

Não só em “Nera”, entretanto, convivem a rocha parnasiana e a lava romântica; em *Sonetos e Rimas*, sobram poemas concernentes ao que poderíamos chamar de um parnasianismo heterodoxo: textos que congregam ao gozo descritivo uma espécie de elucidação alegórica da descrição, fraturando a objetividade escultural da escola (esculpida, por exemplo, nos vasos de Alberto de Oliveira). Exemplo paradigmático dessa configuração peculiar é o soneto de Raimundo Correia “As Pombas” (muito similar a “Num Terraço”, de Luís Guimarães): inicialmente distanciado, na apreensão fotográfica do voo das pombas, o sujeito poético introjeta-se

nos tercetos finais do poema, ao comparar o deslocamento das aves à vida humana, aplainando a requisitada imparcialidade parnasiana. Nesse viés *soi disant* desobediente de Guimarães Júnior, em que “o poeta volta-se para a observação de um fenômeno externo e o compara com um fato psíquico” (s/d: 26), mencionaríamos “A Hora do Repouso”, “*Per Amica Silentia...*”, “O Farol”, “A Gaivota”, “Gazela”, “Os Albatrozes”, “Naufrágio”, “A Jangada”, “Num Terraço” e “Soneto Romântico”, este último, a propósito, com título delator de sua fisionomia ambígua.

Em reforço aos contornos insinuados nesses textos de confluência ou de transição, alguns poemas saturam a matriz descritivista e timbram a filigrana parnasiana no livro. A abundância de sintagmas nominais e a baixa frequência de verbos os caracterizam, e, nelas, a pena volta-se para a fixação de uma cena exterior em detrimento das flutuações internas do sujeito lírico, contendo-se o sentimentalismo em favor da plasticidade. Ao puxar a rédea da subjetividade, cede-se passo à objetividade e à visão de mundo nela arqueada; desse modo, franqueia-se uma realidade harmônica e equilibrada, que encontra no soneto, forma igualmente sóbria e estável, seu melhor suporte expressivo (cf. “O Jaguar”, “Noite Tropical”, “O Arsenal”, “À Beira-Mar”, “A Lua no Mar”, “Sorrento”). Garante-se a captação estática e objetiva do mundo, condizente com a economia parnasiana, também pelo rigoroso esquema métrico e rímico desses sonetos, arquitetados em decassílabos ordenados em rimas interpoladas, com a frequente ocorrência de hipérbatos; mesmo o ritmo, de normal “correntio, monocórdio, embalante” (s/d: 27), acidula-se no choque de sílabas tônicas e de consoantes plosivas. Curiosamente, é a esse nicho parnasiano que o título do volume parece reportar o leitor, como se o poeta anunciasse na abertura da obra o que nela há de inaugural. Não se esqueça, todavia, de que SONETOS E RIMAS

(cujos sonetos nem sempre têm os quartetos rimados entre si, observa Sânzio de Azevedo; cf. “Diva”, “O Danúbio Azul”, “Madrugada na Roça”, “A Noiva”) é encimado, pela notação LÍRICA; e é assim que, ombreando o entalhamento plástico da natureza, identificam-se textos em que ela se contamina pela subjetividade do poeta (cf. “A Voz das Árvores”, “As Estrelas”, “As Vozes da Noite”, “Memórias”), dinamizando-se em convulsões românticas (cf. “Mata Virgem”, “Idílio”): “Tudo [na natureza] nos causa quebrantos / E emoções vertiginosas, / A flor, os astros, os prantos / Das frentes misteriosas;” (1880: 50). Ou, conforme bem sintetiza João Pacheco, “ainda que permaneça descritivo, muitas vezes o poeta infunde na descrição uma velada melancolia, que a transfigura levemente” (s/d: 25), como em “Paisagem” e “O Sol no Mar”.

Aderindo à musa parnasiana, *Sonetos e Rimas* convocam a Antiguidade Clássica, cujo esplendor, porém, é exaltado em negativo, no contato algo romântico com as ruínas do presente; é o caso, por exemplo, de “Roma”, de “Coliseu” e da primeira parte de “Nera”. O contraste entre o passado magnânimo e a atualidade vestigial representa mais uma vertente da vocação crítica do livro, que não deixa de tarrapear outras grandes cidades europeias, como Veneza e Londres (cf. poemas homônimos), e nem mesmo a *cocotte* do século XIX, a Ciência (cf. “O Bom Doutor”). No Velho Mundo, abre-se uma exceção a Paris, capital deslumbradamente enaltecida (“Ei-la! A Cidade esplêndida e famosa, / A Princesa da Gália, – o triunfante / Empório do Universo!” (1880: 76)); no Novo Mundo, salvam-se os Estados Unidos, pela independência adiantada e pela supremacia da liberdade (cf. “Aos Estados Unidos”). Entrevê-se aqui outro posicionamento ambíguo de Guimarães Júnior: ao mesmo tempo em que festeja a libertação da América e denuncia a cobiça insidiosa da Europa (“Retine o ouro: –

vela a Indústria ingente, / Cresce a miséria, e aumenta o vício impuro... / Ó milionária Londres indigente!” (1880: 37)), reafirma, ovacionando a capital do século XIX, a condição passiva e importadora do continente americano.

A modulação parnasiana surge, além disso, na reconstituição da história (cf. “No Deserto”) e na encenação de um vago exotismo oriental – ponto comum, aliás, entre as estéticas romântica, parnasiana, simbolista e decadentista –, enquadrado, por exemplo, nos extensos e bem-sucedidos poemas narrativos “O Viajante” e em “A Morte da Águia”, assim como no soneto “Boa Viagem”. Neste texto, rigidamente organizado em sextilhas de decassílabos, o fatal anseio libertador da ave transforma-se na metonímia da luta incondicional pela liberdade, abeirando-se mais uma vez da poesia social de então. Aliás, a concretização explícita de valores e de conceitos abstratos, típica da fábula e do apólogo, é outra marca parnasiana de *Sonetos e Rimas*: as recorrentes comparações elucidativas no final dos poemas, soldando as imagens em significados específicos, sustentam a moderação textual e impedem o leitor de embrenhar-se em divagações interpretativas, garantindo *a priori* a objetividade discursiva. Guimarães Júnior procede a essa esquematização biunívoca, sobretudo, com os animais (cf. “A Gaiivota”, “Os Albatrozes”, “Gazela”, “As Duas Forças”), e, dessa fauna poética, o integrante mais famoso – embora, neste caso, inexista a chave alegórica explícita – é, sem dúvida, Veludo, o protagonista de “História de um Cão”, longo poema narrativo que já foi um dos mais admirados da literatura brasileira.

João Pacheco divisa ainda no livro o parnasiano “prazer da visão objetiva” (s/d: 26) na pintura de cenas dramáticas, em textos como “Danúbio Azul” e “Amar e Ser Amada”. Poucos poemas, contudo, ilustram tão bem a presença do parnasianismo em *Sonetos e Rimas* quanto o seu

último soneto, “Profissão de fé”. As semelhanças com o nosso Príncipe dos Parnasianos estão, porém, antes no seu “A um Poeta” do que no poema homônimo: tanto em “A um Poeta” de Bilac, quanto na “Profissão de Fé” de Guimarães Júnior, idealiza-se um escritor que, distanciado da multidão vertiginosa, devota-se religiosamente ao sudorífero ofício poético. Comparem-se a esse respeito alguns versos das duas cartilhas:

| LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR<br>“PROFISSÃO DE FÉ” (1880: 238)  | OLAVO BILAC<br>“A UM POETA” (1952: 315)   |
|---|---|
| “O grito estrídulo e selvagem / Da<br>bruta multidão feroz que tripudia /<br>Não perturba [...]”        | “Longe do estéril turbilhão da rua”<br>“no aconchego do claustro”;<br>“na paciência e no sossego” |
| “velho sacerdote”; “o padre fiel – o<br>místico soldado / Das falanges de<br>Cristo, – o Poeta isolado” | “Beneditino”  |
| “Nada o distrai”  | “Trabalha, e teima, e lima,<br>e sofre, e sua”.   |

Publicado 39 anos antes do antológico soneto bilaquiano, só impresso em *Tarde* (1919), o poema de Guimarães Júnior, não obstante o apelo antiparnasiano a uma instância superior da criação (“Sacerdote do amor, eleva-se num hino, / Ao som da eterna voz dum invisível sino / Que percutem no céu os altos” (1880: 238), já continha, portanto, pelo menos em teoria, em hipérbatos e em cavalgamentos, o receituário posteriormente propagandeado (mas nem sempre seguido, insistimos) pelo panteão parnasiano. Além disso, a segunda edição de *Sonetos e Rimas* (1886) inclui alterações que aprofundam a ligação entre os dois abecês: retira-se a epígrafe e tornam-se maiúsculas as iniciais de “amor”, “padre”, “sacerdote”, que, dessa forma, se aproxima do futuro “Beneditino” bilaquiano.

Ratifica-se, então, o mérito inaugural de *Sonetos e Rimas*, cujo último poema, “Profissão de Fé”, talvez não por coincidência, é homônimo ao primeiro das *Poesias*, de Bilac, como se a obra de 1888 palmilhasse a senda aberta pela de 1880-6. A sintaxe interna do livro de Guimarães Júnior bem delineia seu pioneirismo: no percurso balizado por “Misticismo” (em hexassílabos) e por “Profissão de Fé” (em alexandrinos), o livro levanta um pé do romantismo e poussa o outro no parnasianismo, movimento rubricado também nas vinhetas tipográficas da edição. Acertou, assim, José Veríssimo ao declarar que “Luís Guimarães Júnior aliou excelentemente a correção um pouco árida dos parnasianos com o nosso exuberante e voluptuoso lirismo” (2005: 42), bastando mencionar, por fim, que seu livro conjumina uma romântica “Arte Poética” a uma parnasiana “Profissão de Fé”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Fialho D'. “Luís Guimarães” (prefácio). In: GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. *Sonetos e Rimas*. 2.<sup>a</sup> edição revista e aumentada. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão – Editores, 1886.
- ALVES, Constâncio & PEIXOTO, Afrânio (orgs.). *José Bonifácio (o Velho e o Moço)*. Paris-Lisboa; Porto; Rio de Janeiro: Livrarias Aillaud e Bertrand; Livraria Chardron; Livraria Francisco Alves, 1920.
- AZEVEDO, Sânzio de. *O Parnasianismo na Poesia Brasileira*. Fortaleza: Editora UFC; Edições UVA, 2004.
- BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.
- BILAC, Olavo. *Poesias*. 24.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1952.

- BROCA, Brito. “As Mulheres na Literatura Brasileira”. In: *Românticos, Pré-Românticos, Ultrarromânticos (Vida Literária e Romantismo Brasileiro)*. São Paulo; Brasília: Livraroa e Editora Polis; MEC / INL, 1979, pp.76-9.
- GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. *Sonetos e Rimas*. Roma: Typographia Elzeviriana, 1880.
- \_\_\_\_\_. *Sonetos e Rimas*. 2.<sup>a</sup> edição revista e aumentada. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão – Editores, 1886.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Vol. IV. 2.<sup>a</sup> edição. São Paulo: T.A.Queiroz, 1996.
- PACHECO, João. *A Literatura Brasileira* (Vol. III – O Realismo). São Paulo: Cultrix, s/d.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do Barroco ao Modernismo* (Estudos de Poesia Brasileira). 2.<sup>a</sup> ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Tomo IV. 3.<sup>a</sup> edição aumentada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943.
- VERÍSSIMO, José. “Resposta do Sr. José Veríssimo (ao Discurso do Sr. João Ribeiro)”. In: *Discursos Acadêmicos*. Tomo I (1897-1919). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, pp. 37-45.
- \_\_\_\_\_. *História da Literatura Brasileira*. 3.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.





## *Nota editorial*

**E**sta publicação baseia-se principalmente na primeira edição de *Sonetos e Rimas* (1880), constando da segunda (1886) apenas os dez poemas nela acrescentados pelo autor, aqui sinalizados por <sup>♠</sup>. Como o cotejo dos dois volumes denuncia a retirada de um texto, “Lenda Antiga”, optamos por inseri-lo em APÊNDICE ao final deste livro, onde também se enfeixam uma NOTA e uma ADVERTÊNCIA, ambas do próprio Guimarães Júnior.

Para o estabelecimento do texto, respeitou-se maximamente a vontade autoral, preservando-se inclusive os ajustes por ele operados em respeito à métrica do verso (como “surprende” em vez de “surpreende”). Procedeu-se, por outro lado, à atualização textual pelo Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2009), bem como às seguintes modificações: correção de erros tipográficos óbvios, eliminação de vírgulas entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento(s), inserção de vírgulas para marcar o deslocamento de conectivos ou de adjuntos adverbiais de longa extensão (mais de quatro palavras) e formatação em *itálico* das palavras na época não aportuguesadas, tais

como *club*, *enveloppe* etc. Manteve-se a colocação original dos pronomes, mesmo nos casos em que a disposição dos clíticos infringisse as regras hoje vigentes.

No mais, ofereceu-se a tradução das passagens em língua estrangeira, atividade auxiliada por Vera Lúcia de Oliveira, no caso do italiano, dispondo a edição ainda de notas de rodapé, com intervenções do próprio poeta ou, no caso do prefácio, de Fialho D'Almeida, indicadas por [N. do A.], ou com comentários nossos, assinalados por [N. do O.]. O leitor poderá, por fim, apreciar algumas vinhetas da primeira edição, reproduzidas ao longo deste livro.

 SONETOS E RIMAS

*Aere*  
*Perennius*



# Luís Guimarães<sup>1</sup>

FIALHO D'ALMEIDA

Os poetas propagandistas, cantando a Justiça, derruindo velhas fórmulas políticas e religiosas, fazendo a apoteose da oficina e da blusa, ou conclamando, em rutilantes alexandrinos, as invenções, descobertas e sínteses da ciência e da indústria, são prosadores castrando em rimas imprevistas ou sonoras os períodos que vão escrevendo. Como agente de propaganda, a poesia é o mais frouxo dos veículos literários; e com a sua organização feminil, os seus delicados moldes, o artifício das rimas e o mosaico das imagens, ela amesquinha a magnitude e o ímpeto dos altos problemas que tem em mira vulgarizar. Ela vive do meio sonho vago, que deixa o poeta ir idealizando o seu *mundo* em doces e flutuantes quimeras. Nas manifestações do belo, toma por lei uma relação precisa e justa entre as concepções individuais e o elemento tradicional. Estabelece as correlações íntimas, as misteriosas afinidades da religião com o amor, e do amor com a família e com a pátria. Todas as crenças e todas as abnegações que a mocidade irradia sem lhes indagar da lógica dirigente, ou querer justificar as explosões cavalheirescas, constituem os seus diletos subsídios e fontes de inspiração profunda.

Tais aspirações são já uma poesia instintiva, esparsa por todos os espíritos moços, mas incapaz de cristalizar por si, num cântico dotado de formas literárias. Mas eis que o poeta chega e dá corpo a estes sons


---

1  Prefácio à segunda edição de *Sonetos e Rimas*. [N. do O.]

errantes, a estes vortilhões da imaginação coletiva, a estas tendências sonoras da alma, sublimada por aspirações de mais generosa altura; chega e dá cor, acento, ironia e vida aos trechos anonimamente sentidos e colaborados por uma raça, ou simplesmente por uma geração.

Tal é na poesia romântica o papel de Byron, de Schiller, de Madame de Staël, Thomaz Moore, Chateaubriand e Jean Paul, interpretando a inquietação atormentada, a febre delirante, e o frenético amor da sociedade do seu tempo. O público vem então maravilhosamente disposto a compreender essa poesia que ele propulsionou sem assinar e que reflete o seu momento psicológico, ao tempo que lhe está fortalecendo as tendências e lisonjeando as necessidades e as predileções. Idade de ouro para os poetas, aquela em que o público é inteiramente o contemporâneo da poesia vigente, e onde o sentimento individual do artista tem pouco a fazer numa obra tão intimamente enraizado no coração da turba<sup>2</sup>.

---

2  *Comme il ya dans la nature humaine une imbrisable unité, il est évident que l'oeuvre de littérature ou d'art conçue et produite ainsi par une nécessité profonde doit manifester tout l'homme qui la conçoit et qui la produit, avec son sens particulier du monde et de lui-même, avec sa façon ou tendre ou amère de goûter le réel, avec son être enfin dans ce qu'il a de plus intime et de plus vrai. Mais cet être tient à son milieu par d'invisibles racines, comme une plante au coin de sol dont elle absorbe la sève. Donc, en se transcrivant dans son oeuvre, l'artiste se trouve avoir du coup transcrit quelque chose de ce milieu, une portion de cette grande âme contemporaine dont il est une des pensées, un peu du vaste coeur de sa génération dont les battements retentissent en lui. Il résulte de là que, si la poésie d'un poète se trouvait absolument en dehors de toute date et de toute époque, elle serait une oeuvre de mort, simple curiosité d'école, bonne à divertir des scolastes, mais incapable de servir de pâture vivante à des hommes vivants.*

PAUL BOURGET [N. do A.]

Como há na natureza humana uma unidade inextricável, é evidente que a obra literária ou artística, concebida e produzida por uma necessidade profunda, deve assim manifestar todo o homem que a concebeu e produziu, com sua percepção particular do mundo e de si mesmo, com sua maneira, terna ou amarga, de experimentar o real, com sua essência, enfim, mais íntima e mais verdadeira. Mas essa essência enreda-se em raízes invisíveis, como uma planta no solo do qual ela absorve a seiva. Assim, transcrevendo-se na obra, o artista transcreve ao mesmo tempo alguma coisa desse meio, uma parcela dessa grande alma contemporânea de que ele é uma das expressões, um pouco do vasto coração de sua geração, cujos batimentos nele ressoam. Resulta daí que, se a poesia de um poeta estivesse absolutamente fora de qualquer data ou época, ela se tornaria uma obra morta, mera curiosidade escolar, boa para divertir os escoliastas, mas incapaz de alimentar os homens vivos. [N. do O.]

Este estado d'inteira adaptação entre a obra dum espírito e o espírito dum época dá-se quando a humanidade atravessa estados d'incerteza ou d'angústia, ou às horas de transição em que uma idade está morta, quando ainda outra mal vem alvorecendo. O poeta faz-se então o apóstolo da ansiedade geral, o profeta da aurora que nem boceja sequer ainda entre os escombros. É Leopardi em Recanati, aos vinte anos, pondo a sua tristeza de raquítico em versos febris e límpidos, e elevando-se por ela à expressão mais patética da dor. É Herculano em Plymouth, chorando as saudades da pátria crucificada ao miguelismo, ou inspirando as suas elegias nos conflitos liberais de 32 e 34. É Byron tentando esculpir, na selvageria das suas figuras, a revolta do gênio contra os pequenos moldes da sociedade artificial que lhe reprovava as excentricidades. Walter Scott, o *clarificador da história*, segundo Hazlitt, renovando o interesse histórico na literatura escocesa por um gênio de narrador sem rival. E Baudelaire, Musset, Rollinat e Richepin, exprimindo a saciedade cética e a inquietação nevrótica e doentia das nossas civilizações atuais.

Porém, a crise passa, resolveu-se a dificuldade política, o cadafalso ou o exílio levaram o tirano que motivara a revolução. Na sua labutação incansável de mineiro, a humanidade depara com novos filões vitais que lhe avigorentam a trama, sacudindo-lhe a tristeza enervante. Uma outra era sorri. Aquele estado do ser moral coletivo evaporou-se e foi curado. E eis que a musa desflorada emurchece da frescura radiosa que primeiro fizera chispar cintilas nos corações oprimidos! Por forma que se escreverá desta poesia o que Guy Patin já dissera de certos remédios em moda — que era i-los tomando enquanto curavam. De fato, quem compreende hoje a musa católica de Chateaubriand? Onde reboia um eco sequer da poesia jacobita de Diana de Vernon? Que he-

róis de Byron não fariam hoje rir François Coppée e Catulle Mendès? O que há d'atualidade no amor heroico de *D. Carlos*, e no amor cavallheiresco de *Aben-Hamet*? Como sentir pulsar uma alma, mesmo, na *Idade Média* de Víctor Hugo<sup>3</sup>? Esses grandes bocados são vozes sem eco na alma moderna, alguns já tão frios que parecem só feitos d'ênfase, tão longe vamos do pensamento que os ditou. Não correram muitos anos desde que Napoleão III desceu à história, e já declinam os *Châtiments*, como se a mediocridade política da figura que os inspirou descorar pudesse a poesia demolidora do nosso velho colosso romântico. A humanidade não quer dos pequenos interesses circunscritos aos pequenos grupos: por isso depressa passa do gosto essa poesia d'episódios locais. Entanto ela tem as suas grandes paixões indomáveis, eternamente vivas, sangrentas e fecundas, as suas grandes cóleras, as suas soberbas forças heroicas; e a musa que as vibra é a única que nunca morre, pois ela presta a sua voz à alma mesma da humanidade. Sem arcabouço para suportar a formidável massa dos assuntos contemporâneos, secos, positivos, que não deixam margem a voos d'imaginação, e dos quais só a monografia, o tratado de ciência, o panfleto, o romance d'análise etc. podem dar conta e fazer correr mundo; a poesia, como vulgarizadora, carece de fôlego, e, tentada há pouco ainda, está agonizante, ou morreu à nascença.

Os assuntos práticos de que se convulsiona a moderna vida, esses vastos problemas que fecundam as riquezas e centuplicam as ideias, criando necessidades, gostos, aptidões e pontos de vista, sobre que logo outras indústrias e interesses vão polarizar-se, anquilosar-se, e contundir-se – determinam no mundo uma circulação tão brusca e constante, prendem o homem em tal gargalheira d'atividades, que o

---

3  A. Pontmartin. [N. do A.]



seu coração, tornado egoísta pela fadiga, perde a impressionabilidade de sentir e traduzir aquelas emoções líricas e finas, que em outras juvenis idades eram a paixão dos espíritos nobres, e entretinham a vida sóbria, tudo explicando pelo sentimento, exprimindo tudo pelo símbolo, e pondo na palestra e na escrita, entre imagens e juízos simples, essa gotejante alegria solar, que nas zonas temperadas faz tão exuberantes as culturas da terra e as manifestações da inteligência. Em nossos dias o espírito positivo matou o sentimento poético, que o exclusivismo individualista está acabando de matar. A análise encaneceu a juventude do nosso coração, e já não vamos com túnicas de linho branco, coroados de flores, saudar a primavera entre evoés pagãos, ébrios do amor panteísta que se nos entornava da alma em golfões, como um Chipre raro, das belas ânforas d'ágata, vermiculadas d'oiro. O amor, quando não seja um cálculo, transfaz-se numa extravagância dos sentidos, que falsearam a impressão para que tinham sido criados. Quebrou-se o elo natural entre a turba e o poeta. Cada lira restringe a sua glória a pequenos *clubs* de crentes maníacos, que passam a vida imobilizados no êxtase d'aberrações postas em rima, aberrações que, pela estranheza, dir-se-iam pescadas no álcool dos museus de teratologia hospitalar. Desnecessário exemplificar. É ler a maior parte dos versos célebres dos nossos dias, as *Odes Funambulescas* de Bainville, as *Chansons des Gueux* e as *Blasphèmes* de Richepin, as *Flores do Mal* de Baudelaire, as *Nevroses* de Rollinat, e todos os volumes que mais ou menos gravitam à volta destes. Jamais o metro foi tão rico, a rima tão hilariante, a língua tão plástica, e tão embelezada a imagem, duma cinzelura vaporosa! Mas o talento, rebuscando os efeitos d'arte mais excêntricos, e querendo ferir por uma originalidade arqui-doida, estrangula a voz dos sentimentos naturais, turba a grande veia límpida da inspiração, falseia a sinceridade da alma que se queixa ou

que exulta, mira efeitos teatrais na emoção que explora, caindo numa sorte de monomania bizarra. Tudo neste certâmen condiz ao fim: a rima procurada entre palavras obsoletas, as imagens colhidas entre os fenômenos mais repelentes, mais extravagantes, mais recônditos, e o tema inicial quase sempre talhado em podridões, misérias, infâmias ou bufonerias. Eu não nego o gênio destes extraordinários analistas. Quantas vezes Rollinat me tem dado pesadelos! Mas tantos desses patológicos assuntos não diriam melhor numa monografia científica? Cuidam os poetas pagar com as maravilhas da fatura a frialdade ou o artifício do sentimento interior – e assim ficaram as estrofes, enfileiradas, enigmáticas, mortas, como uma avenida d’*es-finges* que leva à necrópole deserta.

Resta a poesia puramente lírica, a poesia que o amor glorifica, nas transfigurações do idílio e paixão platônica das puras formas: bando de visões tecidas de sonho e nuvem, desejos duma serena plenitude que todos os seres compartilhem, desde a alga microscópica até ao homem de gênio – poesia perfumada dessa ternura infinita, castíssima, maternal à força d’*íntima*, que vibra no poeta ante os mais leves aspectos sensíveis. Através das evoluções do espírito moderno, no vortilhão doentio dos que todos os dias renovam os seus ideais, há pequenas sinagogas de contempladores e eternos crentes, imutáveis como o dogma, aos quais as velhas coisas inspiram culto apaixonado, e que se comprazem em cultivar os afetos simples do espírito, ingenuamente expressos, ingenuamente sentidos, e camonianamente cantados. A poesia que eles fazem, repassada do sentir da multidão anônima, parece antiga como a estatuária grega, e como ela eterna pela graça rústica que acentua, e pela límpida e franca linguagem que emprega. Nesta situação, o poeta lírico é um ser à parte, uma espécie de divino sonâmbulo, cristalizando dor a dor, soneto a soneto, na

sua alma, como numa concha, à força de concentração, contemplação, o grande ideal d'amor absorvente, que se alimenta de puríssimas reminiscências de beleza, e flutuante nas asas do êxtase, tudo vai sagrando por onde quer que passe. É o caso de João de Deus, recolhido nas contemplações da sua mocidade algarvia, rimando singelos amores com raparigas do campo, e dizendo as saudades de *Marina* morta, e a meiguice frágil de *Margarida*, naquela forma primitiva do lirismo português, que no século XVI radiava em fragmentos de Gil Vicente, Sá de Miranda e Camões.

Instintivamente, indaga-se a quantos séculos de distância está a voz que se escuta rimando essa canção paradisíaca e divina, onde entanto lateja o coração do mundo, e quer-se perscrutar a maneira por que eles têm conservado, na complexa vida deste século, a limpidez d'espírito da antiguidade. Conhecem o *lied*? É um gênero de poesia vaporosa e ingênua, que se encontra por toda a Alemanha, incorporado na vida do povo. Através da sua forma fantasiada, das suas divagações nebulosas, o *lied* conserva um lado real, que se prende a todos os atos do viver alemão e vai maravilhosamente a essa língua de todos os ritmos, hábil para todas as versificações, e cujo efeito acústico Philarete Chables compara a um ressoar d'órgão com tubos de cobre, em que as notas solenes se vão perdendo através do espaço. Os velhos *lied* são anônimos. Os modernos, que se inspiram na tradição, tarde ou cedo, perderão a rubrica, ao entrarem no reportório da massa. O *lied* foi muito tempo exclusivo do povo, que traduzia por ele as tendências e emoções da sua alma, o amor, as harmonias da boda, o nascimento do primeiro filho, o entusiasmo da caça, o poder da superstição, a cólera, o ciúme, o luto... Associava no espírito emoções dispersas, insuflando vida nas lembranças arredadas da memória. É o canto familiar da Alemanha; e trazendo refrigério às existências votadas aos rudes misteres,

nenhum outro guarda como ele essa floração exótica de nacionalidade, que isenta por todo o sempre das frias versões estrangeiras. Porque se não trata bem da balada escandinava, com olhos cor de violeta, alvorecida ao luar, na brancura imaculada dos *fiords*; nem há nesta poesia a petulância da canção berangeriana, ou o sarcasmo do epigrama latino, à André Chenier. É um canto bonacheirão como a fábula, com o ceticismo ligeiro, a graça loira e feminina, a sensibilidade nova e virginal, procedendo um pouco à maneira das comédias poéticas de Shakespeare, e deixando dormir no fundo um vago bom humor de burgo-mestre apaixonado por tulipas, típico no país de Henri Heine, como ess'outro humorismo de Yedo e Nagasaki, que até nas esculturas dos templos abre o seu riso, entre infantilmente surpreso e velhaco. Para estas inefáveis serenadas, os maiores compositores da Alemanha têm feito música, Dessauer, Schubert, Schumann: e é um prazer ouvi-las já modificadas ao dizer plebeu, nos trabalhos do campo, nas vindimas do Reno, no interior das cabanas, ao serão, à saída da escola, e pelas ruas, nos templos e nas *kermesses*. Henri Blaze, pensando numa renovação de moldes para a poesia lírica francesa, recomendava aclimar-se o *lied* para cá do Reno. Quanto a nós, João de Deus atingiu admiravelmente este gênero de composição, nas *Loas à Virgem* e no *Era Já Noite Cerrada*, gênero que Campoamor sabe vestir com uma graciosa simplicidade. Mas como generalizar hoje uma tal poesia, quando o espírito não tem mais o perfume da adolescência, e a frescura das idades primaveris?

O lirismo profundo morre pois falto de condições sociais que o impulsionem e fecundem. Pode guardar-se donde aonde, por um prodígio de cultura, no coração d'algum destes sublimes eremitas, estacionados à margem do tumulto moderno, assim como, num frígido país, a planta tórrida consegue medrar, por excessivos cuidados, na calafe-

tada estufa que lhe há de ser cárcere por toda a vida. Compreende-se de feito que um homem passeado pela vida artificial dos cafés, dos teatros, das redações, do parlamento, das salas e das capitais esteja autenticamente incapaz de se transfigurar, por exemplo, na *Adoração* que abre as *Folhas Soltas* do nosso adorável João. Quando muito, terá ele mais lapidada a estrofe, desesperando, à força de correção, os que venham para atingi-lo ou imitá-lo. No fundo, porém, o sentimento andarà dinamizado ou artificialmente posto em jogo; e em vez do eterno amor dominativo e panteísta, a obra revelar-nos-á um ceticismo elegante, uma índole romanesca, incapaz de ser dominada pela paixão, um lírico da decadência, melhor: um *parnasiano*. Luís Guimarães é um parnasiano.

Parnasiano, disse eu, como Armand Silvestre e como Theodoro de Bainville, no esforço de renascença poética do Portugal contemporâneo. Desde que a função crítica da análise se tornou início e fundamento de toda a educação atual, o nosso tempo destronou a inspiração pela reflexão e substituiu os profetas pelos sábios. Os mesmos poetas começaram d'escrever em prosa os seus poemas, primeiro que os fossem instrumentando nas cadências musicais do metro; e forraram duma utopia ou duma ideia filosófica todos os assuntos que se propuseram vestir na púrpura dos ritmos poéticos. Ides supor que uma arte assim crucificada sobre a reflexão não tenha podido ser fecunda em criações de grande fôlego — senão comece d'estiolar-se em bastardias pálidas, de cujas ramificações provenham livros inexpressivos, doentios, impertinentes, hysterizados num bizantismo de requinte, e de todo o ponto exangues porque lhes falte a paixão. No romance, o *À Rebours* e a *Manette Salomon*. Em poesia, as *Nevroses* e os *Soirs Moroses*. Seja. Entanto, uma tal arte fotografa a alma atual. Primeiro, é adorável como entidade: tem a sutileza hipócrita, a afetação

elegante, uma esplêndida *toilette*: e mente bem, e é delicioso, hão de confessar, ser-se iludido por uma criaturinha daquela provocadora distinção. Depois, tudo nela vem pautado e rescendendo a *mise-en-scène*, o menor gesto que ela esboce, a mais ligeira palavra que ela diga, o amor, o ódio, a nostalgia, o ciúme... Não procurem todavia forçar-lhe o limite de sinceridade para que foi feita. Um passo além, desmanchar-lhe-ia a caracterização de musa olímpica: e veríamos por baixo a *grizette* fazendo *pied-de-nez* à galeria.

Se eu quisesse agora inferir do homem físico uma constituição psicológica que viesse explicar-me a obra do artista, tracejaria de Guimarães a longa biografia de esforços, viagens e empreendimentos que o trouxeram coroado príncipe, volvidos anos, ao doce país polar da mais aristocrática das artes, a poesia. A lei de Taine, tão nitidamente científica, pela qual se estabelece a mútua dependência entre uma dada literatura e uma dada sociedade, dissecar-me-ia esta entidade d'escritor que irrigaram as influências fatais da *raça*, do *meio* e do *momento*.

É um americano, móvel de fisionomia e de caráter, precipitado, presente, ardente, e incapaz de concentrar-se num assunto por mais de algumas horas. Daí talvez a sua predileção pelo soneto. A viveza estranha da sua máscara estereotipa e reflete a impressionativa feminilidade do seu talento. Tem, na beleza física dum tribuno, os olhos terríveis dum domador de feras: e como as vidraças duma galeria de palácio, deixando transudar iluminadas, a magnificência orgiaca das salas, músicas d'orquestra, e centenaes de pares remoinhando em *cotillons*, assim direis que as pupilas dele, cintilando entre as íris de fibrilhas frenéticas, nos fazem assistir ao carnaval furioso da sua imaginação de sobre-excitado.

Os adocicados d'origem que na pronúncia tem sabido guardar este homem, por um orgulho talvez de patriota, e malgrado o afastamento

da pátria, longos anos, dão-lhe à conversa essa ternura melíflua e põem no ouvido essa bizarra sensualidade, que fizeram do brasileiro falado um dialeto do português, e contra cuja fixação definitiva na língua a literatura escrita todos os dias protesta, na sua teimosia de ainda insinuar a velha preponderância portuguesa, na constituição da jovem nacionalidade<sup>4</sup>.

Guimarães sabe a pitoresca impressão que produz falando assim. Aquela *soutache* poética que a boca emite articulando os beijos em buraco de flauta, e nos plurais sifla os *ss* como uma chuva d'orvalho caída de néctares de fúcias, sobre as divinas mãos d'uma mulher: aquelas construções gramaticais, onde o pronome precede o verbo, como em *Me disse, Me adora...* e em que os finais das palavras se retraem pela omissão dos sufixos característicos, como em *sinhá, cantá* (cantar)... – alvo da troça, aquela *soutache*, na pronúncia dum grosseiro colono repatriado – na língua dum fino artista e na palestra duma rapariga de salão, ela quer dizer uma condensação de graça fonética – introduz modulações, veludidades, carícias, que exornam d'um requinte novo, duma incrustação, duma *rocaille*, a nossa velha língua mãe, e por muito tempo deixam na orelha a difusão da mais voluptuosa sinfonia.

Uma tal linguagem parece feita para ser falada em cortes d'amor: há nela preguiças, começos d'ais, *frou-frous* de roupas, titilações... Cada mestiçagem lhe insinua uma sutil volúpia, uma angústia nova e divina: e sentem-se balbuciar na sua trama as virgindades duma raça que desperta ainda, sem passado, como as crianças, monossilabando reminiscências de sonhos heroicos e translúcidos. Agora junte-se a esta feição da língua a excelsa glória da paisagem, que a luz alaga, e a caprichosa natureza sabe vestir em formas fantasiosas, árvores, montes, baías, ca-

---

4  T. Braga – *Parnaso Português Moderno*. [N. do A.]

tadupas... Lá, onde a calma aperta, e cantam as aves mais extraordinárias da terra, e se ouvem as núpcias da seiva, caule a caule, na misteriosa alcova das florestas, o espírito, naturalmente exaltado à contemplação, deriva por seu turno na cheia sensual desses titânicos e cósmicos amores. Filho de colono, o brasileiro guarda na alma a indefinida nostalgia que vira bruxulear nos olhos dos pais. A mesma criação opulenta que o cerca, o humilha e acabrunha: entanto, as paixões dela propagam-se-lhe ao sangue em efervescências insofridas, e um *gulf-stream* de magnéticos amplexos o arrasta no vortilhão das monstruosas e sagradas gestações da natureza. Assim, o poeta é lá um produto do clima e do solo, como os frutos, como as flores. Nem quase cultivá-lo é necessário.

Em Luís Guimarães, está de ver, todas estas determinantes convergiam a impulsionar-lhe o talento. Em 1869, ao formar-se em Direito, na escola de Pernambuco, contava já na bagagem literária dois volumes de versos: *Corimbos*, composições soltas, e o poemeto *Mont'Alverne*. Estou a pensar que *Mont'Alverne* não arrojará o poeta para excessivas culminâncias artísticas. Entanto os *Corimbos* elucidam-nos à farta sobre as nativas qualidades da sua inspiração.


Ali pululam blandícias e ardores duma natureza essencialmente amorosa, a que a melancolia presta o seu colorido romântico. Ali bate pulso uma insofrida febre d'ideais, e ânsias de paixão donde se vê gol-fando uma seiva inesgotável. Neste livro de lírico, em cujos ditirambos rebrilham, numa espécie de petulância, as indecisas graças da mocidade, edita-se a alma virgem de contatos, duma selvageria sincera e duma insaciável virulência amantética – alma sonora d'americano, cheia de ímpetos, onde ao mesmo tempo tivessem deixado ressonância o gemer da araponga e o rugir do leão, o cântico e o grito: e entre ambos, toda a vastíssima gama das emoções intercalares.



Vejam os seus livros de prosa, dessa época<sup>5 e 6</sup>. Eles confirmam as características que nos *Corimbos* apontei. De quase todos eu conheço páginas. A forma é fluida, abundante, irrisada d'ornatos, pouco refletida, evocativa porém, e fazendo lembrar pela contextura fácil Julio Machado e Manoel Roussado, seus contemporâneos e amigos. As suas crônicas e fantasias literárias afiguram-se-me pequeninas obras d'acaso, feitas numa aberta de mais sérios trabalhos, e brilhando apenas pela ironia benigna, e saltitante esmalte da adjetivação. Nos contos, a intriga decorre para assim dizer do humor ocasional do contista, no momento da concepção; tipos simples, situações de pura idealidade poética, diálogos onde o recorte literário predomina: e toda a paisagem de roda, não conseguindo fazer atmosfera intelectual à tensão dramática do assunto, que não existe, fica para assim dizer um *motivo* repetido em surdina, na orquestra do descritivo, e avulta no quadro como um pormenor decorativo simplesmente, poetizado, alindado, lembrando os tons lilases dum sanguíneo visto por trás dumas lunetas cor d'azul. Entanto a nota amorosa, dominadora do caráter do artista, atinge aqui por vezes o arroubamento lírico, emprestando então à narrativa um tom de sinceridade que provoca o interesse. A minha conclusão é pois esta:


O isolamento na pátria, entre as ubérrimas maravilhas do solo e as visões interiores do seu espírito, tão finamente idealista, cedo ou tarde

---

5  Em 72, com vinte e sete anos apenas, Guimarães começou a sua peregrinação diplomática como adido à Embaixada Brasileira no Chile, após uma curta vida jornalística no Rio, durante a qual deu à estampa os seguintes volumes em prosa:

*Histórias para Gente Alegre*, 2 vol. — *Filigranas*, I vol. — *Contos sem Pretensão*, I vol. — *Noturnos*, I vol. — *Curvas e ziguezagues*, I vol. — *Biografia do Pintor Brasileiro Pedro Américo*, I vol. — *Biografia do Maestro Brasileiro Carlos Gomes*, I vol.

Em via de publicação, tem o poeta: *Lira Final*, I vol. de versos — *André Vidal*, drama histórico brasileiro, em verso. *A Pátria do Ideal*, impressões de Roma, I vol. [N. do A.]

6  Equivocou-se Fialho D'Almeida na nota anterior, pois *Noturnos* é livro de versos. [N. do O.]

teriam arvorado Luís Guimarães num dos mais profundos poetas líricos do nosso tempo. Tudo leva a profetizar que assim fosse — aquela sua compleição idílica, o seu poder d’evocação a distância, uma sensibilidade dolorosa e feminina, e a fantasia cálida extravasando d’invenções. O homem do mundo veio atenuar porém estas primitivas tendências do doce arrulhador de doloras maviosas. Flutuações de viagens despolarizaram-lhe o espírito da singeleza nativa: convívios de cortes e museus, mil acasos enfim do dandismo diplomático lhe foram desviando a sinceridade para uma espécie de risonho ceticismo.

Em 1880 vamos encontrar Luís Guimarães na Embaixada de Roma. Roma era a última estação duma série de residências que o poeta realizara, junto de todos os centros de inteligência europeia, através de cujas maravilhas, pudera exercitar as suas faculdades d’artista vibrante e progressivo.

Entre os *Corimbos* e os *Sonetos e Rimas*, de que a primeira edição viu luz em Roma (1880), aquelas viagens põem um interregno no furor de publicidade de que Luís Guimarães parecia acometido. Mas ao fim delas o americano está transfigurado num prodigioso cinzelador de melodias, destro, flexuoso, elegantíssimo; sabendo casar as mais raras graças nas mais fidalgas fantasias, e graduando a impressão com um tato d’ator e gentil-homem a quem não convém desmanchar a linha impecável d’artista. Especialmente Roma, com a sua grande área de monumentos, onde caem no chão, truncadas sob uma luz d’*atelier*, as memórias de muitas civilizações triunfadoras: Roma antolhar-se-ia ao poeta como a última e recapituladora lição duma série de preleções sobre o belo ideal nas suas profundas revelações através da arte. Ela lhe deu ao verso, talvez, uma academia de melhor gosto, nada rígida, nada comum, e salvando-se pela nobreza desse *chic* d’ocasião, que, passado de moda, invalida e torna efêmera obra dum grande número d’escritores.

Vênus sem braços! Divinal grandeza!  
Abençoada seja a mão calosa,  
Que te arrancou à entranha criminosa  
Da terra...

Ou como na “Borrallheira”:

Meigos pés pequeninos, delicados  
Como um duplo lilás, – se os beija-flores  
Vos descobrissem entre as outras flores,  
Que seria de vós, pés adorados!

Luís Guimarães ficará pois na poesia portuguesa como o Massenet do soneto, exasperado de perfeição plástica, e acusando no mordido da forma a paciência dum buril seguro do que pretende. O mistério de sedução da sua poesia está antes de tudo no modernismo que dela ressumbra, e na sua atualidade perante o público que a compulsa e lhe dá voga: público cético e *blasé*, que, tendo visto, baquear todas as sortes de cultos e ideais, lentamente foi perdendo a aptidão d’isololar-se em transcendências de sentimento. Nem sempre, nos versos dele, a emoção resultará do sentimento afetivo acordado na alma pela ideia dramática do assunto, senão por uma convergência de melodias exóticas que a linguagem lhe empresta, já pela rima, já pela imagem, já pela estridorosa eufonia do adjetivo e do metro. É uma emoção que vai ao cérebro antes pelo ouvido do que pelo coração, e que eu de melhor grado agradeceria à música do que à literatura. Poucos livros deixam, como os *Sonetos e Rimas*, recompor com mais escrupulosa fidelidade a fisiologia artística do escritor, estudar sob que aspectos as coisas o ferem, depois ver como ele faceta e lapida a mais leve das suas impres-


sões d'aquarelista — águia ou albatroz por cima da vaga ululante, um fim de valsa fugindo pela janela entreaberta, *silhouettes* de cúpulas, escorços de paisagens, perfis de mulher, qualquer efeito ou qualquer tom — para as cristalizar depois no engaste dum soneto ou de meia dúzia d'estrofes. Deliciosa maneira artística, onde eu descubro o que de mais puro tem a língua e a poesia de mais plástico; e onde, como num ciclorama vertiginoso, cintilam transparências d'água entre maciços de folhagem, rumores de abelhas e trilos d'aves, ziguezagues de caprichos, acaroados de ocaso, nudezes ebúrneas estátuas... todas as músicas enfim do universo que respira e canta, na plenitude do seu disforme ser. A perfeição calma do verso trai o homem que percorreu os receptáculos da grande arte mãe, beijou os nus sublimes de Sanzio e Vinci, e conhece de perto o diletantismo canalha das modernas capitais. E o verso, assimilando inconscientemente as pomas das deusas, as musculaturas dos efêbos e dos heróis, transparências de marinhas cortadas de *steamers*, sorrisos de mulheres e reminiscências d'efêmeros amores; o verso sai-lhe numa correção esvazada, numa largueza d'estilo, lavrando em cada uma dessas pequeninas obras-primas um baixo relevo d'Acrópole, fulgurante e divino. Na escultura de muitos dos sonetos do livro também sentirá o leitor a cada instante, inquietada, proeminente, a influência do *bibelot* na arte d'escrever, que já surpreendera Paris nos primeiros romances dos Goncourts.

Depuradora do gosto, e dando ao espírito uma percepção mais luminosa, mais dolorosamente incisiva, da vida das coisas, aquela frequência pelo *bric-à-brac*, das formas d'arte, rebuscadas ou exóticas, desperta alfin na personalidade do escritor uma rara elegância sugestiva, e uma singular finura de concordância estética. Estas qualidades são inimigas da violência e proibem no poeta a explosão dos sentimentos extremos: — aquelas grandes cóleras dramáticas de que o ro-

mantismo tirava efeitos para escravizar as plateias ávidas de calafrio. Mesmo, uma preocupação de serenidade aristocrática transluz em todos os pormenores da *Lírica* de Luís Guimarães. Na sua ironia, por exemplo, que ele atenuou até uma espécie de humor benévolo, serpenteando duma existência sem contratempos nem torturas. Na sua voluptuosidade, que é uma espécie d'arrulho amoroso, mesmo apesar do seu temperamento escandecido. E aqui e além, notas críticas, intenções de malícia casta, finuras de desenho encantadoras – como nas *manchas* das porcelanas japonesas, família *rose* ou *vert-celadon*, que, sem nervuras salientes, abstraindo a linha quase, dão a ideia por massas, num efeito sutil d'abstração acessível somente às retinas educadas. Este lírico, gasto pela poesia do coração, educou os olhos para a compensação de descrever, no dia em que já não pudesse amar. E neste ponto o parnasiano fica, com extraordinárias qualidades de paleta e cinzel – um refinado. Que talvez pudesse dizer, como o *Charles Demailly* dos Goncourt – *je suis un homme pour qui le monde visible existe*<sup>7</sup>.




---

7  “Eu sou um homem para quem o mundo visível existe”. [N. do O.]



A

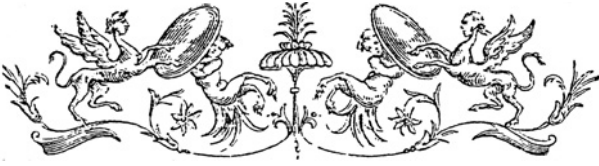
C E C Í L I A G U I M A R ã E S

N O D I A D E S E U S A N O S

Roma, 20 de março de 1880







## *Misticismo*



*luz do teu sorriso*

*Meigo como o luar,*

*Sinto minba alma entrar*

*No azul do Paraíso;*

*E junto a Deus diviso*

*Bela a me contemplar,*

*Quem há de me amparar*

*No dia do Juízo:*

*Ó doce Formosura,  
Pura! mil vezes pura!  
Enquanto me sorrís,*

*Minha alma delirante  
Pensa na dor de Dante  
E pensa em Beatriz.*





*Nel mezzo del mio cor Madonna siede,  
E qual è la mia vita ella sel vede.*

No meio do meu coração Nossa Senhora reside  
E o que é minha vida só ela vê.\*  
– PETRARCA.

*Quod spiro et placeo, si placeo, tuum est.*

O que exponho e agrado, se agrado, é teu.  
– HORACIO. – *OP. IV, III, 24.*

---

\*  Tradução de Vera Lúcia de Oliveira.



## [O Coração que Bate neste Peito]


O coração que bate neste peito  
 E que bate por ti unicamente,  
 O coração, outrora independente,  
 Hoje humilde, cativo e satisfeito;

Quando eu cair, enfim, morto e desfeito,  
 Quando a hora soar lugubrementemente  
 Do repouso final, – tranquilo e crente  
 Irá sonhar no derradeiro leito.

E quando um dia fores comovida  
 Como visão que entre os sepulcros erra,  
 Visitar minha fúnebre guarida,

O coração, que toda em si te encerra,  
 Sentindo-te chegar, mulher querida,  
 Palpitará de amor dentro da terra.<sup>1</sup>

---

1  Na *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana* (1938:41), Manuel Bandeira indica ser este verso final uma tradução de Stecchetti: “*Fremmeranno d’amor dentro la fossa*”. [N. do O.]



## O Esquife

Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela.  
– GARRETT.

Como é ligeiro o esquife perfumado  
Que conduz o teu corpo, ó flor mimosa!  
Mal pousaste entre nós, alma saudosa,  
Pouco adejaste, ó querubim nevado!

E vás descendo ao túmulo sagrado,  
Igual à incauta e leve mariposa  
Que sem sentir queimou a asa ansiosa  
Do mundo vil no fogo profanado.

Mas eu, que acabo de te ver perdida  
Nos abismos sem fim da Natureza,  
Ó minha filha! ó terna flor caída.

Eu, que perdi contigo a fortaleza,  
As ilusões, o gozo, a crença e a vida,  
Ah! eu bem sei quanto esse esquife pesa!

*Londres.*

## O Sono de um Anjo

Quando ela dorme como dorme a estrela  
Nos vapores da tímida alvorada,  
E a sua doce fronte extasiada  
Mais perfeita que um lírio, e tão singela,

Tão serena, tão lúcida, tão bela  
Como dos anjos a cabeça amada,  
Repousa na cambraia perfumada,  
Eu velo absorto o casto sono dela.

E rogo a Deus, enquanto a estrela brilha,  
Deus que protege a planta e a flor obscura  
E nos indica do futuro a trilha,

Deus, por quem toda a Criação se humilha,  
Que tenha pena dessa criatura,  
Desse botão de flor – que é minha filha.

*Florença.*



## Fora da Barra

Adeus! Adeus! Nas cerrações perdida  
Vejo-te apenas, Guanabara ativa...  
– VARELLA. – AO RIO DE JANEIRO

Já vamos longe... Os morros benfazejos  
Metem na bruma os cimos alterosos...  
Ventos da tarde, ventos lacrimosos,  
Vós sois da Pátria os derradeiros beijos!

As alvas plagas, os profundos brejos,  
Ficam além, além! Adeus, gostosos  
Tormentos do passado! Adeus, ó gozos!  
Adeus, ó velhos e infantis desejos!

Na fugitiva luz do sol poente  
Vai-se apagando – ao longe – tristemente  
Do Corcovado a majestosa serra:

O mar parece todo um só gemido...  
E eu mal sustenho o coração partido,  
Oh terra de meus pais! Oh minha terra!

1873.

## O Cruzeiro do Sul

Não vimos mais enfim que mar, e céu.  
– *OS LUSÍADAS.*

Tudo sumiu-se na distância... Agora  
Que o tombadilho escuro e sossegado,  
Convida o amargo espírito exilado  
A relembrar a vida, hora por hora:

Minha alma como a sombra gemedora  
Das velhas lendas corre o iluminado  
E vasto espaço, apenas animado  
Pela vaga do mar alta e sonora;

Do firmamento esplêndido e imponente  
Alguém me diz: “Tu voltarás um dia,  
Ó coração! à tua pátria ausente!”

E elevo a fronte à abóbada sombria:  
Era Deus, cujas vozes simplesmente  
O Cruzeiro do Sul me repetia.

## Visita à Casa Paterna

A minha Irmã Isabel.

Como a ave que volta ao ninho antigo,  
Depois de um longo e tenebroso inverno,  
Eu quis também rever o lar paterno,  
O meu primeiro e virginal abrigo:

Entrei. Um Gênio carinhoso e amigo,  
O fantasma talvez do amor materno,  
Tomou-me as mãos, – olhou-me, grave e terno,  
E, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... (Oh! se me lembro! e quanto!)  
Em que da luz noturna à claridade,  
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem há de?  
Uma ilusão gemia em cada canto,  
Chorava em cada canto uma saudade.

Rio – 1876.

## A Esmola

Vás para o baile, é hora: as flutuantes  
Gazes te envolvem como as névoas puras  
Que os astros vestem nas azuis alturas...  
Vás coberta de gaze e de brilhantes;

E, enquanto espalhas graças deslumbrantes,  
Repleta de opulência e de venturas,  
Há um milhar de pobres criaturas,  
Que se estorcem – na noite – agonizantes:

Moças sem pão, crianças magras, nuas,  
Cujo suplício fora aliviado,  
Se quisesses das pálidas mãos tuas,

Num santo gesto, rápido e ignorado,  
Deixar cair na lama dessas ruas  
Um alfinete só do teu toucado.

## A Morte da Águia

A bordo vinha uma águia. Era um presente  
Que um potentado, – um certo rei do Oriente,  
Mandava a outro: – um mimo soberano.  
Era uma águia real. Entre a sombria  
Grade da jaula o seu olhar luzia,  
Profundo e triste como o olhar humano.

Aos balanços do barco ela curvava  
Ao nível colo a fronte que cismava...  
E enquanto as ondas túrbidas gemiam  
Ao som do vento – em lúgubres lamentos,  
Ela pensava nos longínquos ventos  
Que do Himalaia os píncaros varriam.

Fora uma infame e traiçoeira bala,  
Que do régio fuzil negra vassala,  
Invisível – uma asa lhe partira:  
Cheia de luz, tranquila, majestosa,  
Dobrando a fronte branca e poderosa,  
Aos pés de um rei a águia real caíra.

Os bonzos vis, proféticos doutores,  
Sondando-lhe a ferida e as cruas dores,  
Que um venenoso bálsamo tentava  
Apaziguar em vão, – diziam rindo:  
“Não há no mundo um exemplar mais lindo:  
Vale um império!” – E a águia agonizava.

Um dia, enfim, o animal valente  
Resistindo aos martírios, – largamente  
Respirou a amplidão. A asa possante  
Abrir tentou de novo. Aberta estava  
A jaula colossal que o esperava:  
Forçoso era partir. Desde esse instante,

Muda, sombria, a águia pensativa,  
Solene mártir, vítima cativa,  
Terror dos vis, e símbolo dos bravos,  
Pedi a morte a Deus, – pediu-a ansiosa,  
Longe, porém, da corte vergonhosa  
Desse covarde e baixo rei de escravos.

Pedi a morte a Deus, o cataclismo,  
As convulsões elétricas do abismo,  
As batalhas do ar! Morrer num grito  
Vibrante, imenso, heroico, soberano,  
E rolar sobre as ondas do Oceano,  
Como um titão caído do infinito.

Morrer livre, cercada de vitórias,  
Como suas asas – pavilhão de glórias –  
Inundadas da luz que o sol espalha:  
Ter o fundo do mar por catacumba,  
As orações do vento que retumba,  
E as ferventes espumas por mortalha.

Por isso, melancólica, tristonha,  
Como um gigante mórbido que sonha,  
Fitava, às vezes, o revolto Oceano  
Com esse olhar nublado e delirante,  
Com que saudava a César triunfante  
O moribundo gladiador romano.

O comandante – urso do mar bondoso –  
Disse um dia ao escravo planturoso,  
Ao portador do imperial presente:  
“Leve-a ao convés. Verá que esse desmaio  
Basta para apagá-lo um brando raio  
Do largo sol no rúbido oriente”.

Subiu então a jaula ao tombadilho:  
Do nato dia o purpurino brilho  
Salpicava de luz o céu nevado...  
E a águia, elevando a pálpebra dormente,  
Abriu as asas ao clarão nascente  
Como as hastes de um leque iluminado.

O mar gemia, lóbrego e espumante,  
Açoitando o navio; – além – distante,  
Nas flamejantes bordas do horizonte,  
As matutinas névoas que ondulavam,  
Em suas várias curvas figuravam  
Os largos flancos triunfais de um monte.

“Abra-lhe a porta da prisão” (ridente  
O comandante disse): “Esta corrente  
Para conter-lhe o voo é mais que forte:  
Voar! pobre infeliz! causa piedade!  
Dê-lhe um momento de ar e liberdade,  
Único meio de a salvar da morte”.

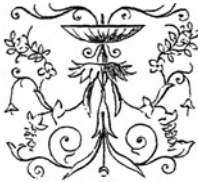
Quando a porta se abriu, – como uma tromba,  
Como o invencível furacão que arromba  
Da tempestade as negras barricadas,  
A águia lançou por terra o escravo pasmo,  
E, desprendendo um grito de sarcasmo,  
Moveu as asas soltas e espalmadas.

Pairou sobre o navio – imensa e bela –  
Como uma branca, uma isolada vela  
A demandar um livre e novo mundo;  
Crescia o sol nas nuvens refulgentes,  
E como um turbilhão de águas frementes,  
Zunia o vento na amplidão, – profundo.

Ela lutou, em vão! Nova agonia  
Sufocava-a. O escravo lhe estendia  
Os miseráveis e covardes braços;  
Nu o Oceano ao longe cintilava,  
E a rainha do ar, em vão, buscava  
Onde pousar os grandes membros lassos.



Sobre o barco pairou ainda, – e alçando,  
Alçando mais os voos, e afogando  
Na luz do sol a fronte alvinitente,  
Ébria de espaço, ébria de liberdade,  
Como um astro que cai da imensidade,  
Afundou-se nas ondas de repente.



## Temperamentos

Uma era loira, ingênua e vergonhosa;  
A outra, ardente, lúbrica, morena:  
Esta era a flor vermelha e voluptuosa,  
Aquela um branco lírio, – uma açucena.

Liam. Cheguei-me como faz um velho,  
Um velho e honesto professor de escola:  
Vi que a morena lia o Evangelho,  
E a loira lia o *Assomoir* de Zola.

## Meu Pai

A Minhas Irmãs.

Cai a floresta, majestosa e triste,  
Sob as foices do tempo; – os monumentos  
Ruem do inverno aos pavorosos ventos:  
Chegou a tua vez, meu Pai! caíste.

Mas como o odor que a natureza calma  
Deixa no largo bosque desfolhado,  
Dentro em meu peito, nu e amargurado,  
Deixaste-me, ao partir, toda a tua alma!

Ah! nesta terra mortuária e crua,  
Meu Pai! a vida é um fumo: esvai-se e some,  
Só a memória como a luz flutua;

Poupe-me a morte que hoje te consome,  
Dê-me o Senhor virtude igual à tua,  
Que eu talvez seja digno do teu nome.

1875.

## A Voz das Árvores

Enquanto os meus olhares flutuavam,  
Seguindo os voos da erradía mente,  
Sob a odorosa cúpula fremente  
Dos bosques – onde os ventos sussurravam,

Ouvi falar. As arvores falavam:  
A secular mangueira fielmente  
Repetia-me a rir o idílio ardente  
Que dois noivos, à tarde, lhe contavam;

A palmeira narrava-me a inocência  
De um brando e mútuo amor, – sonho que veste  
Dos loiros anos a feliz demência;

Ouvi o cedro, – o coqueiral agreste,  
Mas excedia a todas a eloquência  
Duma que não falava: – era o cipreste.

## Noite Tropical

**D**esceu a calma noite irradiante  
Sobre a floresta e os vales semeados:  
Já ninguém ouve os cantos prolongados  
Do negro escravo, estúpido e arquejante.

Dorme a fazenda: – apenas hesitante  
A voz do cão, em uivos assustados,  
Corta o silêncio, e vai nos descampados  
Perder-se como um grito agonizante.

Rompe o luar, ensanguentado e informe,  
Brotam fantasmas da savana nua...  
E, de repente, um berro desconforme

Parte da mata em que o luar flutua,  
E a onça, abrindo a rubra fauce enorme,  
Geme na sombra, contemplando a lua.

## Nostalgia

Pátria! berço d'amor que a alma embala  
Enquanto a luz vital nos ilumina.  
– JOÃO DE DEUS.

— **Q**ue tens? Cruenta dor, mágoas pungentes  
Dobram-te a jovem fronte esperançosa;  
Do Amor acaso a garra imperiosa  
Turbou-te o sono? O que tens tu? Que sentes?

Vem! Eu possuo em minhas mãos clementes  
O talismã da vida deleitosa:  
Vem! Junto a mim, ó alma caprichosa,  
Verás romper as manhas resplandecentes:

Dou-te a riqueza, a força, a alta vertigem  
Que a eterna Glória no regaço encerra,  
E apagarei dos males teus a origem.

— “Dai-me a vertigem da elevada serra,  
Dai-me as riquezas da floresta virgem,  
E — sete palmos só de minha terra”.

*Londres — 1874.*

## Natal

– 23 de outubro de 1879 –

Ei-lo feliz, contente, purpurino,  
Limpoo de mágoas, nu de desenganos:  
Ei-lo no berço, – velho de seis anos,  
Sempre a rir, como um Cristo pequenino.

Vê como fala o seu olhar divino,  
E a sua boca brilha! Os reis humanos  
Não são mais fortes – crê – mais soberanos,  
Que este mimoso e tímido menino:

Seu berço nada em lágrimas suaves,  
Ao som da voz das rumorosas aves,  
Dos turbulentos anjos da família:

E ele, a bater as palmas de alegria,  
Nos abençoa: – é seu Natal, seu dia:  
Hoje faz anos nosso Amor, Cecília.

## A Noite de S. João

*La streghe in frotte passano;  
È la notte, Maria, di S. Giovanni*

As bruxas aos bandos passam;  
É a noite, Maria, de S. João\*  
– PANZACCHI – ROMANZE E CANZONI.

**N**oite de S. João! Quantas legendas  
Na terra espalhas! Noite imensa e bela!  
Quereis senti-la bem e compreendê-la?  
Ide aos campos do Sul, ide às fazendas.

Do céu nas brancas e orvalhadas rendas, –  
Favorita de Deus – nua resvela  
A lua cheia... É sua noite aquela!  
E das bruxas também – dizem as lendas.

Eu, livre pensador de grave siso,  
Eu, que me ria dessas frioleiras,  
Depois que vi, ó flor do Paraíso,

Brilhar à luz vermelha das fogueiras,  
Teu divino semblante num sorriso,  
Creio em feitiços, creio em feiticeiras.

---

\*  Tradução de Vera Lúcia de Oliveira.



## Os Boêmios

Os boêmios vão cantando  
Pelas estradas reais,  
Enquanto o sol descambando,  
Doira as altas catedrais.

Um deles, esfarrapado,  
Meneia, aos sons da viola,  
Outro, lívido e esfaimado,  
Faz tinir a castanhola.

As mulheres e os meninos  
Seguem na frente a bailar,  
Ao som dos estranhos hinos  
Dessa orquestra singular.

Desde a manhã, todo o bando  
As ricas vilas explora,  
E vai, cantando, cantando,  
Enquanto a fome o devora.

Por vezes, uma criança  
Põe-se a tremer e a cair,  
Mas o pai grita-lhe: – dança!  
Dança! – e ela dança a sorrir.

Cobertos do pó da estrada,  
Seminus, magros, sedentos,  
Lá vão, em turma agitada,  
Os miseráveis, aos centos.

E rubro sol luminoso  
Continua a desmaiar  
Como um nababo amoroso,  
Sobre a terra e sobre o mar.

Ó pobres aves sem ninho!  
Pobres árabes sem tenda!  
Que em vosso negro caminho  
A morte não vos surprenda!

Cantai! cantai, triste bando,  
Vossa dorida canção!  
Deixai que o mundo execrando  
Vos negue o vintém de um pão!

Sois os poetas da estrada,  
Que a eterna febre consome,  
Não tendes cama doirada,  
Ai não! nem sequer um nome!

Mas seguis esfarrapados,  
Vossos destinos fatais,  
Protegidos e amparados  
Por secretos Ideais.

Quem sabe? Na atroz romagem,  
Como celestes visões,  
Vos guiam de Homero a Imagem,  
E o Fantasma de Camões.

.....

Enquanto o sol descambando,  
Doira as altas catedrais,  
Os boêmios vão cantando  
Pelas estradas reais...



## Londres

Como um gigante suarento, – dorme  
Nos pardos mantos duma névoa estranha,  
A cidade opulenta em cuja entranha  
Rasteja a fome como um verme enorme.

Dos lampiões à dúbia claridade,  
Passam, repassam vultos cautelosos:  
Este procura no mistério os gozos,  
Procura aquele um pão, na realidade.

Contra o cais solitário o rio escuro  
Geme convulso e espuma, – e novamente  
Volta a gemer, de encontro ao velho muro;

Retine o oiro: – vela a Indústria ingente,  
Cresce a miséria, e aumenta o vício impuro...  
Ó milionária Londres indigente!

## A Avó

Ao noturno clarão da lâmpada obscura,  
A avó, terna, sorri, de pálpebras cerradas,  
Enquanto pelo ar voam as gargalhadas  
Duma rósea criança, ardente de ventura.

E ela, ao gentil rumor daquela travessura,  
Cuida ouvir, como um eco, ao longe, outras risadas:  
Mas o seu pensamento cai, de asas quebradas,  
Sobre a cruz de uma negra e fria sepultura;

Sufocada de dor, – abaixa a fronte e chora...  
O menino a tremer beija-a e, num gesto, a implora:  
E a avó, ao deslizar do pranto que a conforta,

Prende nas magras mãos o risonho inocente,  
E, como num espelho azul e transparente,  
Vê nesse puro olhar sorrir-lhe a filha morta.

## Soneto Romântico

Soam ao longe as trompas vencedoras;  
Vibra o *ballali* na mata gloriosa:  
Latem os cães, e a cavalgada airosa  
Das elegantes, fortes caçadoras,

Cabelo ao ar, altivas, tentadoras,  
Qual de Diana a escolta poderosa,  
Persegue a fera, e açula jubilosa  
As matilhas cruéis e vingadoras.

No entanto, a castelã, triste e isolada,  
À sombra dos frondosos arvoredos,  
Pálida, loira, casta e enamorada,

Passeia ouvindo uns matinais segredos,  
E, como a Margarida da balada,  
Desfolha um malmequer entre os seus dedos.

## Hora de Amor

**R**eunimo-nos todos no terraço:  
A fria lua sobre nós pairava;  
Rescendendo a baunilha, – suspirava  
A aragem, quente ainda do mormaço.

E Ela pousou o alabastrino braço  
Nu sobre o mármore. Seu olhar brilhava  
Como a opala ao luar, – e procurava  
Os mudos olhos meus, de espaço a espaço.

Uma orquestra, invisível e saudosa,  
Cuja harmonia os ecos repetiam,  
Lançava à noite os ais de Cimarosa:

E, quando os mais a música aplaudiam,  
Eu, ó madona minha silenciosa,  
Ouvia o que os teus olhos me diziam.

## O Jaguar

Rosna o fulvo jaguar, triste e dormente,  
No seio da floresta: – a fera inteira  
Dobra à velhice, e a névoa derradeira  
Cobre-lhe a fauce lívida e impotente.

O imundo inseto, a mosca impertinente  
Zumbe-lhe em torno; – a cobra traiçoeira  
Fere-lhe a cauda inerte, e a aventureira  
Formiga morde-o calma e indiferente.

Apenas quebra o sono mortuário  
Do velho herói o grito, entre as folhagens,  
Do cordeiro medroso e solitário;

Ou, através das tropicais aragens,  
O tropel afastado, intenso e vário  
Dum rebanho de búfalos selvagens.



## Arte Poética

A Poesia és tu... Não crês? Pois olha:  
O sorriso sutil, leve, discreto,  
Que em tua boca úmida se esfolha,  
Parece-me um Soneto.

Outras vezes, como uma carícia,  
Roçam-te o lábio, ó flor de tentação,  
A reticência aérea da malícia...  
E as asas da Canção.

Quando suspiras, e esse olhar magoado  
Segue no espaço a luz final do dia,  
Eu cuido ouvir, num frêmito – a teu lado,  
Pousar uma Elegia.

E quando alegre, forte, deslumbrante,  
Nas grandes festas teu perfil serpeia,  
És a Musa de Byron e de Dante,  
És a rubra Epopeia.

## Roma

*Nil patrium, nisi nomen, habet romanus alumnus.*

Os filhos de Roma nada têm, senão o nome dos pais  
– PROPERCIO.

**E**is o fantasma excelso e venerando  
Da Cidade que a terra viu pasmada,  
Como a barca de Cristo ameaçada,  
Ir nas ondas dos séculos boiando.

Aqui outrora a Liberdade armada  
Das vitórias do Gólgota baixando,  
O cetro imperial despedaçando,  
Deu a Roma o buril, a pena e a espada.

Tudo findou. A colossal Senhora  
Dos monarcas da terra – dorme agora  
Entre os seus capitais abandonados...

É mudo o Foro – a Glória empalidece,  
E a própria voz do bronze que estremece,  
Chora os mortos heróis, – dobra a finados.

## Diva

Quando ela, trêmula e pura,  
Como a estrela da alvorada,  
Meiga, lânguida, enleada,  
Sublime de formosura,

Faz desmaiar os fulgores  
Dos bailes irradiantes,  
Rainha dos diamantes,  
Celeste flor entre as flores:

Tristonho e desconsolado,  
Diz o velho surdamente:  
– Como era belo o passado!

Febril, sequioso, ardente,  
Brada meu lábio agitado:  
– Oh! como é belo o presente!...

*Rio – 1871.*

## Jesus

Astro de amor, baixado à terra um dia  
Para aclarar as trevas com teu pranto:  
Encarnação do beijo sacrossanto  
Que Deus pousou na fronte de Maria;

Cedo pagou-te o mundo o que devia,  
Pobre rei de Israel! bem cedo! – e enquanto  
Uns te renegam, – outros o teu manto  
Arrastam ébrios pelo chão da orgia.

Por entre as nossas vergonhosas cenas,  
Essa divina Imagem que eu contemplo,  
Provoca injúrias e desdêns apenas:

Ó belo, inútil e imortal Exemplo!  
Hoje riem de ti as Madalenas,  
E os vendilhões expulsam-te do templo.

## Súplicas Maternas

A milionária exclama ansiosamente:

– Meu Deus! fazei deste menino airoso  
O ser mais rico, esplêndido e formoso  
Que haja criado a vossa mão potente.

A miserável diz timidamente:

– Ó meu Senhor! o filho desditoso  
De minha entranha dolorosa e ardente,  
Fazei humilde, pobre e generoso.

## Saudade das Montanhas

Aqui em frente destes descampados,  
À monótona voz dos lavradores,  
Por que minha alma pende como as flores,  
Ou como a planta murcha dos valados?

Descamba o sol, aquietam-se os rumores  
Da charrua, da enxada e dos arados;  
Os bois enormes pastam sossegados;  
Despovoam-se o campo e os arredores...

Sinto gemer-me o coração ferido:  
Que dor é esta que meu peito encerra?  
Que dor formou-te, ó íntimo gemido?

É que nestas planícies nuas erra  
O fantasma solene e enegrecido  
Das montanhas azuis de minha terra.

## O Farol

Corta o navio as águas encrespadas  
Do mar convulso, tenebroso e imenso;  
Das noites as asas, o sendal extenso  
Cobrem do espaço as névoas agitadas;

Longe, bem longe – as cores desejadas  
Do farol, entre o céu e o mar suspenso,  
Rompem da noite o nevoeiro denso,  
Guiando o barco às plagas afastadas.

Assim também seguro caminhando  
Vai meu amor em meio dos escolhos,  
Tal como o lenho as ondas recortando:

Que importa a dor, o frio, os crus abrolhos,  
Se eu vejo sempre além vir despontando  
A clara luz dos teus profundos olhos!

## Idílio

Ao pé da cerca elevada,  
Meu cavalo impaciente  
Agita a crina orvalhada...  
No entanto, amorosamente,

Eu e ela caminhando  
Sobre a folha adormecida,  
Vamos cismando, cismando,  
Como Fausto e Margarida.

Do seu cabelo abundante  
O vago e sentido aroma,  
Igual ao cheiro hesitante  
Dos lírios duma redoma,

Lentamente me fascina,  
E eu beijo essa trança preta,  
Qual pousam sobre a bonina  
As asas da borboleta.

A noite, branca e macia,  
Cai silenciosamente:  
Mais claro que o claro dia,  
Boia o luar no oriente.



Tudo nos causa quebrantos  
E emoções vertiginosas,  
A flor, os astros, os prantos  
Das fontes misteriosas;

As luciolas fulgentes  
Na sombra azul do arvoredor,  
E as mornas brisas plangentes  
Que passam como um segredo.

Por vezes, a sua fronte  
Sobre o meu peito descansa  
Como a estrela no horizonte,  
Ou como a vaga, em bonança.

A tremer... por quê? ficamos  
Estreitamente abraçados,  
Na hora em que os curvos ramos  
Dos largos bosques copados,

Vão, pouco a pouco, luzindo  
Do dia ao primeiro encanto,  
E as plantas movem sorrindo  
O tenro caule... Entretanto

Ao pé da cerca elevada,  
Meu cavalo impaciente  
Escarva a grama orvalhada...  
E a lua cai no poente.

## As Estrelas

**B**oas amigas, imortais estrelas,  
Eu vos comparo, ó néveas criaturas,  
Ao ver-vos caminhar nessas alturas,  
A um rebanho de lúcidas gazelas.

Bem se assemelha o vosso olhar ao delas,  
Ninho de amor e ternas amarguras,  
Mas sois mais puras que as gazelas puras,  
Boas amigas, imortais estrelas!

Às vezes, levo as noites, fielmente,  
A vos seguir aí nas nebulosas  
Planícies como um cão triste e dormente...

Mas vós fugis de mim! – silenciosas  
Mergulhais no Infinito, de repente,  
Como um bando de letras luminosas.

## O Danúbio Azul

— “D  
esçamos ao jardim: dê-me o seu braço,  
— Ela me disse — Este calor me mata!”  
E em sua espádua nua um véu de prata  
Luzia: — era o calor, era o cansaço.

Seguimos a alameda conversando:  
Que voz celeste! que inflexões que tinha!  
Uma voz de contralto e de rainha,  
Ora imponente, ora um murmúrio brando.

E a tibia luz da aurora que esgarçava  
Da morta noite o solitário velo,  
Toda minha alma, trêmula escutava,

Cheia de um longo, — dum profundo anelo,  
Aquele ardente voz que suspirava  
Como o *Danúbio Azul* num violoncelo.

## O Arsenal

**D**orme o vasto arsenal. As balas apinhadas  
Reluzem ao clarão de lâmpadas distantes;  
Enrolados num grupo, – os pavilhões brilhantes  
Erguem, rijas ao ar, as lanças afiadas.

Dormem, fartas de sangue, as triunfais espadas  
Sobre os áureos broquéis, como um tropel de amantes:  
Dos sombrios fuzis as pontas lancinantes  
Repousam, uma a uma, – ao longo – enfileiradas.

Junto ao férreo portão – repleto, saciado,  
Sobre a negra carreta – estende-se isolado  
O céberbo da Lei, o vil canhão enorme:

E, ao soturno rumor do vendaval do norte,  
Que penetra-lhe a fauce, o brônzeo cão da morte  
Uiva, rosna, ameaça, – e novamente dorme.

## Madrugada na Roça

Dentro da sombra matinal os campos  
Riem-se ao fresco pranto da alvorada,  
Sobre a planície verde e rociada  
Voa o bando dos tardos pirilampos.

O arrieiro, tonto de preguiça,  
Desperta apenas: – ao bulir das matas  
Vêm misturar-se o eco das cascatas,  
E os lentos dobres da primeira missa.

Sob o véu orvalhado os olhos dela  
Riem fitando os meus: ao divisá-los,  
Cuido que Deus perdeu mais de uma estrela.

Rincham pulando os nossos dois cavalos,  
E, através da manhã cheirosa e bela,  
Ouve-se o canto festival dos galos.

## A Voz de Moema

“Ah Diogo cruel!” disse com mágoa,  
E sem mais vista ser sorveu-se n’água  
– DURÃO – *CARAMURU*.

**G**emem as ondas mansamente; – a quilha  
Do barco ondeia ao som da vaga clara;  
Cai do farol a luz longínqua e rara,  
E a lua cheia sobre as ondas brilha.

Do mar na ardente e luminosa trilha  
Nem um batel por estas hora para:  
Dorme a Baía, ao longe, – a altiva e cara  
Joia dos deuses, de Colombo filha.

Tudo é silêncio e calma. O bardo, entanto,  
Que tudo vê, e em tudo colhe o tema  
Que amor produz no flácido quebranto,

Ouve pairar no ar sons dum poema...  
Ai! é a voz, – a voz, rouca de pranto,  
A triste voz de pálida Moema!

## Dum Polo a Outro

Vejo-te ao pé de mim, horas e horas,  
Fito os olhos nos meus olhos: – vejo  
Teu alvo rosto, e escuto o leve harpejo  
De tuas breves frases sedutoras.

Ora me ris somente, ora demoras,  
Toda coberta de sublime pejo,  
E eu sinto, amiga, do teu casto beijo  
Roçar-me a fronte as asas tentadoras.

À noite, enquanto as pardas mariposas  
Voam-me em torno, – e as horas surdamente  
Vibram profundas, longas e piedosas,

Vens visitar-me, tímida, inocente,  
Coroadada de lírios e de rosas...  
E há quem diga que tu estás ausente!

*Santiago do Chile – 1872.*

## Os Albatrozes

Fervem as vagas, os trovões reboam  
Nas roxas nuvens com fragor insano:  
E nobres, calmos sobre o irado oceano  
Os albatrozes em rebanhos voam.

Os raios silvam retalhando a espuma,  
Uivam os ventos trágicos do norte;  
E as grandes aves, sem temer a morte,  
Pousam nas ondas, – sacudindo a pluma.

Vendo-os pensei na cruciante lida:  
Vi dos heróis a legião errante,  
De gesto calmo e de estatura erguida.

Em cuja frente excelsa e gotejante  
Das salivas do mundo degradante  
O gênio voa, desprezando a vida.

*Mar Pacífico – 1872.*



## Dia de Finados

**P**or entre as largas filas silenciosas  
Das sepulturas mal iluminadas,  
Rugem as negras sedas odorosas,  
Ao compasso de excêntricas risadas.

As grinaldas, de goivo entrelaçadas,  
À frouxa luz das velas lacrimosas,  
Rolam no pó dos túmulos, – lançadas  
Da mesma sorte qual no palco as rosas.

Vão pela mão das nobres elegantes  
As crianças risonhas, – cintilantes  
De uma feroz e estúpida alegria:

Cruzam-se olhares de malícia, – enquanto  
Os mortos sentem gotejar o pranto...  
Que chora o orvalho quando expira o dia.

## Os Escravos

**E**u os lamento e amo: – do passado  
Nas densas névoas vejo tristemente,  
Como num sonho, – a multidão contente  
Desses negros fiéis... Ah! desgraçado

De quem não teve outrora o desvelado  
Escravo de seus pais, junto ao tremente  
Berço em que o nato espírito inocente  
Dorme feliz e dorme descansado.

Por isso, agora, ó velhos protetores,  
Quando a vossa figura carcomida  
Vem contemplar-me, em meio às minhas dores,

Eu me reporto à era estremecida  
Dos amuos, das crenças e das flores...  
E beijo os elos da passada vida.

## Amar e Ser Amada

*Si Satanás pudiese amar  
dejara de ser malo.*

Se Satanás pudesse amar  
Deixaria de ser mau.  
– SANTA TERESA.

Aproximei-me, e ouvi o que diziam;  
– “Sinto um cruel prazer, disse uma: quando  
Vejo-o a meus pés – ridículo – chorando  
Como um mendigo...!” E os lábios dela riam.

Da outra os meigos olhos se embebiam  
No sol poente... A noite ia baixando...  
E eu vi que duas lágrimas brilhando,  
Por suas faces pálidas caíam.

Torna a primeira: – “Estúpida ventura  
A minha! Odiar e ser amada! Choro  
Por ver-me livre dessa criatura!

E tu?” – Em vão suplico, em vão o imploro: –  
Sei que me odeia, e sou feliz! – “Loucura!”  
– Sim! mil vezes feliz porque o adoro!

## Metamorfose

**M**eu coração repleto de esplendores  
Como as grutas fantásticas do Oriente,  
Será digno de ti. Por ti somente  
Foi que eu junquei meu coração de flores.

Por ti despi-o das passadas cores,  
Por ti sequei a lágrima pungente  
Que gotejava como o orvalho ardente,  
Silenciosa – sobre as minhas dores.

Entra. Percorre estes vergéis risonhos,  
Calca a sorrir a terra emudecida  
Onde palpita o mundo dos meus sonhos.

Fica porém atenta e prevenida:  
Hás de ouvir, muitas vezes, os medonhos  
E surdos ais de uma ilusão perdida.

## Paisagem

O dia frouxo e lânguido declina  
Da Ave Maria às doces badaladas;  
Em surdo enxame as auras perfumadas  
Sobem do vale e descem da colina.

A juriti saudosa o colo inclina  
Gemendo entre as paineiras afastadas;  
E além nas pardas serras elevadas  
Vê-se da lua a curva purpurina.

O rebanho e os pastores recortando  
Os meandros da mata lentamente,  
Voltam do pasto num tranquilo bando;

Suspira o rio tépido e plangente,  
E pelo rio as vozes afinando,  
As lavadeiras cantam tristemente.

*Petrópolis.*

## Vênus de Milo

Vênus sem braços! Divinal grandeza!  
Abençoada seja a mão calosa,  
Que te arrancou à entranha criminosa  
Da terra e deu-te a eterna Realeza!

Dir-se-ia, ó Deus! que a avara Natureza  
Enterrando-a no seio misteriosa  
Ocultava-a dos homens – invejosa  
Desse prodígio enorme de beleza.

Não há flama no sol, flama tão bela  
Como o raio daquele olhar gelado  
Que aclara a Arte em meio da procela:

E o mundo inteiro prostra-se pasmado,  
Roja-lhe aos pés marmóreos, – e vê nela  
Um sorriso de Deus petrificado.

## Mata Virgem

**E**u perdi-me na mata imensa e tenebrosa...

O vento que a princípio era uma aragem pura,  
Transformou-se de pronto, – e a brisa que murmura  
Fez-se negro tufão de voz tempestuosa.

Treme o solo, e a floresta há pouco silenciosa,  
Estorce-se a gemer numa cruel tortura;  
O pássaro fugindo – em vão louco procura  
Na convulsão da mata a companheira ansiosa.

Range o jequitibá: – os ninhos arrancados  
Voam no turbilhão; – a cabiúna anseia,  
Deslaçam-se os cipós dos troncos derrocados;

Muge o rouco trovão, toda a floresta arqueia,  
E eu, à tremenda voz dos ecos espantados,  
Tenho pena de mim como dum grão de areia.

## O Bom Doutor

O bom doutor, o médico excelente  
Diz ao tomar-lhe o pulso: – “Otimamente:  
Vai tudo em mar de rosas”.

A mãe sorri e acerca-se do leito,  
Ela sorri também, cruzando ao peito  
As duas mãos formosas.

O velho sábio inclina a austera calva,  
Espelho da ciência: “Ela está salva”  
Repete junto à porta.  
Mas de repente a mãe, correndo à cama,  
Grita, recua, empalidece, chama...  
A filha estava morta.



## O Sol no Mar

**A**s grossas ondas quebram num gemido  
Gemido da alma quando está saudosa:  
Uma expira após outra vagarosa  
Com um leve, um frouxo, um tímido ruído.

Nas rubras bordas do horizonte unido  
Ao mar – à vaga elétrica e amargosa –  
Vai-se cavando a tumba luminosa  
Do Sol, do herói, do deus nunca vencido.

Rubins, opalas, lírios e violetas  
Rolam do seio augusto e imaculado  
Do rei do espaço e Guia dos poetas...

E, como César mórbido e cansado,  
O Sol, colhendo as fulgurantes setas,  
Dorme na régia púrpura embrulhado.

## A Borralheira

**M**eigos pés pequeninos, delicados  
Como um duplo lilás, – se os beija-flores  
Vos descobrissem entre as outras flores,  
Que seria de vós, pés adorados!

Como dois gêmeos silfos animados  
Vi-vos ontem pairar entre os fulgores  
Do baile, ariscos, brancos, tentadores...  
Mas – ai de mim! – como os mais pés calçados.

“Calçados como os mais! que desacato!  
Disse eu – Vou já talhar-lhes um sapato  
Leve, ideal, fantástico, secreto...”

Ei-lo. Resta saber, anjo faceiro,  
Se acertou na medida o sapateiro:  
Mimosos pés, calçai este soneto.

## Miguel Ângelo e Moisés

A RODOLFO BERNADELLI

Escultor brasileiro

Quando arrancaste, ó lívido gigante,  
Do frio bloco inerte e inanimado  
Essa estátua que o mundo eletrizado  
Compara às brônzeas criações do Dante;

Quando o velho profeta deslumbrante  
Do teu gênio surgiu, ó Mestre ousado,  
Imprimindo-lhe o punho desvairado,  
“Fala!” bradaste extático e ofegante.

Há já três séculos que o imortal prodígio,  
Obra de tuas mãos – resume a história  
Dos teus triunfos e do teu prestígio;

O próprio tempo, Arcanjo da Vitória,  
Não lhe deixa na pedra um só vestígio,  
E ele não cessa de aclamar-te a glória.

## Paulo e Virgínia

Fomos um dia alegres, estouvados,  
Ao clarão matinal do sol nascente,  
Colher as flores do vergel ridente  
E as primeiras amoras dos cercados.

Risonhos, venturosos, namorados,  
Cada qual mais feliz e mais contente,  
Esquecemos a terra inteiramente:  
Doidos de amor, de gozo embriagados.

Seus cabelos – enquanto ela corria,  
Voavam, loiros como a luz, dispersos!  
Eu a chamava e ela me fugia.

Por fim voltamos – em prazer imersos:  
E das venturas todas desse dia...  
Resta a saudade que inspirou meus versos.

## O Filho

A vida dele era uma gargalhada,  
A vida dela, um pranto. Ela chorava  
Sobre o rude trabalho que a matava,  
Ele ria na tasca enfumaçada.

Jamais nos lábios dela a asa doirada  
De um sorriso passou; – jamais na cava  
E horrenda face dele resvalava  
Sequer de um pranto a pérola nevada.

Mas Deus, que deu à entranha de Maria  
O redentor dos homens, Deus lhe fez  
Uma esmola: – Deus fê-los pais um dia:

E ambos, beijando ao filho os níveos pés,  
Pela primeira vez ela sorria,  
E ele chorou – pela primeira vez.

## A Caravana

**D**a agreste lira aos matinais harpejos  
Foi caminhando, ó bela soberana,  
A esperançosa e infinda caravana  
Das minhas ilusões e dos meus beijos;

Teus largos olhos, donde a luz emana,  
Eram miragens de ideais desejos;  
E os lábios teus – oásis benfazejos  
Cujo fulgor atraí, promete e engana.

E, após jornadas cruas e penosas,  
As ilusões famintas, sequiosas,  
Do teu falsário coração já perto,

Sucumbiram, ó pérfida tirana,  
Como no Saara a exausta caravana  
Que procura uma fonte e acha o deserto.

## Idade Média

No seu terraço a pálida rainha  
Aos clarões melancólicos do dia  
Que transmuntava – olhava os céus e ria  
Seguindo o voo azul de uma andorinha.

E o rei lhe disse: – Por que ris sozinha?  
Quero saber a causa da alegria  
Que te ilumina a palidez sombria:  
Em que pensas, ó triste escrava minha?

E sempre a rir como a orvalhada rosa  
Quando desponta a aurora luminosa,  
Responde ao rei a pálida rainha:

– Penso que um dia nos azuis espaços,  
Livre afinal do mundo e dos teus braços,  
Minha alma voará como a andorinha.

## Cantiga para Adormecer

A SANTINHA SOBRAL.

**D**orme! No céu os anjinhos  
Já dormem também agora,  
E na terra os passarinhos  
Dentro do musgo nos ninhos,  
Enquanto não rompe a aurora.

Dorme! A turba imaculada  
Dos sonhos que a infância cria,  
Cerca-te a cama nevada  
Por Maria abençoada,  
Pois que te chamas Maria.

Dorme! É tarde: a Lua algente  
No meio do céu caminha...  
Dorme teu sono inocente,  
Enquanto nós ternamente  
Velamos por ti, Santinha.



## Paris

*Fluctuat nec mergitur*

Flutua, mas não afunda.

– DIVISA DA CIDADE DE PARIS

**E**i-la! A Cidade esplêndida e famosa,  
A Princesa da Gália, – o triunfante  
Empório do Universo! Avante! Avante,  
Ó alma deslumbrada e curiosa:

Entra na multidão lesta e ruidosa,  
Que inunda as ruas como um mar brilhante;  
Mergulha as asas neste sol radiante:  
Canta! respira! sonha! vive e goza!...

Paris! Paris! Nenhum poder na terra  
Apagará as cores festejadas  
Dessa bandeira que o futuro encerra:

Que importa a inveja e a ira congregadas!  
Tu ressuscitas – a voar – da guerra  
Como a fênix das cinzas calcinadas!...

## A Alcova

Através das cambraias rescendentes  
E sobre o azul papel cheio de lírios,  
Vê-se do Cristo os olhos inocentes  
E a cabeça, crivada de martírios;

Murcham num jarro de ideal opala  
As rosas do Japão e as margaridas;  
Pairam no ambiente as auras adormidas  
Que a asa dos sílfos pela noite exala...

Sobre o róseo tapete ao pé do leito,  
Vê-se uma fita; – além vê-se a botina,  
Uma botina, cujo molde estreito  
Diz que é do céu o pé dessa menina.

E o travesseiro, então? E os castos folhos  
Desse lençol em que ela sonha e goza,  
Quando do sono a garra carinhosa  
Cerre a cortina dos seus negros olhos?

E é tal o encanto desse mago ambiente,  
E tão profundo esse divino encanto,  
Que a alma, ao senti-lo, – ao mesmo tempo sente  
Ondas e ondas de sorriso e pranto.

E como os crentes que da falta isentos  
Libam as auras de uma vida nova,  
Quem atravessa a porta dessa alcova,  
Santa morada de alvos pensamentos;

Quem vê do Cristo a face macilenta,  
A cruz ebúrnea, os cravos sacrossantos,  
Nos olhos baços os gelados prantos,  
Na roxa boca a pérola sangrenta;

Pensa no dia do final Juízo,  
De crenças rico, de delícias farto,  
E não sabe se aquela alcova é um quarto,  
Ou se esse quarto é já o Paraíso.

## Ódio

Esta criança tímida e medrosa,  
Obra prima do gozo e da ventura,  
Esta criança cuja boca pura  
Exala aromas como o cravo e a rosa;

Esta inocente e meiga criatura.  
Esta menina loira e radiosa,  
Eu a detesto e odeio! É tão formosa  
Que me faz mal a sua formosura:

Pois vêm-me à ideia as noites delirantes  
Em que nos braços de outro palpitantes  
Geraste a casta formosura dela:

Vejo-te o seio louco de desejos,  
E parece-me até ouvir os beijos  
Dados, cruel! para a fazer tão bela!

## Ernesto

A minha Irmã Luiza.

Foste feliz, Ernesto! Deus piedoso  
Arrancou-te do mundo aos revoltosos,  
Torpes, pungentes, insensatos gozos  
Para dar-te do céu o eterno gozo.

Eras a folha exposta ao vento iroso  
Que gera a dor e forma os desditosos:  
Por isso Deus teus dias melindrosos  
Guardou nas sombras do final repouso.

Dorme e sonha, criança! A eterna Morte  
Mitigue e embale o teu sonhar modesto  
Longe da humana e pérfida coorte.

Ah! eu, que as loucas ambições detesto,  
Não fui digno de ter a mesma sorte:  
Descansa em paz; – foste feliz, Ernesto.

1872.

## Nhanhã

Um dia apresentaram-me. Ela lia  
Num canto do salão.  
Deixou cair aos pés o livro, – e ria  
Estendendo-me a mão.

Mão de princesa, fina, delicada,  
De tão macio alvor  
Qual se a talhara alguma boa fada  
No cálix de uma flor.

Era no campo. As auras forasteiras  
Suspiravam no ar,  
Frescas do grato odor das laranjeiras,  
Dos raios de luar.

Surda uma voz ao longe ressoava  
Em doloridos ais...  
Perguntei quem cantava. – Oh! uma escrava!  
Disse ela. E nada mais.

Falou-me então das valsas delirantes  
De Strauss e do furor  
Dos novos *cotillons*. Disse-me: – D'antes  
Valsava-se melhor.

E a voz da escrava como um ai de morte

Adejava ao luar...

– “Li, há dois dias, num jornal da Corte

Que a Patti vai chegar:

Será verdade? Ah! quem me dera! A moda

Renascera enfim!”

E ela, a bater as mãos, ria-se toda

Olhando para mim.

Contemplei melancólico o semblante

Dessa virgem feliz:

Era mais alva que ao luar errante

As pálidas *willis*;

Era tão doce como a Fantasia

Dum bardo sonhador:

Lamartine colhera uma *Harmonia*

Nos lábios dessa flor.

E, enquanto o seu olhar negro brilhava,

Como a onda ao luar,

E a suspirosa aragem derramava

O aroma do pomar;

Enquanto aquela boca fulgurante

Mais pura que os cristais,

Repetia-me a crônica elegante

Dos últimos jornais;

A voz da escrava – trêmula, queixosa  
Expirou na amplidão,  
Longa como uma nênia dolorosa,  
Triste como a paixão.





## A Bordo

À noite a bordo quando tudo dorme  
Aos rumores do hélice plangente,  
Quando o homem do leme unicamente  
E os faróis vão guiando o barco enorme,

Eu subo ao tombadilho... À noite pura  
Entrego a fronte: – às nuvens luminosas  
Conto as minhas saudades dolorosas;  
E é para mim uma ideal ventura

Curvar-me sobre o abismo fumegante,  
Rico de maravilhas ignoradas,  
Vê-lo a meus pés rugir como um gigante,

Sentir do vento as asas espalmadas,  
E beber como um néctar delirante  
A embriaguez das ondas estreladas.

## A Vestal

A uma Mulher.

**L**as vivendo alegre e descuidosa,  
Ó virgem alma! – Um dia aos teus ouvidos  
Passar sentiste os mágicos ruídos  
Que a voz do beijo espalha vitoriosa.

Essa harmonia ardente e saborosa  
Perturbou como um vinho os teus sentidos...  
Viste romper uns sóis desconhecidos,  
Pobre Vestal! e a fronte ergueste ansiosa.

Vibrou enfim a desejada hora,  
Hora do amor cruel e fugitiva,  
Em que dobrando a fronte, livre outrora,

Triste, abatida, em lágrimas, cativa,  
Tu sofres a delícia aterradora  
De estares sepultada e estares viva.

## A Bela

Disse o nababo amoroso:

– “Queres-me a mim por esposo?  
Queres ouro? queres ouro?  
Ei-lo a teus pés, e eu te adoro!

Ó bela! bela entre as belas!

Tu, a melhor das estrelas,  
A mais pura das mulheres,  
O que desejas, que queres?

Eu te darei do Levante

Os rubins, o diamante,  
O coral que vai surgindo”.

Disse o Poeta sorrindo:

– Eu te dou meu coração!  
E a bela estendeu-lhe a mão.

## Credo

- “**M**eus amigos! Eu creio em Deus e no destino  
Que do berço nos guia ao derradeiro leite...!  
(Vozes: – Basta! O orador é suspeito! é suspeito!)  
– Fora o velho ideal! (grita um loiro menino).
  
- “Eu creio, amigos meus, nesse poder divino...  
(Vozes: – Fora o jogral!)... Nesse poder eleito  
Eterno como o mar, calmo como o Direito...”  
(Vozes: – Não crês também no Baco purpurino?)
  
- “Eu creio no porvir (Ouçamos!) que há de um dia  
Como um rio de luz... (Champagne e Malvasia!  
Bebamos o porvir! – Todos a rir beberam).
  
- “... Como um rio de luz iluminar o abismo”.  
(Gritos: Fora o truão! fora o torpe lirismo!)  
– “Creio também nas mães”. (Todos emudeceram).

## O Piano

**F**ebril, nervosa, exausta, ela cosia  
Ferindo os dedos no trabalho insano;  
Tinha um só desejo: era um piano:  
Por isso a pobre nem sequer dormia.

Ganhou chorando a insólita quantia,  
Depois de dias longos como um ano,  
Que lhe exigiu a usura de um tirano  
Judeu que nessas ilusões não cria.

Quando afinal a escura água-furtada  
Veio adornar o mimo cobiçado,  
Como a rosa num túmulo plantada,

Com o seio ardente, o rosto desmaiado,  
Ela pousou-lhe a mão enregelada  
E morreu a sorrir sobre o teclado.

## A Noiva

**E**u não senti essa cruel vertigem  
Que abrasa o sangue ante a mulher amada,  
Senti cobrir-me o albor da madrugada  
Quando me olhaste e me sorriste, ó virgem!

Eu não senti a tentação que encanta  
E faz crescer o rol dos pecadores,  
Senti minha alma se alastrar de flores  
Quando a teus pés me permitiste, ó santa!

E soube enfim quanto se exulta e goza,  
E como Deus enroupa uma alma nua,  
Ó prometida e desejada esposa,

Quando entre os véus em que o amor flutua,  
Tu me disseste cândida, medrosa,  
Toda banhada de rubor: “sou tua”.

## No Álbum de Stanislaio D'Atri,

ARTISTA ROMANO.


Dessa dor saborosa que um poeta  
Chamou “doce pungir de acerbo espinho”,<sup>1</sup>  
Dessa lembrança de um perdido ninho,  
Travo de mel e carinhosa seta;

Dessa dor singular – dupla e secreta:  
Macia às vezes como o fresco linho,  
Outras vezes terrível como o vinho,  
– Áspide oculto em cálix de violeta;

Dessa febre cruel – ardente e fria –  
Que envelhece num dia a mocidade  
Quando a não mata antes do fim do dia;

Desse misto de horror e suavidade,  
Dessa doença atroz, meiga, sombria,  
Deus te preserve! Chama-se – saudade.

---

<sup>1</sup>  A rigor, o verso correto, pertencente ao poema “Camões”, de Almeida Garrett, é “delicioso pungir de acerbo espinho”. No entanto, se Guimarães Júnior mantivesse o adjetivo “delicioso”, comprometeria o decassílabo. [N. do O.]

## Revelação

*Verum dispeream, nisi amo.*

Verdadeiramente pereço, se não amar.

CATULLO – *LESBIA*.

Queres saber por que te amei e quando  
Começou este amor? – Lembras-te ainda  
Daquela tarde vaporosa e linda?...  
Ia o sol nas montanhas resvalando.

E, enquanto o céu de púrpura raiado,  
Como as asas de um pálio nos cobria,  
Enquanto o teu olhar calmo luzia  
E me cercava de um fulgor sagrado;

Alguém turbou o virginal sossego  
A delícia melhor de nossa vida:  
Era uma multidão baixa e perdida  
Rindo e ultrajando as nobres cãs de um cego.

O miserável quase moribundo  
Faminto, roto, frio e macilento,  
Abria as magras mãos nesse momento,  
Pedindo um pão, um negro pão ao mundo.

Tu, como os Anjos que o Senhor envia  
Às desgraçadas vítimas da fome,



Tu, ó querida, cujo belo nome  
Soa melhor que o nome de Maria,

Atravessaste a multidão pasmada  
E dessa mão perfeita e carinhosa,  
Como o rocío que alimenta a rosa,  
Eu vi cair... Ó alma enamorada,

Não me perguntes mais se te amo e quando  
Começou este amor... Lembra-te ainda  
Daquela tarde vaporosa e linda:  
Ia o sol nas montanhas resvalando.

1872.

## Frente a Frente

**E**ncontraram-se um dia frente a frente  
E recuaram. Suas mãos nevadas  
Brandiam duas límpidas espadas,  
E o seu olhar fulgia heroicamente.

Disse a primeira, rápida, tremente,  
Com o lábio em fogo e as faces abrasadas:  
“Quem és? Por que me segues as pisadas?”  
– E tu? volveu a outra lentamente.

“Eu? Sou a hidra que jamais descansa,  
O rubro facho que a discórdia atíça,  
O horror do velho, o assomo da criança;

Ninguém se atreve a me afrontar na liça:  
Olha-me bem! eu chamo-me a Vingança!”  
– Treme de mim! eu chamo-me a Justiça!

## As Vozes da Noite

A A. CARLOS GOMES

A noite ia passando, ó Carlos, – luminosa  
Como os dias azuis dos trópicos candentes;  
Uma orquestra ideal – das nuvens transparentes  
Caía sobre o mar – ampla e voluptuosa.

E eu pensava em teu gênio, ó alma fulgurosa,  
Ó mestre! E quando ao longe as ondas reluzentes  
Se enroscavam cantando e iam quebrar frementes,  
Parecia-me ouvir o teu SALVATOR ROSA.

E a Noite ia passando... A lua apaixonada,  
Apaixonada como o olhar do GUARANI,  
Afastou a sorrir a nuvem estrelada...

E nesse instante ouvi – distintamente ouvi  
Ecoar em minha alma, extática e inspirada,  
A balada imortal da lânguida Ceci.

## A Primeira Entrevista

Ela não tarda. Disse-me que vinha:

Mas quem sabe! Se acaso acontecesse  
Qualquer cousa imprevista e não viesse!  
Ó Deus do céu! que situação a minha!

E este relógio vil que não caminha!  
E o tempo! – uma hora apenas e parece  
Noite fechada já! Ah! se chovesse!...  
Mas, não: alguém tocou à campainha,

Alguém subiu veloz a minha escada:  
Ouço um rumor de seda machucada  
E uns miudinhos, uns nervosos passos...

Duvido ainda! Espreito delirante:  
Abro a tremer – e toda palpitante  
Ela cai a sorrir entre os meus braços.

## Versos de Stecchetti\*

**E**stala-me a cabeça. O espectro ardente  
Da ardente febre amargurar-me vem.  
Estou sem forças, pálido, doente,  
Mas quando penso em ti sinto-me bem.

Mas quando penso em ti cessam as dores  
E as esperanças brotam como flores.

Quisera a morte para não sofrer,  
Mas quando penso em ti quero viver.

---

\*  Poeta bolonhês. [N. do A.]

## História de um Cão

CONTADA AO AUTOR.

— “E u tive um cão. Chamava-se Veludo:  
Magro, asqueroso, revoltante, imundo;  
Para dizer numa palavra tudo  
Foi o mais feio cão que houve no mundo.

Recebi-o das mãos de um camarada  
Na hora da partida. O cão gemendo  
Não me queria acompanhar por nada:  
Enfim – mau grado seu – o vim trazendo.

O meu amigo cabisbaixo, mudo  
Olhava-o... O sol nas ondas se abismava...  
Adeus! – me disse, – e ao afagar Veludo  
Nos olhos seus o pranto borbilhava.

“Trata-o bem. Verás como rasteiro  
“Te indicará os mais sutis perigos;  
“Adeus! E que este amigo verdadeiro  
“Te console no mundo ermo de amigos”.

Veludo a custo habituou-se à vida  
Que o destino de novo lhe escolhera;  
Sua rugosa pálpebra sentida  
Chorava o antigo dono que perdera.

Nas longas noites de luar brilhante,  
Febri! , convulso, trêmulo, agitando  
A nua cauda – caminhava errante  
À luz da lua – tristemente uivando.

Toussenel, Figuiet e a lista imensa  
Dos modernos zoólogos doutores  
Dizem que o cão é um animal que pensa:  
Talvez tenham razão esses senhores.

Lembro-me ainda. Trouxe-me o correio,  
Cinco meses depois, do meu amigo  
Um *enveloppe* fartamente cheio:  
Era uma carta. Carta! era um artigo

Contendo a narração miúda e exata  
Da travessia. Dava-me importantes  
Notícias do Brasil e de La Plata,  
Falava em rios, árvores gigantes;

Gabava o *steamer* que o levou; – dizia  
Que ia tentar inúmeras empresas:  
Contava-me também que a bordo havia  
Mulheres joviais – todas francesas;

Assombrava-se muito da ligeira  
Moralidade que encontrou a bordo:  
Citava o caso de uma passageira...  
Mil coisas mais de que me não recordo.

Finalmente, por baixo disso tudo,  
Num *post-scriptum* do melhor cursivo  
Recomendava “o pobre do Veludo”  
Pedindo a Deus que “o conversasse vivo”.

Enquanto eu lia, o cão tranquilo e atento  
Me contemplava, e – creia que é verdade –  
Vi comovido, vi nesse momento  
Seus olhos gotejarem de saudade.

Depois lambeu-me as mãos humildemente,  
Estendeu-se a meus pés silencioso  
Movendo a cauda, – e adormeceu contente  
Farto de um puro e satisfeito gozo.

Passou-se o tempo. Finalmente um dia  
Vi-me livre daquele companheiro:  
Para nada Veludo me servia,  
Dei-o à mulher dum velho carvoeiro.

E respirei! – Graças a Deus! já posso  
– Dizia eu – viver neste bom mundo  
Sem ter que dar diariamente um osso  
A um bicho vil, a um feio cão imundo.

Gosto dos animais, porém prefiro  
A essa raça baixa e adaladora  
Um alazão inglês de sela ou tiro,  
Ou uma gata branca cismadora.



Mal respirei, porém! Quando dormia  
E a negra noite amortalhava tudo,  
Senti que à minha porta alguém batia:  
Fui ver quem era, abri. Era Veludo.

Saltou-me às mãos, lambeu-me os pés ganindo,  
Farejou toda a casa satisfeito;  
E – de cansado – foi rolar dormindo  
Como uma pedra – junto do meu leito.

Praguejei furioso. Era execrável  
Suportar esse hóspede importuno  
Que me seguia como o miserável  
Ladrão, ou como um pérfido gatuno.

E resolvi-me enfim. Certo, é custoso  
Dizê-lo em alta voz e confessá-lo:  
Para livrar-me desse cão leproso  
Havia um meio só: era matá-lo.

Zunia a asa fúnebre dos ventos,  
Ao longe o mar na solidão gemendo,  
Arrebentava em uivos e lamentos...  
De instante a instante ia o tufão crescendo.

Chamei Veludo, ele seguiu-me. Entanto  
A tempestade em fúrias me arrancava  
Dos frios ombros o sombrio manto  
E a chuva meus cabelos fustigava.

Despertei um barqueiro. Contra o vento,  
Contra as ondas coléricas vogamos;  
Dava-me força o torvo pensamento:  
Tomei um remo – e com furor remamos.

Veludo à proa olhava-me choroso  
Como o cordeiro no final momento:  
Embora! Era fatal! Era forçoso  
Livrar-me enfim desse animal nojento.

No largo mar ergui-o nos meus braços  
E arremessei-o às ondas de repente...  
Ele moveu gemendo os membros lassos  
Lutando contra a morte. Era pungente.

Voltei a terra – entrei em casa. O vento  
Zunia sempre na amplidão – profundo,  
E pareceu-me ouvir o atroz lamento  
De Veludo nas ondas moribundo.

Mas, ao despir dos ombros meus o manto,  
Notei – oh grande dor! – haver perdido  
Uma relíquia que eu prezava tanto!  
Era um cordão de prata: – eu tinha-o unido

Contra o meu coração constantemente  
E o conservava no maior recato,  
Pois minha mãe me dera essa corrente  
E, suspenso à corrente, o seu retrato.

Certo caíra além no mar profundo  
 No eterno abismo que devora tudo;  
 E foi o cão, foi esse cão imundo  
 A causa do meu mal! Ah! se Veludo

Duas vidas tivera, – duas vidas  
 Eu arrancara àquela besta morta!  
 E aquelas vis entranhas corrompidas!  
 Nisto senti uivar à minha porta.

Corri, – abri. Era Veludo! Arfava:  
 Estendeu-se a meus pés, – e docemente  
 Deixou cair da boca, que espumava,  
 A medalha suspensa da corrente.

Fora crível, ó Deus? – Ajoelhado  
 Junto do cão, – estupefato, absorto,  
 Palpei-lhe o corpo: estava enregelado;  
 Sacudi-o, chamei-o! Estava morto”.



## *Confiteor*

**A**o mar, aos astros, aos ventos  
E à mais recatada flor,  
Eu já contei meu amor  
E os meus ocultos tormentos.

A humanidade indiscreta  
Ouviu-o dos lábios meus;  
Narrei-o aos anjos e a Deus  
Com minha voz de poeta.

Amo! amo! amo! amo!  
Por toda parte o proclamo,  
Por todo o mundo o espalhei:

Mas junto d'Ela emudeço:  
Coro, esfrio, empalideço...  
Quero dizer-lho e não sei.

## Veneza

Não és a mesma, ó flor de *morbidezza*,  
 Rainha do Adriático! Brilhante  
 Jordão de amor, onde Musset errante  
 Bebeu em ondas a lustral beleza.

Já não possuis, ó triunfal Veneza,  
 O teu sorriso – olímpico diamante,  
 Que se engastou do *lord* bardo amante  
 Na fronte heroica de imortal grandeza.

Tua escura laguna já não sente  
 Da antiga serenata o som plangente,  
 E os soluços de amor nos teus barcos

Exalava a patricía voluptuosa...  
 Resta-te apenas a canção saudosa  
 Das gemedoras pombas de São Marcos.



## O Enterro Civil

Vai – caminho do olvido – a turba lutuosa...  
Sopra o vento do outono. As tochas vacilando  
Pendidas para o chão, – consomem-se chorando  
Como a ausente viúva, a mártir dolorosa.

No veludo do esquife a chama nebulosa  
Roça, brilha e se esvai, e o coche caminhando  
Conduz ao cemitério o espólio miserando  
Daquele que viveu, e que afinal repousa.

Os amigos fiéis, em tom grave e pausado,  
Relembrando do morto as ações, o passado,  
Dizem alçando a voz: – “Foi um homem de bem,

Um livre pensador, um campeão valente,  
Seja-lhe a terra leve e Deus onipotente  
Dê-lhe um lugar no céu...” Grita um garoto: Amém!

## O Coliseu

Enquanto a Noite, que a cismar ensina,  
 Caminhava na nuvem ondulosa,  
 – Sinistra, muda, torva, pavorosa –  
 Eu me perdi na Imperial Ruína.

Do firmamento o raio baço e escuro  
 Treme no pó do circo mortuário;  
 O Anfiteatro é negro e solitário,  
 Negro o canal e o condenado muro.

E eu, abaixando a fronte enevoadá,  
 Desci ao antro, ao boqueirão do mundo  
 Onde a púrpura dos reis ficou rasgada.

E pareceu-me ouvir um ai profundo,  
 E ver rolar na treva apavorada  
 O fantasma do escravo moribundo.



## O Derradeiro Olhar que na Agonia...

*Le douleur de s'en souvenir.*

A dor de lembrar-se.

– CATULLE MENDÈS.

O derradeiro olhar que na agonia  
Me dirigiste, ó mãe, nunca me esquece!  
E quando os olhos volvo ao céu, parece  
Que o teu último olhar me aclara e guia.

Se os olhos fecho e a dor que me desola  
Tento abrandar, aliviar procuro,  
Vejo em minha alma o raio longo e puro  
Do teu último olhar que me consola.

Bendita sejas, luz do meu deserto:  
Olha-me sempre, mãe, da etérea altura,  
Perto dos anjos e das glórias perto;

Olha-me sempre, amada criatura!  
Como tal farol não errarei decerto  
O caminho da tua sepultura.



## Nera

## I

Aos sinistros clarões de Roma que se abisma,  
 Nero tange feliz a lira e canta e cisma...  
 A Cidade convulsa é como um rubro oceano  
 Que rastejando lambe a púrpura ao tirano.

O tugúrio desaba, o monumento arde,  
 E alegre soa a voz do imperial covarde.  
 O Tibre espavorido encolhe as águas turvas  
 E foge como a serpe em rutilantes curvas.

O escravo moribundo ergue os braços trementes  
 Tentando espedaçar do pulso as vis correntes;  
 E, através desse horror, dessa infernal ruína  
 Suspira a mole voz do filho de Agripina.

## II

Tranquila como o audaz e feminil tirano,  
 Ó Esfinge de carne, ó belo monstro humano,  
 Tu vês rojar-te aos pés o escravo que te implora,  
 Fria como um rochedo e bela como a Aurora:

O soluço da dor ecoa aos teus ouvidos  
 Melhor que de harpa eólia os matinais ruídos;  
 E, ao som da tua voz, indiferente e calma,  
 Lavra o fogo do amor que me ateaste na alma.

## A um Rico que Passava...

Senhor, em do nome do céu  
Um triste pai vos implora:  
Por Deus, por Nossa Senhora,  
Ouvi-me, olhai-me: sou eu.

Uma filhinha, uma aurora  
– Que doce olhar que era o seu!  
Nestes meus braços morreu,  
Morreu-me, senhor, agora.

Vós, cujos filhos ridentes,  
Dormem fartos e contentes  
– Loiros tesouros de amor

Entre nuvens de escumilha, –  
Para enterrar minha filha  
Dai-me uma esmola, senhor.



## As Duas Forças

**D**uas águias solenes, majestosas,  
Voavam no infinito. Uma estendia  
As fortes asas ao claro do dia;  
Movia a outra as asas dolorosas.

Uma – a possante – a Júpiter subia,  
Subia a outra às plantas caridosas  
De Deus. E nas esferas luminosas  
Uma a Deus, outra a Júpiter dizia:

– Júpiter! dai-me a guerra, a tempestade,  
E de um só golpe eu vencerei por fim!  
– “Dai-me, ó Senhor, a paz, a liberdade,

E Abel num beijo vencerá Caim”.  
Abaixaram então da imensidade:  
Uma pousou em França, – outra em Berlim.





SEGUNDA PARTE

OS POETAS MORTOS

*Dignum laude virum Musa vetat mori.*

Um homem digno de louvor a Musa não deixa morrer.

– HORACIO. – *OD.*, *IV*, *VIII*, 29.

... aqueles, que por obra valerosas

Se vão da lei da morte libertando.

– CAMÕES. – *OS LUSÍADAS*, CANTO PRIMEIRO.

*La mort est le sacre du génie.*

A morte é a coroação do gênio.

– BALZAC.



## Gonçalves Dias

Descansa, ó lutador, que assaz lutaste!

GONÇALVES DIAS – *CANTO INAUGURAL*.

**D**orme, Poeta. Ao som da voz brilhante  
 De teu vivo sepulcro, – ao som da forte  
 Onda do mar: – dorme afinal na morte,  
 Ó lutador vencido e triunfante!

Deus, ao te dar o âmago arquejante  
 Do mar, aos ventos lúgubres do norte –  
 Eternizou a tua augusta sorte  
 Pois fê-la como a onda eterna e errante.

Repousa enfim no pélago estrelado,  
 No teu vasto sepulcro iluminado,  
 Tu, que as glórias da vida conquistaste:

Embalado nas moles vagas cerúleas  
 Entre os rubros corais e as brancas pérolas,  
 Descansa, ó lutador, que assaz lutaste!



## Casimiro de Abreu

Deus às tristezas o sorriso enlaça.

– CASIMIRO DE ABREU. – *AS PRIMAVERAS.*

**C**olhe o Senhor ao despontar do dia,  
As madressilvas mal abotoadas,  
E as pobres aves de asas emplumadas  
Cede às cruentas garras da agonia.

Que desígnios cruéis o braço guia  
Do Redentor? – as flores desfolhadas,  
As crianças descalças e esfaimadas,  
A ave sem ninho, a habitação vazia!

É que uma aurora gloriosa espera  
Quem nesta vida tormentosa e escassa,  
Como o terno cantor da *Primavera*,

Por entre cardos a sorrir perpassa:  
Pois Deus as flores enlaçou à hera,  
Deus às tristezas o sorriso enlaça.





## Junqueira Freire

E vaga e vaga alígera e perdida  
Pelas soidões do firmamento etéreo!  
– J. FREIRE. – *INSPIRAÇÕES DO CLAUSTRO.*

**E**i-lo por terra – o gênio consagrado,  
O pensador do claustro! A larga fronte  
Desceu à campa como além no monte  
Desce do sol o globo inanimado.

Foi-lhe a existência nesse inglório mundo  
Uma aflição em meio de agonias:  
Foram-lhe noites os mais claros dias,  
E viveu como vive um moribundo.

Cobre-lhe agora o seio o pó funéreo  
Da sepultura. A lira emudecida  
Já não acorda os ecos desta vida:

Que importa! A alma exulta no mistério,  
E a vaga e vaga alígera e perdida  
Pelas soidões do firmamento etéreo!



## Álvares de Azevedo

Foi poeta – sonhou – e amou na vida.

– A. DE AZEVEDO. – *LIRA DOS VINTE ANOS.*

Quem dorme aqui ao pé das casuarinas,  
Sob o cipreste verde e suspiroso,  
Este que sonha no final repouso  
Dentro da terra cheia de boninas;

– Réstia de sol nas névoas matutinas –  
Fulgiu brilhante, aéreo, carinhoso,  
E só durou o espaço radioso  
Que dura o orvalho nas manhãs divinas.

Por entre as turbas falsas e descrentes  
Ele espalhou a lenda incompreendida  
Das líras santas e das harpas crentes...

Chorai, chorai, ó multidão descrida,  
Quem entre as vossas ambições dementes  
Foi poeta – sonhou – e amou na vida.



## Castro Alves

E Deus para o poeta o céu desata  
Semeado de lágrimas de prata!...  
– CASTRO ALVES. – *ESPUMAS FLUTUANTES*.

**B**aixaste à campa, sonhador, na hora,  
Hora melhor da vida e da Poesia:  
Mergulhaste na Noite eterna e fria,  
Todo ensopado do orvalhar da aurora.

A Pátria, – a triste mãe que te deplora,  
Já não sorri, ai não! como sorria:  
E que futuro, amigo, prometia  
Tua alma brava, esplêndida e sonora!

Dorme, porém, feliz e sossegado:  
O mundo ainda é o mundo gangrenado,  
E a dor que te matou também nos mata:

A morte, sim, é o sono imaculado:  
E Deus para o poeta o céu desata  
Semeado de lágrimas de prata!...



## Varela

A noite, o orvalho, a viração e a calma.  
– VARELA. – *AS SELVAS.*

**E**ste era loiro como a luz coada  
Da manhã pelas nuvens ondulantes:  
Nos seus olhos azuis e fascinantes  
Boiava sempre a lágrima ignorada.

Alma por Deus dos anjos exilada,  
No mundo apenas rápidos instantes  
Pousou – e abrindo as asas delirantes,  
Tornou cantando à paternal morada.

Mal seu gentil e angélico instrumento  
Ressou entre nós. O firmamento  
Chamava ansioso essa erradía alma;

E ela, fechando o cálix de repente,  
Foi gozar, junto a Deus, eternamente,  
A noite, o orvalho, a viração e a calma.



## Agrário de Menezes

Morrer, sim, é o melhor. Que val o mundo?

– AGRÁRIO DE MENEZES. – *CALABAR.*

A horrenda deusa em cujo negro seio  
Rolam da vida as flores despencadas,  
Cedo chumbou-te as pálpebras amadas:  
Bem cedo a Morte visitar-te veio.

Como brilhava o sol ao meio dia  
Nos teus montes soberbos e vistosos!  
E esses clarões de lua voluptuosos  
No azul de tua esplêndida Bahia!

Tudo perdeste, e entanto, ó peregrino,  
Neste sombrio báratro profundo  
Desejam todos, crê! morrer num hino:

Que val o corpo? Um trapo vil e imundo:  
A vida é a luta acerba com o destino,  
Morrer, sim, é melhor. Que val o mundo?



## Franco de Sá

De olhar lampejos mais vivos,  
Da lira canto melhor.  
– FRANCO DE SÁ – *O POETA.*

**E**le estreou nesta vida

Como os bardos do passado,  
Cantando o ar estrelado,  
De louros a fronte unguida.

A Fé – o escudo sagrado –  
A Crença – a espada luzida –  
Cobriam a fronte erguida  
Do pensador inspirado.

Quando seus braços altivos  
Na agonia e no estertor  
Caíram frios, cativos,

Desprendia o sonhador  
Do olhar lampejos mais vivos  
Da lira canto melhor.



## Laurindo Rabelo

Um impossível – a razão escreve,  
Escreve o sentimento outro – impossível.  
– L. RABELO – *DOIS IMPOSSÍVEIS.*

Quando por entre os homens divisamos  
Os profetas da Santa Inteligência,  
Fortes em sua mística excelência  
Como do cedro os gigantescos ramos;

Em nossa mente e coração pensamos  
Que tais prodígios, que uma tal potência  
Jamais de Deus a paternal clemência  
Na lousa arrojará, e acreditamos

Ver o Poeta, envolto em luz e neve,  
Roçar das campas o degrau terrível  
Sem a Morte o ferir sequer de leve:

Mas, oh terror! oh desengano horrível!  
Um impossível – a razão escreve,  
Escreve o sentimento outro – impossível.



## Bruno Seabra

Dormi – vim despertar na sepultura!  
– BRUNO SEABRA – *FLORES E FRUTOS.*

**A** vida é um sono mau e tormentoso  
Em cujas sombras a ilusão palpita,  
E – como um sonho – velozmente agita  
As brancas asas – um mentido Gozo.

Dormir, dormir – embora! Um hino etéreo  
Que o Poeta a sorrir traduz e escuta,  
Nos diz que breve acabará a luta,  
O combate da ideia, o atroz mistério.

Bem o pensaste, ó alma audaz e pura!  
E quando a negra Morte enregelada  
Abriu-te as portas da divina altura,

Repetiste, feliz e extasiada,  
Das algemas da vida libertada:  
– Dormi – vim despertar na sepultura!





## Aureliano Lessa

Vem com teus lábios risonhos  
Contar-me os singelos sonhos  
Que em tua alma o céu verteu.  
– A. LESSA – *DUAS AURORAS*.

**T**u que cantaste os amores  
E os idílios perfumados,  
Ó lira dos sons doirados!  
Cordas de luz e de odores;

Pomba maior que os condores,  
Bardo! A meus olhos molhados,  
Que em vão procuram magoados  
Teu mausoléu, entre as flores,

Mostra-te. Desce do céu,  
Vem aos meus cantos tristonhos  
Unir um cântico teu,

Vem com teus lábios risonhos  
Contar-me os singelos sonhos  
Que em tua alma o céu verteu.



## José de Alencar

No teu regaço, ó Pátria angustiosa,  
Ó grande Mãe! ó Níobe! consente  
Que caia minha lágrima pungente  
E suspire minha alma dolorosa;

Tua serena fronte majestosa  
Curva-se à terra – lívida e plangente:  
Perdeste a nívea corda, a fibra algente  
De tua agreste Lira luminosa.

Quem cantará agora esse obscuro  
Idílio da floresta, – ingênuo tema  
Que ele criou – tão mavioso e puro?

Quem guiará as asas do Poema  
Com mais doçura? – Ó Bardos do futuro,  
Eu vos pergunto em nome de *Iracema!*



## Porto-Alegre

No horizonte da morte foi perder-se.  
– PORTO-ALEGRE – *COLOMBO*.

Como a nau soberana a transitória  
Vaga do mar cortando fulgurante,  
Tu percorreste o plaino triunfante  
De um passado ideal – que é nossa história.

Teu pavilhão ousado, aberto à Glória,  
Tremulava nos ares flamejante  
Como a bandeira augusta do almirante  
Que indica à esquadra as plagas da vitória:

Mas o Destino bárbaro e implacável  
A cujo império o grande e o miserável,  
Gêmeos filhos da dor, – vão abater-se,

Opôs-te ao rumo a eterna penedía:  
E a tua nau, Colombo da Harmonia,  
No horizonte da morte foi perder-se.





TERCEIRA PARTE

*Ora cantando placido y tranquilo  
Ora en trivial lenguaje, ora burlando,  
Conforme esté mi humor, porque à él me ajusto,  
Y allá van versos donde va mi gusto.*

Ora cantando plácido e tranquilo  
Ora em trivial linguagem, ora burlando,  
Conforme esteja meu humor, porque a ele me ajusto,  
E lá vão os versos aonde vai meu gosto.

– ESPRONCEDA. – *EL DIABLO MUNDO*. – CANTO I.

Se não faço melhor é que não posso.

– MAGALHÃES. – *ANTONIO JOSÉ*. – ATO III.



*Per Amica Silentia...*

Pelas ondas do tempo arrebatados  
Até a morte iremos,  
Soltos ao longo do baixel da vida  
Os esquecidos remos.  
– MACHADO DE ASSIS – Noivado.

**L**eve singrava a nossa esguia barca:

Fagueiro estava o ar e o mar fagueiro...  
Lembras-te? À proa a voz do gondoleiro  
Cantava uns versos do imortal Petrarca.

A aura marinha a suspirar beijava  
A flutuante, a tremulante vela  
Bem como um lábio... – e a vela palpitava  
Como palpita um seio de donzela.

As majestosas catedrais erguiam  
Os imponentes vultos solitários;  
De longe em longe, os ecos repetiam  
Quebrados sons de velhos campanários.

O sol sem raios lento agonizava  
Na curva do horizonte... Preguiçosa  
A casta Diva pálida esgarçava  
Do firmamento a gaze nebulosa...

Sobre o rochedo a pique em alvo bando  
As gaivotas pousavam, uma a uma,  
E o torvo mar, junto ao rochedo uivando,  
As borrifava de alvacenta espuma.

Frouxo, indeciso ainda cintilava  
O clarão do farol na alta colina,  
E a Noite como um sonho deslizava  
Calma, estrelada, extática, divina!

E quando a nossa aventureira barca  
Ia ondulando sobre a vaga nua,  
E o gondoleiro os versos de Petrarca  
Lançava aos raios da chorosa Lua,

Minha alma, igual à essência vaporosa  
Que a terra exala quando a noite desce,  
Bem como uma alma que viveu na rosa  
E torna a Deus como invisível prece,

Voava a ti, ó meu amor! ó pura,  
Pura visão dos mais felizes dias:  
E tu, repleta de infantil ternura,  
Me contemplavas tímida, e sorrias.



O que eu te disse nem o sei agora!  
Pode-se acaso lembrar o canto  
Que a ave modula na primeira aurora  
E o coração em seu primeiro encanto?

O certo é que a minha vida inteira  
Se transformou por ti... Nesse momento  
De altivo gozo e glória sobranceira,  
Ante o sublime altar do firmamento,

Minha alma errante, pávida, descrente,  
Ó peregrina flor do Paraíso,  
Fez-se mais pura que o cordeiro algente...  
E bastou para isso um teu sorriso.



## Eva

Adão, ao vê-la nua e iluminada  
Pelo celeste olhar onipotente,  
Sorriu, tremeu, chorou, e humildemente  
Beijou a fronte à loira desposada.

Eva, entreabrindo a pálpebra adorada,  
Ao seu divino esposo ternamente  
Estende a boca pálida, trememente  
Como a açucena aos lumes da alvorada.

Rezam depois as folhas da Escritura  
Que Eva pecou e o Arcanjo vingador  
Expulsou-os da edênica planura.

Salve, ó sublime filha do Senhor!  
Tu que inventaste o êxtase, a ternura,  
E os crimes todos do primeiro amor!

## A Hora do Repouso

O mundo inteiro envolvido  
No silêncio e no abandono,  
Descansa. Nenhum ruído  
Vem turbar-lhe o fundo sono.

As aves dormem; as flores  
De sereno borrifadas,  
Sonham aos níveos fulgores  
Das estrelas afastadas.

Nem um suspiro, um murmúrio  
Parte o silêncio que cobre  
O miserável tugúrio  
E as dependências do nobre.

A noite de asa espalmada  
A natureza amortalha...  
Só em minha alma agitada  
O Pensamento trabalha.

## Naufrágio

Sulcando as ondas soberanas, belas  
Do verde mar a nau galharda corre:  
Tranquilo o dia pouco a pouco morre,  
E a noite assoma à frente das estrelas.

Enfuna o vento o desfraldado pano,  
O tempo é calmo, o espaço é todo um prisma:  
E de repente a nau para e se abisma  
Nas fauces torvas e infernais do Oceano.

Sabeis por quê? Ninguém a bordo via  
Ao nível do porão um ponto incerto:  
Riam-se à vida e a morte os conduzia.

Também há almas como a nau decerto:  
Vê-lhes o mundo a efêmera alegria,  
E elas trazem no seio um cancro aberto.

## Enlevo

Quando eu contemplo os olhos teus, ó pura  
Obra de Deus num dia abençoado,  
Sinto que voo aos astros enlaçado,  
Preso aos raios da tua formosura.

E uma gostosa e matinal frescura  
Tal como um véu de beijos recamado,  
Cobre o meu coração fanatizado,  
Cego de amor e cego de ventura.

És como a Lua plácida e erradia:  
Ao teu olhar meu coração ansioso,  
Igual aos bosques quando expira o dia,

Repousa envolto num tremente gozo,  
E a ti se eleva a minha poesia  
Bem como a voz dum rouxinol medroso.

*Sintra – 1873.*

## Página Íntima

A minha Mulher.

*Ils trébuchent, encore ivres du paradis.*

Tropeçam, ainda ébrios do paraíso.

– V. HUGO. – *L'ART D'ÊTRE GRAND-PÈRE.*

Quando eles vêm saltitantes  
Como – entre os floridos ramos –  
Os colibris doudejantes  
E os travessos gaturamos,

Dizer-me as cousas mimosas  
Que Deus ensina às crianças,  
Cousas tecidas de rosas  
E bordadas de esperanças,

Frases, pipilos, blandícias,  
Intraduzíveis harpejos,  
Que tentam como carícias  
E seduzem como beijos:

Sinto-me bom, compassivo,  
Grande, forte, entusiasta;  
Sinto que existo, que vivo:  
Sinto-me alegre e me basta.

Pois esses brancos Amores  
Alívio dos meus martírios,  
Que afogam as nossas dores  
Numa cascata de lírios,

Essas aves saltitantes,  
Esses mimos, esses brilhos,  
São nossos beijos errantes,  
Cecília! – são nossos filhos.



## Contraste

É meia noite. O hino funerário  
Das doze angústias voa doloroso  
Entre os raios da lua, e majestoso  
Rodeia a cruz do velho campanário.

Tudo é silente. O espectro solitário  
Do remorso e do amor paira onduloso  
Nas mudas trevas, – arrastando um gozo,  
Ou as medonhas fimbrias de um sudário.

Mas o Poeta, erguendo a fronte ousada,  
Faiscante de límpida alegria  
E de virentes ilusões ornada,

Ouve a sorrir a lúgubre elegia,  
Pois em sua alma ardente e deslumbrada  
Jorra em ondas de luz: – é meio dia!



## A Jangada

Cinco paus mal seguros e enlaçados  
Rompem os ventos pérfidos e irosos:  
Neles confiam mais que venturosos  
Dois pescadores nus e desgraçados.

Essa prancha que em saltos arrojados  
Corta o mar como os lenhos poderosos,  
Resume a vida, a fé – resume os gozos  
Dos miseráveis rotos e esfaimados.

Nós também, alma minha, as desventuras  
Bem conhecemos: – forte e esperançada  
Sulcas do mundo o pranto e as vagas duras.

Que importa! A crença é tudo e a morte é nada,  
E neste fundo abismo de amarguras  
Uma esperança vale uma jangada.

## Olinda

**B**ramia o lamarão como costuma  
No feio inverno; – a lua embaciada,  
De tormentosas nuvens coroada,  
Menos brilhava que do mar a espuma.

Rola em cachões a vaga encapelada,  
As estrelas desmaiam uma a uma;  
E a férrea âncora é qual ligeira pluma  
Para conter a barca fundeada.

Todos contemplam do Recife as luzes:  
Mas, ó memória lúcida e vidente,  
Com que poder o espírito seduzes!

Era na escura Olinda, – a penitente  
Das negras catedrais e negras cruzes –  
Que eu punha os olhos meus saudosamente.

*A Bordo.*

## Aos Estados Unidos

(No Centenário da Independência)

I.

**M**esquinho cidadão da América gigante,  
Eu venho hoje depor, ó colossais Estados,  
Nos vossos cem lauréis, por Deus entrelaçados,  
O meu beijo também, mas – ai de mim! distante!

Ei-vos, constelação tranquila e deslumbrante,  
Aclarando de frente os povos congregados:  
Saúda a noite ao dia, à aurora os sóis tombados,  
E o Mundo que viveu saúda o Mundo infante.

Acabais de nascer: – a vida, em realidade,  
Começa para vós, grandes recém-nascidos,  
No dia em que fundais de todo a Liberdade.

Salve pois! salve, salve, salve, ó campeões ungidos!  
Vós que o rumo traçais à livre Humanidade,  
Unidos pela força e para a glória unidos.

## Duas Sombras\*

### II

Hoje o norte, hoje o sul do jovem continente  
Resumem numa só quarenta milhões de almas:  
O mundo americano, o herói das lutas calmas,  
Desdobra o pavilhão da Liberdade ingente.

O Amazonas soberbo arqueja de contente,  
Quebram vagas azuis como um bater de palmas:  
Raiou o eterno dia em que todas as almas  
Curvam-se ante o fulgor do jovem continente.

E, como num mistério excelso e portentoso,  
O poeta descobre além, além daquela  
Estrela, que reluz no céu harmonioso,

Duas sombras que vão suspensas doutra estrela,  
Repetindo a voar no azul misterioso:  
– Tu com Ela nasceste e eu morri por Ela.

---

\* ∞ J. WASHINGTON. – A. LINCOLN. [N. do A.]

## À Mulher Americana

### III

Cabe a ti o prazer, a ti, mulher, a glória  
Que o Mundo eletrizado hoje festeja e aclama:  
Nasceu o herói de ti, – e a grande voz da Fama,  
Eco dos lábios teus, vai retumbar na História.

Do despotismo um dia a púrpura irrisória  
Tentou – oh! grande dor! – manchar da pátria a flama:  
Teu coração viril, que ensanguentado ama,  
Rasgou-se, mas pulsou no seio da Vitória.

És a loira criança e a máscula firmeza:  
Nobre, pura e serena: ora forte, ora terna,  
Semelhante ao destino e igual à Natureza.

Raia nos olhos teus a Inspiração eterna:  
Salve pois, ó doçura! ó matinal grandeza!  
Salve, nova mulher! Salve, mulher moderna!

## A Valsa

**P**arece que a orquestra tem alma e que sente:  
Dos astros cansados ao mórbido olhar,  
A música geme qual gemem no mar  
As ondas aos raios da lua plangente.

As gazes adejam no ar transparente  
Bem como as neblinas que bailam no ar;  
As sedas murmuram; – também ao luar  
Murmura das vagas a clâmide algente.

E vós, loucas filhas da dança traidora,  
Suspensas às notas da orquestra que anseia,  
Voais como as pombas divinas da Aurora:

Diana entre as névoas longínquas pranteia,  
E os flébeis compassos da valsa canora,  
Borbulham as ondas morrendo na areia...

*A Bordo.*

## Arrulhos de Namorados

— Não vês aquele riacho  
Que da esplanada desceu  
E uniu-se à fonte lá abaixo?  
Ela és tu, ele sou eu.

“E tu? Vês aquelas palmas  
Que enlaçam rijos cipós?  
Não serão as nossas almas?  
Não são tão iguais a nós?”

— Não vês os grupos formosos  
Dos colíbris sobre a flor?  
Assim voam nossos gozos  
Libando os favos do amor.

“E tu? Vês naquele ramo  
Uma ave? Olha: ali, ali:  
Parece gemer: — Eu te amo!  
Sou eu gemendo por ti”.

— Assim é: ambos compomos  
Na terra um profundo nó:  
O que sou eu? O que somos?  
Dois corpos numa alma só.

## A Canção da Morta

Quando eu cingia a veste caprichosa  
Dos saraus opulentos e brilhantes,  
Quando nas minhas gazes roçagantes  
Enfeitiçava a turba rumorosa;

Diziam todos: – Como ela é formosa!  
Que donaires corretos e elegantes!  
E cercavam-me em grupos sussurrantes  
Como as abelhas em redor da rosa.

Por que será que a multidão magoada  
Geme agora de dor e de saudade  
Contemplando-me a fronte engrinaldada?

Nunca tão bela fui na mocidade:  
Eis-me feliz, risonha e amortalhada  
Para as festas azuis da Eternidade.



## Tranças Amadas

O cabelo é tal e qual  
Um grande manto real.  
– *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*\*.

**T**ranças – ai! tranças formosas!  
Cabelo puro e anelado!  
Tão negro, tão perfumado  
Como as matas tenebrosas;

Nas vossas roscas cheirosas  
Eu sinto o aroma orvalhado  
Que habita o seio doirado  
Da madressilva e das rosas.

Por isso, amor, quando vejo  
Esses escuros novelos  
Revoltos, tenho desejo

De aspirá-los, de sorvê-los,  
E de morrer como um beijo  
Nas ondas dos teus cabelos.

---

\* Trad. de JOÃO DE DEUS. [N. do A.]

## Os Olhos de Clemência

Os lábios mentem  
Os olhos não.  
– BOCAGE.

Os olhos dela, os olhos de Clemência  
São como o infindo azul resplandecente:  
Olhos em cuja luz misticamente  
Desponta a estrela d'alva da inocência.

Nada perturba a calma transparência  
Desse infantil olhar terno e dormente,  
Onde se estampa ainda fielmente  
Do Divino cuidado a paciência.

Deixa que eu cante, ó anjo, a formosura  
Do teu olhar dulcíssimo: – entretanto  
Cedo virá a hora ingrata e escura

Em que outra voz apregoará o encanto  
Dos olhos teus, queimados de amargura,  
De amor, de febre e de insensato pranto.

## Noturno

*Del vostro bel cantar m'innamoro.*

Pelo vosso belo cantar me enamoro.

– RISPETTO TOSCANO

Canta! Parece – quando estás cantando –  
Que eu já não sorvo o ar torpe e homicida  
Dos tremedais malditos desta vida...  
Sinto o meu coração fugir voando...

Ao teu suspiro mavioso e brando,  
Minha alma exulta e goza comovida  
Como a abrasada planta umedecida  
Dos orvalhos que a Noite vai chorando;

Ora me levas aos queixosos mares,  
Ora à floresta umbrosa e recatada  
Onde boiam perfumes e luares...

Oh! canta! Estou a ouvir na madrugada  
Os sussurros do rio e dos palmares  
De nossa terra, ó companheira amada!...

## A Gaivota

**D**as espumosas águas afrontando  
O sal amargo, a alcíone indolente  
Voa no ar molhado, e lentamente  
Vai sobre as ondas cêrulas pairando.

Aflam as vivas auras excitando  
Do mar lascivo a boca impaciente;  
E a gaivota se eleva, e novamente  
Fulgem as águas como que a tentando.

Assim também, ó alma viajante,  
E vós, ó minhas ilusões serenas,  
Do mar da vida inóspito e brilhante

Voai por entre as revoltosas cenas,  
E não lanceis ao monstro inebriante  
As vossas brancas e selvagens penas.

*Bordo do Níger.*

## Aspásia

Tu és famosa, ó bela, és celebrada  
Como as deusas de Lesbos e de Atenas;  
És a rival das lúbricas Helenas,  
És a moderna Aspásia idolatrada;

Sobre essa boca úmida e culpada  
Folgam do Gozo as imortais falenas;  
És o tesouro das gostosas penas  
Que cega e atraí a alma escravizada;

Rola a teus pés o cofre da opulência,  
Um teu sorriso é da fortuna a origem,  
Um teu aceno arrasta a consciência:

No entanto, às vezes, uma atroz vertigem...  
– “É que nesse momento a Providência  
Vara-me a alma com um olhar de virgem!”

## Auto-da-fé

Queimai-vos cartas, expressões mentidas  
Dum tempo infausto que não volta mais!  
Flores mirradas, abrasai-vos todas!  
Ao fogo! ao fogo, tentações fatais!

Tranças manchadas por seu lábio impuro,  
Ardei também nesse voraz clarão!  
Falsas memórias e relíquias falsas,  
As labaredas vosso asilo são.

Eis o retrato da infiel: tão calma  
Como a inocência e como um anjo está!  
Queima-te, imagem fementida e torpe!  
Varra-se a luz dos olhos teus! Mas ah!

Dá-me que eu possa contemplá-lo ainda,  
Fogo insensível de infernal clarão:  
Como estes olhos eloquentes falam!  
Como repousa esta serena mão!

Ei-lo! Devora-o, mas devora-o rápido,  
Pois meu martírio e meu amor são tais,  
Que, se uma aragem te apagasse agora,  
Ah! eu talvez não te acendera mais!...

## A Capela

**E**stá postada à beira mar: – Um dia,  
Ao som da vaga tépida que arfava,  
E à morna luz do sol que se alongava  
Pelo areal da plaga luzidia;

Eu penetrei o asilo em que sorria  
A mãe de Deus. O padre consagrava  
A hóstia santa. O incenso flutuava,  
E o rosto meu e lágrimas fulgia...

Por isso agora, ó pomba imaculada,  
Quando te vejo ao pé de mim tão bela,  
Tão risonha, tão branca, tão singela,

Chora minha alma alegre e ajoelhada,  
Como ante o altar da virginal capela,  
Da pobre igreja à beira-mar postada.

## Visão

Como se chama?... Acaso se nomeia  
A mulher que nos prende a alma erradia?  
Marco, Ofélia, Desdêmona, Maria,  
São vários elos de uma só cadeia.

Leve, tão leve como a rara teia  
Que ao mais ligeiro sopro se extravai,  
Tão perigosa como a melodia  
Dos invisíveis lábios de sereia;

Ela deslumbra o mundo ternamente,  
E em seu caminho as almas amorosas  
Prostram-se como os servos do Oriente;

Mas que lhe importam queixas dolorosas!  
Ela é o orvalho, puro e inconsciente,  
Que volta ao céu depois de abrir as rosas.





Mais de um guerreiro altivo e poderoso  
Vindo de longes terras glorioso  
De louros revestido,  
Tentou roubar-lhe o coração: no entanto,  
Ela foi surda à glória, ao rogo, ao pranto  
E ele partiu vencido.

Nada a ataria além do seu deserto  
Horrendo e imenso, em cujo seio aberto  
Ao sol e às estrelas,  
Mora o leão enorme, e o tigre escuro  
Espreita à sombra do covil impuro  
O sono das gazelas.

E sempre ao pôr do sol irradiante  
Sobre o nevado e esplêndido elefante  
A princesa sorria,  
Calcando o pó dos seus reais domínios,  
Enquanto ao longe, em vagos tons carmíneos,  
Lento expirava o dia.

Ágil como a pantera e tão mimosa  
Como o botão da fulva tuberosa  
Entre os juncais virentes,  
Deslizava-lhe a vida sem que o pranto  
Até então lhe profanasse o encanto  
Dos olhos transparentes.

Um dia aos seus ouvidos delicados  
Soaram gritos, furiosos brados  
Da tribo reunida:  
Rápida a bela, inquieta e curiosa,  
Atravessando a turba revoltosa,  
– Alegre e surpreendida –

Viu entre os seus guerreiros arquejantes,  
Vingativos, coléricos, possantes,  
Um branco – um forasteiro:  
Firme como o destino ele sorria,  
E o seu olhar heroico parecia  
Lutar com o mundo inteiro.

Mil vezes mais que a cintilante e pura  
Asa da garça era a perfeita alvura  
De sua ebúrnea fronte;  
E o seu cabelo espesso, ondeante e loiro,  
Brilhava como as alvoradas d'oiro  
No pálido horizonte.

Em sua branca mão nervosa e fina  
Luzia ao sol a esbelta carabina  
De emblemas esmaltada;  
Sob os seus pés – empoeirada e fria –  
Uma formosa antílope jazia  
No flanco baleada.



O sol vibrava as crepitantes setas  
Sobre o areal em fogo: – ágeis, inquietas  
As abelhas zumbiam...  
De longe em longe os gritos penetrantes  
Duma afastada tropa de elefantes  
Os ecos repetiam.

E do estrangeiro o sono respeitado,  
Tal como um rio plácido e sagrado,  
Que corre em abandono,  
Ninguém ousou quebrar: – fora punido  
Com suplícios cruéis o destemido  
Que lhe turbasse o sono.

Caiu a tarde, e a noite mansamente  
Desenrolou o véu fosforescente  
Pela ínvia grandeza  
Da solidão tremenda e pavorosa...  
No entanto, muda, trêmula, chorosa,  
A cândida princesa

Cismava... Em quê? Num mundo iluminado,  
Todo de loiras fronteiras povoado...  
E um turbilhão de cenas  
Iam-lhe na alma exausta resvalando,  
À rouca voz do solitário bando  
Das lúgubres hienas.

Ao romper da manhã o forasteiro  
Disse-lhe: – e o seu olhar longo e fagueiro  
Turbava-a e comovia –  
– “Tu mereceras mais que um trono: a terra  
Bem poucas almas como a tua encerra:  
Deus te salve, Maria”.

Quando do céu na gaze diamantina  
Sumiu-se enfim a longa carabina  
Do moço viandante,  
Ela curvou a fronte dolorida,  
Como sucede à antílope ferida  
E à corsa agonizante.

Nunca mais ao luzir do sol cadente,  
Sobre o elefante branco a onipotente  
Princesa acompanhada  
Por seus fiéis e inúmeros guerreiros,  
Foi respirar os hálitos primeiros  
Da noite embalsamada.

Nunca mais uma flor, uma esperança  
Veio adornar-lhe a fronte, e à semelhança  
Do meigo aloés queimado  
Pelo simum revoltado, ela sentia  
Faltar-lhe o sangue e em ânsias comprimia  
O seio amargurado.

Às vezes – só – em frente do deserto  
O seu olhar saudoso, vago e incerto  
No espaço se embebia,  
E a sua boca tremulante e pura  
Repetia com mística ternura:  
“Deus te salve, Maria”.

A tribo inteira em grupos, lacrimosa,  
Contemplava-a de longe, e a mão calosa  
Do possante guerreiro,  
Brandindo a lança – que o furor agita –  
Ameaçava a sombra ímpia e maldita  
Do branco aventureiro.

E o dia frouxo e lânguido expirava:  
O sol de mornas vagas inundava  
As solidões medonhas...  
E além, além, no éter transparente  
Ia-se destacando lentamente  
O voo das cegonhas.

## O Pensamento

Uma pesada e fúnebre tristeza  
Ganhava o espaço, — e a noite majestosa  
Noite sem astros, noite procelosa,  
Como um remorso enchia a natureza.

Do mar convulso na letal grandeza  
A voz das ondas torva e monstruosa,  
Arquejante, sombria, cavernosa,  
Lembrava os uivos duma hiena presa.

E, enquanto o mundo, pálido e sedento,  
Acabrunhado de cruéis terrores,  
Contemplava a tremer o firmamento,

Minha alma, envolta em turbilhões de flores,  
Sobre o corcel audaz do Pensamento  
Galopava do céu entre os fulgores.



## Guitarra

Cantei, ó bela, os dotes teus: a lira  
Fiel e meiga a voz me acompanhava,  
E a lua, erguendo o manto de safira,  
Parecia escutar o que eu cantava.

Cantei-te o seio lânguido e alvejante  
– Pomba aninhada em flocos de cambraia –  
E pareceu-me ouvir naquele instante  
Zelosa a vaga estremecer na praia.

Cantei depois a juvenil fragrância  
Dos nossos velhos e gentis folguedos  
Na mais sonora e feiticeira estância;

Cantei o nosso amor e os seus segredos;  
Mas quando ia cantar tua constância...  
Quebrou-se a lira e me caiu dos dedos.

1871.

## O Colar

Quando de tules coberta  
Como os jasmims orvalhados,  
Tu atravessas dos bailes  
Os vastos salões doirados;

Sem uma jóia, um ornato  
Nesse colo virginal,  
Sem uma pétala d'oiro,  
Sem um fio de coral;

Parece que os teus olhares  
Pousam cúpidos, ardentes,  
Nos regaços salpicados  
De frias pedras luzentes;

E uma nuvem pesarosa  
Ensombra-te o rosto mago,  
Como a neblina erradia  
Que turba o espelho dum lago;

Tens zelo talvez, tens zelos  
Das milionárias brilhantes,  
Que jorram nas loucas valsas  
Com um rio de diamantes...

No entanto, nada fulgura  
Mais que os teus dotes serenos:  
Nua de adornos tu vences,  
Ó branca e inocente Vênus!

Teus olhos valem safiras,  
Valem pérolas teu riso:  
E essas joias soberanas  
Herdaste-as do Paraíso:

Feliz do noivo que um dia,  
Rio de amor e desejos,  
Prender-te ao seio de neve...  
Um rubro colar de beijos.



## Memórias

*De mi antiguo dolor recuerdos son.*

De minha antiga dor são recordações.

– CAMPOAMOR – *DOLORAS*.

**B**aixava a noite: – os morros tristemente  
No fofo azul das nuvens se envolviam...  
Cheios de medo os pássaros fugiam,  
À luz sombria do luar tremente.

Nós estávamos sós. Humildemente  
Os olhos seus meus olhos refletiam,  
Como no lago os astros, e bebiam  
Sua alma fresca, trêmula e inocente.

Ao pé de nós um rio suspirava,  
E as roxas folhas do pomar copado  
De espaço a espaço, o vento meneava.

Seu alvo colo de pudor velado,  
Entre os meus braços como a pomba arfava...  
Cala-te, coração! Tudo é passado.

1871.

## A uma Cega

IMITADO DO ITALIANO.

Não te lastimes, não, bela infeliz,  
Por não poderes ver o nosso mundo:  
Não vale tanto – crê – nem é jocundo  
Como o teu pobre coração te diz.

Não vês os torpes pensamentos vis  
Que se agitam do nosso olhar no fundo:  
O desejo brutal, o instinto imundo  
Que nos domina. Ó cega, és bem feliz.

Varre da mente os gozos com que sonha  
Tua insensata e errante fantasia,  
Ergue a cabeça lívida e tristonha:

No nosso mundo a infâmia tripudia  
Nua, asquerosa, lúbrica, medonha!  
Feliz de quem não vê a luz do dia.

## À Sombra dos Álamos

— “Pois nada o atraí aqui? — ela dizia —  
Contemple a neve excelsa e triunfal  
Que envolve os Andes... Sinta essa poesia!”

Mas eu nas sombras de minha alma via  
As verdes serras do país natal.

— “Pois nada o prende então — acrescentava —  
Nesta pátria do amor e do ideal?  
Veja que lua!” (e tão formosa estava!)

Mas em minha alma ainda fulgurava  
A derradeira bênção maternal.

*Santiago do Chile — 1872.*

## Inverno

Nas noites enregeladas,  
Nas cruas noites de inverno,  
Teus olhos, ó Bem eterno,  
Luzem mais que as alvoradas.

E tuas frases aladas,  
Gostosas como o falerno,  
Me inundam dum gozo terno,  
Ó amada das amadas!

Que importa que ruja o vento  
E ao longe rebrame o mar!  
Nesse ditoso momento

Eu vejo no teu olhar  
Um segundo firmamento,  
Cheio dum novo luar!

*Londres.*

## Triste Volta

E. PANZACCHI\*

**V**oltei. Achei fechada a tua porta;  
Quisera, ao menos, te apertar a mão;  
Pedi notícias tuas e me deram,  
Porém tão tristes, tão penosas eram,  
Que senti rebentar-me o coração.

Disseram-me, ai de mim, que já não és  
Aquela amiga que eu aqui deixei,  
A doce amiga que primeiro amei,  
E a quem de prantos inundei os pés.

Disseram-me também que és mais formosa  
Que és mais formosa do que dantes eras,  
Mas que fugiu de ti a Providência,  
E o melindroso lírio da inocência  
Não orna mais as tuas primaveras.

Que triste volta! que cruel tormento!  
Menos sofrera eu se à tua porta  
Ouvisse alguém dizer nesse momento:  
– Não a procures, não: ela está morta.

---

\*  Poeta bolonhês. [N. do A.]



## Miss Perfection

Era mimosa como um frágil lírio,  
Como um terno lilás, como a encantada  
Peri do Oriente – a peregrina fada –  
Ou como Vênus – o jasmim do Empíreo.

Jamais a névoa de um fugaz martírio  
Turbou-lhe a altiva frente delicada;  
Pálida às vezes, sim, dessa magoada  
Dessa magoada palidez do círio.

Jogava as armas como um paladino;  
Amava as cavalgadas, e o aparato  
Do mundo a enchia de um prazer divino.

Da virgem tinha o nítido recato,  
A timidez, o enleio purpurino,  
Mas... Esse *mas* completa o seu retrato.

Brighton – 1874.

## O Cego

Ontem meu canto longo e amargurado,  
Entre os grupos do povo sussurrante  
Vibrou convulso, rouco, soluçante,  
Como os queixumes de um adeus magoado.

E quando o humilde cego desgraçado,  
Morto de fome e quase agonizante,  
Abria a mão gelada e suplicante,  
Uma voz de mulher disse: “Coitado!”

Ah! que eu não possa contemplar-te um dia!  
Que eu não te possa ver, casta Maria,  
Tal que em meu coração hoje te vejo:

Tu, cuja voz plangente e comovida  
Ressou em minha alma agradecida  
Mais doce ainda que o rumor de um beijo.

## À Beira-Mar

*Le crepuscule est triste et doux comme un adieu.*

O crepúsculo é triste e doce como um adeus  
– F. COPPÉE.

O sol sem raios sobre o mar desmaia:  
A Tarde meigamente surpreendida,  
Desdobra o manto... A vaga entorpecida  
Rola na areia túmida da praia.

O céu é como fúlgida cambraia  
Que envolve a terra – noiva adormecida –  
Ouve-se ao longe os sinos de uma ermida,  
E a lua nova no horizonte raia.

Tudo se acalma: – as virginais estrelas  
Rebentam como um turbilhão de flores,  
Destacadas de angélicas capelas:

E, através desses magos resplendores,  
Vêm aproando a terra as largas velas  
Ao som da voz dos tardos pescadores.

*Nápoles.*

## A Escrava

Enquanto os outros negros companheiros  
Bailam em frente à lúgubre senzala,  
E da fausta vivenda a rica sala  
Percorre a dança em giros feiticeiros;

Enquanto a noite com seus ais fagueiros  
Como um segredo tropical se exala,  
E a quente aragem que a palmeira embala,  
Treme na leve rama dos coqueiros;

Enquanto a festa vívida, inclemente,  
Louca de febre e graças soberanas,  
Prende o senhor e o escravo juntamente:

Ela, fugindo às emoções tiranas,  
Recorda tristemente, tristemente,  
A solidão das noites africanas.



## Señorita

Não tem a neve dos Andes  
A alvura do rosto seu,  
E os seus negros olhos grandes  
Fulguram mais do que o céu.

Como a doce *granadina*  
Exposta a um raio de luz,  
Na boca dessa menina  
Um róseo fulgor transluz

E os seus ondados cabelos!  
Revoltas vagas do mar,  
Onde a razão – só de vê-los –  
Começa por naufragar.

Não há decerto beleza  
Igual no mundo, – não há:  
Mas, saibamos com certeza,  
É boa a menina ou má?

Se não há sequer um astro  
Entre os mais claros de Deus,  
Alvo como esse alabastro  
Que a envolve em místicos véus;

Se em negros olhos grandes  
Fulge um ardente clarão,  
... Há menos gelo nos Andes,  
Menos que em seu coração.

*Valparaíso – 1872.*



## A Carta

A cartinha gentil que me escreveste

É um tesouro de erros e belezas:

Da tua ortografia as incertezas

Dão mais valor às cousas que disseste.

É um mimo ler-te! E tu não comprendeste

A altura do teu estro! – as ligeirezas

De tua pena valem as grandezas

De Virgílio e Platão, que nunca leste.

Pensas que as ricas sabem muito? Cobre

O ouro, verniz da fofa jerarquia,

As misérias duma alma vesga e pobre;

Tu é que és sábia, ó lírial Maria,

Tu é que és sábia, milionária e nobre:

Tens coração em vez de ortografia.

## Boa Viagem

**B**oa viagem, almas forasteiras!  
Ides à Índia – à terra prometida  
Onde a alma se abisma enlanguescida,  
Morta de amor – no olhar das baiadeiras.

Ides dormir nas fúnebres clareiras  
Onde ruge a pantera surpreendida;  
Onde o clarão da lua entorpecida  
Goteja e cai do leque das palmeiras...

E enquanto nós – prudentes criaturas –  
Plantamos nesta insípida paragem  
O velho tédio e as usuais venturas,

Vós – ardentes de febre e de coragem,  
Colheis a rubra flor das aventuras:  
Deus vos conduza, amigos! Boa viagem.





## Cantiga

Meu coração é um pobre  
Um pobrezinho sem lar,  
Dá-lhe tu, que és rica e nobre,  
A esmola do teu olhar.

Meu peito frio de neve  
Se lhe roçar tua mão  
Leve, leve, leve, leve,  
Arderá como um vulcão.

Meus lábios são dois escravos  
Mortos de sede e de dor,  
Abelha! tens tantos favos!  
Dá-lhes o favo do amor.

E minha alma de precito,  
Ó branca filha do céu,  
Fá-la voar ao infinito...  
Nas asas de um beijo teu.

## A Gazela

Sobre um coxim de malvas e de rosas  
No regaço do bosque, sossegada  
Dorme a gazela e sonha... A madrugada  
Beija de leve as árvores frondosas...

Sonha que em vasta alfombra de mimosas  
Por cristalinas águas esmaltada,  
Folga segura a tribo delicada  
Das gazelas ligeiras e formosas.

Súbito um grito agudo o espaço agita,  
E como o raio cai da tempestade,  
A pantera voraz se precipita.

Assim, gazela da alma, ó Mocidade,  
Quando tu sonhas sobre ti palpita  
A sanguinária e bruta Realidade.

1875.

## Incógnita

*Et vera incessu patuit Dea.*

Pelo caminhar, revelou-se verdadeiramente uma Deusa.

– VIRGÍLIO.

**E**u vejo-a sempre no final do dia,  
Quando os purpúreos flocos do ocidente  
Vão descorando harmoniosamente,  
Aos gemedores sons da Ave Maria.

Sua estatura de altivez sombria  
Passa na vaga luz do sol poente,  
Como o fantasma, a sombra penitente  
Da antiga Musa solitária e fria.

Direis ao vê-la que uma aguda pena,  
Que um martírio satânico e profundo  
Morde-lhe as fibras d'alma e as envenena;

E ela percorre as festas deste mundo  
Com a santa palidez de Madalena,  
E com o olhar do Cristo moribundo.

## A um Milionário

Dizes que és grande, que és onipotente,  
Que ao teu fulgor a própria natureza  
Pasma e recua, – e é tal tua grandeza  
Que abala os céus e a terra juntamente.

Dizes que podes com teu oiro absurdo  
Lutar com Deus, opor-te à Divindade,  
E até, sem a menor dificuldade,  
Dar voz ao morto e dar ouvido ao surdo.

Ora, se queres ver-me, humilde e terno,  
Ante essa força monetária e vasta,  
Esse poder que afronta céus e inferno,

Que algema os homens, que o universo arrasta,  
Compra uma coisa, ó Júpiter moderno,  
Compra um raio de sol – : é quanto basta.



## A Lua no Mar

*Et, dans le ciel couleur de perle,  
La lune monte lentement.*

E, no céu cor de pérola,  
A lua sobe lentamente.  
– LECONTE DE LISLE.

**C**orta o navio as águas sossegadas:  
Repousa o mar, o velho mar bondoso;  
No firmamento um ponto luminoso  
Apenas fere as nuvens azuladas...

As noturnas aragens despertadas  
– Longos suspiros trêmulos de gozo –  
Beijam do mar o seio poderoso  
Como invisíveis e lascivas fadas.

O firmamento, pouco a pouco, brilha;  
Sobre a planície movediça e nua,  
Que o altivo barco soberano trilha,

Como um vulcão de neve que flutua,  
Rompe de todo a eterna maravilha:  
A grande, a calma, a solitária Lua!

## O Cisne

Sua nívea formosura  
Encanta olímpicamente  
Como o cisne na corrente:  
Macia, ondulante e pura.

Seu lábio jamais murmura,  
E o seu regaço indolente  
Palpita amorosamente,  
Oh Deus! como a sepultura!

E quando minha alma ansiosa  
Cuida que vai escutar  
Uma palavra amorosa:

A Formosura sem par  
Desliza silenciosa...  
Bem como um cisne ao luar.



## O Boi

G. CARDUCCI\*

Amo-te, ó manso boi, forte e jocundo,  
Quando inundas de paz meu pensamento,  
Ou quando – austero como um monumento –  
Contemplas o valado amplo e fecundo.

Gosto de ver-te, auxiliador do mundo,  
Enquanto o homem fere-te cruento,  
Lhe responderes, não com um vão lamento,  
Mas com teu doce olhar, – doce e profundo.

Nessa cansada e úmida narina  
Fumega o teu espírito afanoso,  
E o teu mugido na amplidão se perde...

Descamba o sol no vale e na campina,  
E em teu olhar reflete-se saudoso  
Dos campos o silêncio – augusto e verde.

---

\*  Poeta bolonhês. [N. do A.]

## A Sertaneja

(Canção do Norte)

*Ainsi chante au soleil la cigale dorée.*

Assim canta ao sol a cigarra dourada.

A. DE MUSSET

**E**u sou a virgem morena,  
Robusta, lesta, pequena  
Como a cabrita montês;  
Vivo cercada de amores,  
E Aquele que fez as flores,  
Irmã das flores me fez.

Vinde ver, ó boiadeiros,  
Meus vestidos domingueiros,  
Meus braços limpos e nus:  
Ah! vinde ver-me enfeitada  
Com minha saia engomada,  
Com meus tamancos azuis.

Sertanejos, sertanejos,  
Pedis de balde os meus beijos,  
Em vão pedis meu amor!  
Eu sou a agreste cotia,  
Que se expõe à pontaria,  
E ri-se do caçador!



A sertaneja morena  
Bonita, forte, pequena,  
Não cai na armadilha, não:  
A jaçanã corre e voa  
Quando vê sobre a lagoa  
A sombra do gavião.

Sou órfã, donzela e pobre,  
Vistosa telha não cobre  
O lar que herdei de meus pais:  
Que importa? Vivo contente:  
Ser moça, bela e inocente  
É ter fortuna de mais!

Quem tece e protege o ninho,  
Quem defende o passarinho,  
Quem das mãos espalha o bem,  
Quem fez o sol e as estrelas,  
Dando a virtude às donzelas  
Deu-lhes a força também.

A Virgem nunca se esquece  
Da mais tosca e simples prece  
Que voa ao seio de Deus:  
Por cada infeliz que chora  
Abre na terra uma aurora,  
Crava uma estrela nos céus.

Sertanejos, sertanejos,  
Podeis morrer de desejos  
Que eu não me temo de vós!  
A sertaneja faceira  
É mais que a paca ligeira,  
Mais que a andorinha veloz.

Sou viva, arisca, medrosa,  
Bem como a onça raivosa  
Pronta ao mais leve rumor!  
No meu cabelo selvagem  
Sente-se a morna bafagem  
Das matas virgens em flor.

No samba quem puxa a fieira  
Melhor, melhor que a trigueira  
Maravilha dos sertões?  
Que peito mais brando anseia,  
Quem pula, quem sapateia,  
Quem pisa mais corações?

Ai gentes! ai boiadeiros!  
Não sois decerto os primeiros  
Que o meu olhar cativou:  
Desta morena a doçura  
É como a frecha segura:  
Peito que encontra – rasgou!

Minha rede é perfumada  
Como a folha machucada  
Da verde-malva maçã:  
Nela me embalo sonhando,  
E dela salto cantando  
Quando vem rindo a manhã.

Sonho com jambos e rosas,  
Co'as madrugadas formosas  
Deste formoso sertão:  
Meu sonho é como a canoa,  
Que voa, que voa e voa  
Nas águas do ribeirão.

Trago no seio guardado  
O rosário abençoado  
Que minha mãe me deixou:  
Ai! gentes! ai! pastorinhas!  
Se estão alvas as continhas  
Foi que meu pranto as lavou.

Quem é mais feliz na terra?  
Quem mais delícias encerra,  
Quem mais feitiços contém?  
Vem, moreno boiadeiro,  
Desafiar meu pandeiro  
Com tua guitarra, – vem!

Raiou domingo! Que festa!  
Que barulho na floresta!  
Quanto rumor no sertão!  
Que céu! que matas cheirosas!  
Quanto perfume nas rosas,  
E quantas rosas no chão!

Vinde ouvir-me na guitarra:  
Não há nas brenhas cigarra  
Que me acompanhe, – não há!  
Trazei, trouxe, boiadeiros,  
As violas, os pandeiros,  
Os búzios, o maracá.

Eu sou a virgem morena  
Robusta, lesta, pequena  
Como a cabrita montês:  
Vivo cercada de amores,  
E Aquele que fez as flores  
Irmã das flores me fez.

## Longe dos Homens

A.C.

**D**eixemos, sim? voar os nossos dias  
Como um tropel de abelhas sussurrantes:  
Há tanto sol nas ilusões fragrantas,  
E o nosso amor tem tantas ambrosias!

Que nos importa o mundo? Ouve-me: – dantes  
Eu assisti às negras alegrias  
Da vida sem amor: – fronteas sombrias,  
Desejos maus, prazeres degradantes.

Hoje que tu és minha... Ah! se soubesses  
Como agradeço a Deus o ter-me aberto  
O tesouro das crenças e das preces!

E ter meu passo, vacilante e incerto,  
Guiado até que enfim me aparecesses,  
Ó palmeira gentil do meu deserto!

1873.

## O Berço e o Túmulo

**E**u sou – dizia o berço ao túmulo profundo –  
A mansão da inocência, a festival guarida:  
Em meu seio de neve é que se empluma a vida:  
Eu sou o amor! o amor!... E tu, sepulcro imundo,

És a voraz garganta, o abismo furibundo  
Onde o leve batel, de bússola partida,  
Sente cair-lhe o leme e a vela descosida:  
Ó morte, és como o tigre, o teu curral é o mundo.

Respondeu-lhe o sepulcro: – Escuta, enquanto inflamas  
As ambições, o ódio, as guerras, a impiedade,  
Eu acolho em meu seio as iras que derramas:

Dou a flor, dou o fruto à lívida orfandade,  
Despovo o hospital, varro as imundas camas,  
E aos poetas sem pão dou a Imortalidade.

## Confidência

*“Ama!” è la voce altissima  
Che suona in ogni cor.*

“Ama!” é a voz altíssima  
Soando em cada coração.  
– ISABELLA ROSSI.

Como dois cisnes que se vão errantes  
Dum quieto lago a vaga azul turbando,  
As nossas almas juntas deslizando  
Asa com asa, voam semelhantes  
Como dois cisnes que se vão errantes.

Ninguém nos pode separar na vida;  
Somente o Criador – Deus tão somente  
Fora capaz num dia injustamente  
De dar-te a morte e me poupar, querida:  
Ninguém nos pode separar na vida.

Juntos gozamos, juntos padecemos:  
Assim os galhos gêmeos medram, crescem  
Ao mesmo tempo e a mesma dor padecem;  
O que tu sofres ambos nós sofremos:  
Juntos gozamos, juntos padecemos.

Ao Firmamento límpido e profundo  
Nossas aspirações boas e calmas  
Vão ascendendo... Um dia as nossas almas  
Subirão abraçadas deste mundo  
Ao Firmamento límpido e profundo.





## Satanás

Quando Satã, o Arcanjo fulminado,  
Pelas divinas mãos, a criatura  
Obra de Deus – encarcerar procura  
Entre as brônzeas muralhas do Pecado,

Explora o mundo inteiro disfarçado:  
É o Ódio, a Guerra, é a Avareza impura,  
A Luxúria venal, a torva e escura  
Vingança... E sempre, sempre transformado,

A raça humana, estólida e ignorante,  
Lança aos martírios dum cruel tormento  
Mais pavoroso que as visões do Dante.

Ah! quando chega a minha vez intento  
Salvar-me – Em vão! – O infame nesse instante  
É mais atroz ainda: – é o Pensamento.

## No Deserto

Quando a Virgem fugia à lança dos sicários  
Unindo ao casto seio o redentor bendito,  
A noite os surpreendeu nos plainos solitários  
Onde Mêmnon eleva o tronco do granito.

Nem um astro sequer da cúpula divina  
No profundo dossel, nem um vislumbre, apenas:  
Era a hora em que o vento arqueja entre a ruína,  
Aos gritos do chacal e aos uivos das hienas.

A José, cujos pés em chagas latejavam  
Sobre a areia cruel, disse a Virgem Maria:  
“Repousemos aqui”. – Seus braços vacilavam –  
“Seguiremos depois, quando romper o dia”.

Tateando na sombra espessa e lutuosa,  
José o roto manto ao longo desdobrava:  
E a Virgem Mãe de leve, e pálida e medrosa,  
Sobre o manto deitou Jesus que ressonava.

“Dorme” disse ao esposo a Virgem brandamente:  
“Por nós o doce Pai atento está velando”.  
Ele triste inclinou a fronte humildemente,  
Ela aos pés de Jesus adormeceu chorando.

E sonhou... O futuro horrífico e sangrento  
Do seu loiro senhor, do seu divino filho,  
Drama de pranto e luz – veio nesse momento  
Encher-lhe o coração de pavoroso brilho.

Viu-o crescer tranquilo e puro, abençoando  
As negras multidões torvas de saciedade:  
OuvIU-lhe a grande voz, como um clarim lançando  
Ao mundo espavorido os sons da Liberdade.

Viu-o, por entre o povo inóspito e implacável,  
Forte como os heróis e – débil como as flores –  
Colhendo em seu regaço eternamente afável,  
As crianças gentis e os rudes pescadores.

Viu-o nobre, sereno e firme, interpretando  
Os mistérios da vida efêmera e terrena:  
E a multidão pasmada o ia acompanhando,  
E banhava-o de amor o olhar de Madalena...

Viu-o chorar então as lágrimas primeiras,  
Ele – o santo ideal do Bem e da Ternura –  
No medonho jardim das tristes oliveiras,  
Bebendo, gota a gota, o cálix da amargura.

Viu-o depois sorrir ao beijo tenebroso  
Que Judas lhe imprimiu na imaculada fronte,  
Como sorri o oceano ao lenho aventureiro,  
E como acolhe o raio o alcantilado monte.

Por fim o viu convulso e esquálido arrastando  
O próprio cadafalso e o lúgubre sudário...  
Viu-o amarrado à cruz, – viu-o morrer penando,  
Entre infames ladrões, no cimo do Calvário.

E Maria a gemer, extenuada, exangue,  
Despertou num soluço, e olhou: Jesus dormia:  
A aurora lhe formava um nimbo cor de sangue,  
E o divino Cordeiro extático sorria.



## Sorrento

Nós chegamos à tarde... Em mole eflúvio  
A tênue brisa, lânguida e cansada,  
Cerzia as ondas da dormente enseada;  
À nossa frente erguia-se o Vesúvio.

Entre as águas suspenso e o firmamento,  
Perdia o sol os últimos fulgores,  
Riam, cantando ao longe, os pescadores  
E as poéticas filhas de Sorrento.

Lépida a vaga, esmeraldina e bela,  
Vinha roçar-te os pés – branda, discreta  
Como a nuvem que roça numa estrela...

Presas a uma dor incógnita e secreta  
Pensavas tu talvez em Graziela...  
E eu invejava a sorte do Poeta.

## A meu Filho Gabriel

6 de março de 1880

Há poucas horas apenas  
Que te partiste a chorar  
Deste mundo e destas penas,  
Ó criatura exemplar!

Fugiste à vida traidora  
E à nossa vil multidão,  
Em busca da eterna Aurora,  
Da eterna Consolação.

Mimoso, aéreo, suave,  
Tua mãe viu-te passar  
Como um relâmpago, uma ave  
Na lisa face do mar.

Mal tuas asas nevadas  
Roçaram do mundo atroz  
As ruas enlameadas,  
Ó andorinha veloz!

Teus dias foram contados  
E breves, ó meu amor,  
Como os pistilos doirados,  
Como os dias de uma flor.

Deste à terra ingrata e rude,  
No teu fúlgido clarão,  
A semente da virtude  
E a raiz dum coração:

Dum coração de amianto,  
Duma alma gêmea da luz:  
Beijo orvalhado de pranto,  
Cravo das mãos de Jesus!

E como a flor morre abrindo  
As folhas ébrias de mel,  
Tu morreste, ó loiro, ó lindo  
Ó meu anjo Gabriel!...

Dos teus encantos o brilho  
Deus formara-o para si:  
O mundo – o mundo, meu filho,  
Não era digno de ti.



## À Rainha de Portugal<sup>♠</sup>

Por ocasião da *Kermesse*

*So io ben ch'a voler chiuder in versi  
Sue laudi, fora stanco  
Chi piú degna la mano a scriver porse.*

Sei que, embora querendo conter em versos  
Louvores seus, afadigado fico,  
Que a fazê-lo haja quem mais digna mão possua.\*

PETRARCA.

**P**rincesa, vens da Pátria irradiante  
Que a um tempo concebeu – obra divina –  
Tasso, Petrarca, Buonarotti, Dante,  
Laura, Eleonora, o Sanzio e a Fornarina.

Simbolizas a Glória. O Povo inclina  
A frente quando passas deslumbrante,  
Com o teu fulgor de Estrela no levante  
E as tuas graças infantis de ondina...

Mas tu és grande, ó triunfal Maria,  
Porque das alvas mãos, dia por dia,  
Deixas cair a esmola e não te cansas:

Como as Madonas no sendal da Glória  
Irás subindo aos términos da História  
Numa nuvem de flores e crianças.

---

\*  Tradução de Vera Lúcia de Oliveira.



## O Beijo da Morta<sup>♠</sup>

Cresce a invernosidade, um frio intenso  
Morde-me as carnes: – lívido, gelado,  
No leito me ergo... e escuto o desolado  
Uivo do Inverno, atroz, convulso, imenso...

Tento dormir. Em vão! Escuto e penso.  
Penso na eterna Ausente... Ah! se a meu lado  
Ela estivesse! um beijo perfumado!  
Um só! me fora ardente e ideal incenso...

Abre-se então de leve a minha porta:  
É Ela! Entrou. Na palidez da morta  
Uma aurora de beijos irradia:

Caminha... chega e diz-me num segredo:  
“Une teu rosto ao meu, não tenhas medo:  
Venho aquecer-te: – a noite está tão fria!”

## Num Terraço<sup>♠</sup>

Como as pombas mansamente  
Ao cair das tardes calmas,  
Vão repousar juntamente  
No ninho odoroso e quente,  
Nossas almas

Nossas almas viajantes,  
Vão num giro enamorado,  
Como as pombas alvejantes,  
Pousar nas nuvens distantes  
Do passado...



## Êxtase<sup>♠</sup>

Olha-me assim, Madona... longamente:  
Deixa minha alma em teu olhar piedoso  
Flutuar num silêncio, amplo e radioso,  
Como um navio à terna luz do poente.

Nada me digas: olha-me somente:  
Assim... Meu coração, ébrio de gozo,  
Vai rolando no abismo luminoso  
No etéreo abismo desse olhar dormente.

A natureza mórbida e alquebrada  
Repousa. A ebúrnea esfera constelada  
Desmaia antes que a Aurora ao longe assome:

E eu, embalado nesse olhar radiante,  
Feliz, absorto, extático, hesitante...  
Ouço tua alma soletrar meu nome.

## Galateia

Mais clara que o claro Empíreo  
Mais loira que o mel cheiroso,  
Mais tentadora que um gozo  
E mais perfeita que um lírio,

Ela atravessa indolente  
As áureas pompas da vida  
Como a garça adormecida  
Levada pela corrente...

Das suas tranças sedosas  
Voa uma grata mistura  
De cravos e tuberosas,

E essa estranha criatura  
É no meio das formosas  
A Estátua da formosura.

*Venus Victrix* ♠

**D**e que profundos céus rolou a estrela  
 A dupla estrela que em teus olhos mora?  
 Qual foi a rósea lágrima da Aurora  
 Que se encarnou em tua espádua bela?

Dizem que a Vênus Veronesa é a tela  
 Onde dormia a Forma tentadora:  
 Eu, louco artista, vê-la quis outrora,  
 Mas depois que te vi não quero vê-la.

O Eterno Deus, o Estatuário ingente  
 Burilou-te, a sorrir, a alma inocente,  
 E – digno escrínio que tal gema encerra –

Pôs em teu corpo dotes aos milhares...  
 A própria Vênus que surgiu dos mares  
 Cede-te a palma a ti, Vênus da terra!

## As Mãos de Bela

Essas divinas mãos feitas de arminho,  
Lírios, jasmims, anêmonas e rosas,  
Mãos, cujas palmas finas e untuosas,  
Mais doces são do que o frouxel dum ninho;

Essas divinas mãos que ao burburinho  
Da prece se unem tímidas, piedosas,  
Mais palpitantes, débeis e medrosas  
Que a asa fugaz do tenro passarinho;

Esses milagres de escultura viva  
Que o divino buril na sensitiva  
Tallhou, – franzinas mãos de anjo e de fada,

Sabem vibrar com gesto soberano  
E de chofre embeber no peito humano  
Do heroico Amor a sanguinária espada.

## Paquita<sup>♠</sup>

Como um fugaz suspiro, um som que passa,  
E a flor pendida antes do fim do dia,  
Assim morreste, ó pálida erradia,  
Ó favorita pomba da Desgraça!

Rápida embora, passageira e escassa,  
Foi-te a existência toda uma agonia,  
E tua boca trêmula sorria  
Bebendo a morte na funérea taça.

Abandonada, pobre, humilde, obscura,  
Desceste à negra e torva sepultura,  
Tu, a formosa deusa entre as formosas:

Ah! que eu não tenha versos como flores  
Para a campa te encher de aromas, cores,  
Goivos, saudades, lágrimas e rosas!

## A Estátua<sup>♠</sup>

A FERNANDO LEAL

**N**arrei-lhe o drama de minha alma... Absorta  
Num vago ideal talvez, pálida a bela  
Tinha nos olhos um clarão de estrela...  
Mas no resto do corpo estava morta.

Quando a voz do Poeta canta e exorta  
Ou vibra como as asas da procela,  
Arrasta céus e mundos... Porém Ela  
Aos meus gemidos respondeu: “Qu’importa?”

Qu’importa! E contemplava-me tranquila  
Aquela ousada encarnação da argila,  
Fria, tão fria como a lousa fria...

Morto de dor, de desespero insano,  
Dos meus olhos verti ondas de oceano,  
E Ela – a sereia – entre meus prantos ria.



## A Lucinda Simões<sup>♠</sup>

Quando percorres a fulgente arena  
Da Arte imortal, – ingênua, cismadora,  
Trágica, humilde, casta ou pecadora, –  
Mas sempre de fulgor e graças plena;

Quando teu lábio atraí, morde e envenena  
Nos sorrisos fatais da atroz *Leonora*,  
Ou quando, fresco e róseo como a Aurora,  
De cascatas de luz inunda a cena;

Ó diva! o nosso espírito cansado  
Por te seguir os voos, sente o alado  
Grupo de gênios na amplidão dispersos:

Grita o teu nome o Povo eletrizado,  
E o Poeta, de súbito inspirado,  
Lança-te aos pés toda a sua alma em versos!

## Profissão de Fé

*J'ai soif de chasteté, de vertu, de noblesse  
Soif d'honneur, de bonté, de beauté, d'idéal...*

Tenho sede de castidade, de virtude, de nobreza  
Sede de honra, de bondade, de ideal...<sup>1</sup>

– EUGÈNE ROSTAND.

**O** velho Sacerdote escuta cada dia,  
Ruja o vento do inverno ou folgue a estiva aragem,  
Perante o humilde altar da sua Freguesia,  
Do Deus vivo a palavra. E em face àquela imagem

Nada o distrai. O grito estrídulo e selvagem  
Da bruta multidão feroz que tripudia,  
Não perturba sequer a matinal linguagem  
Que o alto campanário às solidões envia.

Como o Padre fiel – o místico soldado  
Das falanges de Cristo, – o Poeta isolado,  
Perante o largo altar das Crenças imortais,

Sacerdote do Amor, eleva-se num hino,  
Ao som da eterna voz dum invisível sino  
Que percutem no céu os altos Ideais.

---

**I**  Epígrafe inexistente a partir da segunda edição. [N. do O.]

## APÊNDICE



## Lenda Antiga

**A** Velhice e a Mocidade  
Nos umbrais da Eternidade  
Viram-se um dia. A Velhice

Deteve a outra e lhe disse  
Com toda a serenidade  
E a mais perfeita meiguice:

“Tu és, encanto adorado,  
O perfil do meu passado  
E o meu primitivo encanto:

Devo explicar-te portanto  
Da vida o mal condenado  
E a negra origem do pranto”.

A Mocidade viçosa  
Escuta maliciosa:  
Prossegue a Velhice: “Evita

O amor que as veias excita,  
E a fada misteriosa  
Que dentro d’alma se agita:

As bocas rubras e belas  
De mil milhões de donzelas  
Mais terríveis que a ambrosia...”

– “E depois? depois?” – “Num dia,  
 Numa noite em que as estrelas  
 E a branca Lua erradia

Vogarem pelos espaços,  
 Sentirás talvez os braços  
 Do pecado traiçoeiro:

Cautela! no mundo inteiro  
 O inferno semeia laços  
 Ao pé incauto e rasteiro...”

A Mocidade imprudente  
 Inquieta, febril, contente,  
 Disse à velha parladora:

“Deus vos merceie, Senhora,  
 E vos dê eternamente  
 A santa luz redentora:

Deus vos pague estes instantes  
 De surpresas incessantes,  
 De gozo vivo, fecundo,

E de delírio profundo”.  
 Abriu as asas brilhantes  
 E – rindo – baixou ao mundo.

## NOTA<sup>1</sup>

**H**ISTÓRIA DE UM CÃO – Pág. 108 – Esta fantasia foi escrita depois da leitura de uma simples e sentida página de A. Destroyes, publicada no semanário parisiense *La Mosaique*, em 1874. O conto do escritor francês intitula-se “Moustapha – Histoire d’un Chien”. Eis a última parte dessa deliciosa narrativa que inspirou os meus versos. Os curiosos verão até que ponto eu abusei da inspiração alheia:

*“Robert mit une pierre au cou du chien, qui tremblait de la fièvre – le saisit rudement et le jeta à la mer. Moustapha ne poussa pas une plainte; on n’entendit que le bruit sourd que fit le corps en tombant dans l’eau. Le jeune homme, un peu bonteux, se pencha – pour voir; sa coiffure se détacha et fut emportée par le vent. C’était un bonnet grec brodé par une main amie. Il chercha des yeux et ne vit rien que la cime blanche des vagues; il s’en revint tout attristé – pour le bonnet!*

*Il était couché depuis une heure lorsqu’il entendit gratter à sa porte, il alla ouvrir: Moustapha se tenait sur le seuil, – le bonnet entre les dents, – appuyé contre le mur. Il était ensanglanté; l’eau, ruisselant de ses poils aux couleurs étranges, se mêlait avec le sang et tombait sur les pierres; il était beau à faire peur. Robert l’embrassa en pleurant et saisit le bonnet grec!*

---

I  [N. do A.]

*Moustapha regarda une dernière fois son maitre, jeta un cri, – cri de joie d’avoir été embrassé, ou de tristesse d’être si vite oublié, on ne sait! – et mourut!”*

“Robert amarrou uma pedra no pescoço do cachorro, que tremia de febre – pegou-o rudemente e lançou-o ao mar. Moustapha contra nada protestou; ouviu-se apenas o barulho surdo do corpo caindo na água. O rapaz, um pouco envergonhado, dobrou-se – *para ver*; sua boina desprendeceu-se e foi levada pelo vento. Era grega, bordada por mão amiga. Olhou em redor e nada viu, a não ser a crista branca das ondas; muito se entristeceu – pela boina!

Estava deitado há uma hora, quando ouviu um arranhão na porta e foi abri-la: Moustapha estava na soleira, – a boina entre os dentes, – apoiado na parede. Estava ensanguentado; a água, escorrendo de seus pelos de coloração esquisita, misturava-se ao sangue e caía sobre as pedras; a cena assustava. Robert abraçou-o chorando e pegou a boina!

Mustapha olhou uma última vez para o dono, uivou – um uivo de alegria, por ter sido abraçado, ou de tristeza, por ser tão rapidamente esquecido, não se sabe! – e morreu!”<sup>1</sup>



## ADVERTÊNCIA


**N**a poesia “A Morte da Águia”, os três primeiros versos da [2.<sup>a</sup>]<sup>1</sup> estrofe, página [37], podem ser substituídos por esta variante:


O comandante – urso do mar bondoso –  
Disse um dia ao escravo rancoroso,  
Ao carcereiro estúpido e inclemente:<sup>2</sup>

Alguns leves descuidos de acentuação e pontuação, que escaparam ao revisor, serão facilmente emendados pelo leitor inteligente.



---

1  Os colchetes assinalam os ajustes à presente edição [N. do O.]

2  A partir da segunda edição (1886), adotam-se definitivamente estes versos [N. do O.]



## ÍNDICE

|                          |     |
|--------------------------|-----|
| Apresentação . . . . .   | VII |
| Nota editorial . . . . . | XXV |

### *Sonetos e Rimas*

|                          |    |
|--------------------------|----|
| Luís Guimarães . . . . . | 3  |
| Misticismo . . . . .     | 23 |

#### PRIMEIRA PARTE

|  |    |
|--|----|
| [O Coração que Bate neste Peito] . . . . . | 27 |
| O Esquife . . . . .                        | 29 |
| O Sono de um Anjo . . . . .                | 30 |
| Fora da Barra . . . . .                    | 31 |
| O Cruzeiro do Sul . . . . .                | 32 |
| Visita à Casa Paterna . . . . .            | 33 |
| A Esmola . . . . .                         | 34 |
| A Morte da Águia . . . . .                 | 35 |
| Temperamentos . . . . .                    | 40 |
| Meu Pai . . . . .                          | 41 |
| A Voz das Árvores . . . . .                | 42 |
| Noite Tropical . . . . .                   | 43 |
| Nostalgia . . . . .                        | 44 |
| Natal . . . . .                            | 45 |
| A Noite de S. João . . . . .               | 46 |

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| Os Boêmios . . . . .           | 47 |
| Londres . . . . .              | 50 |
| A Avó. . . . .                 | 51 |
| Soneto Romântico . . . . .     | 52 |
| Hora de Amor. . . . .          | 53 |
| O Jaguar. . . . .              | 54 |
| Arte Poética. . . . .          | 55 |
| Roma . . . . .                 | 56 |
| Diva . . . . .                 | 57 |
| Jesus . . . . .                | 58 |
| Súplicas Maternas . . . . .    | 59 |
| Saudade das Montanhas. . . . . | 60 |
| O Farol . . . . .              | 61 |
| Idílio . . . . .               | 62 |
| As Estrelas . . . . .          | 64 |
| O Danúbio Azul. . . . .        | 65 |
| O Arsenal. . . . .             | 66 |
| Madrugada na Roça . . . . .    | 67 |
| A Voz de Moema . . . . .       | 68 |
| Dum Polo a Outro . . . . .     | 69 |
| Os Albatrozes . . . . .        | 70 |
| Dia de Finados . . . . .       | 71 |
| Os Escravos . . . . .          | 72 |
| Amar e Ser Amada . . . . .     | 73 |
| Metamorfose . . . . .          | 74 |
| Paisagem . . . . .             | 75 |
| Vênus de Milo . . . . .        | 76 |
| Mata Virgem. . . . .           | 77 |
| O Bom Doutor . . . . .         | 78 |
| O Sol no Mar . . . . .         | 79 |

|   |     |
|---|-----|
| A Borracheira . . . . .                     | 80  |
| Miguel Ângelo e Moisés. . . . .             | 81  |
| Paulo e Virgínia . . . . .                  | 82  |
| O Filho . . . . .                           | 83  |
| A Caravana . . . . .                        | 84  |
| Idade Média . . . . .                       | 85  |
| Cantiga para Adormecer. . . . .             | 86  |
| Paris . . . . .                             | 87  |
| A Alcova . . . . .                          | 88  |
| Ódio. . . . .                               | 90  |
| Ernesto. . . . .                            | 91  |
| Nhanhã . . . . .                            | 92  |
| A Bordo . . . . .                           | 95  |
| A Vestal. . . . .                           | 96  |
| A Bela. . . . .                             | 97  |
| Credo . . . . .                             | 98  |
| O Piano . . . . .                           | 99  |
| A Noiva. . . . .                            | 100 |
| No Álbum de Stanislaio D’Atri . . . . .     | 101 |
| Revelação. . . . .                          | 102 |
| Frente a Frente . . . . .                   | 104 |
| As Vozes da Noite . . . . .                 | 105 |
| A Primeira Entrevista. . . . .              | 106 |
| Versos de Stecchetti. . . . .               | 107 |
| História de um Cão . . . . .                | 108 |
| <i>Confiteor</i> . . . . .                  | 114 |
| Veneza. . . . .                             | 115 |
| O Enterro Civil. . . . .                    | 116 |
| O Coliseu . . . . .                         | 117 |
| O Derradeiro Olhar que na Agonia... . . . . | 118 |

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| Nera.....                  | 119 |
| A um Rico que Passava..... | 120 |
| As Duas Forças.....        | 121 |

## SEGUNDA PARTE

### OS POETAS MORTOS

|                          |     |
|--------------------------|-----|
| Gonçalves Dias .....     | 125 |
| Casimiro de Abreu .....  | 126 |
| Junqueira Freire .....   | 127 |
| Álvares de Azevedo.....  | 128 |
| Castro Alves .....       | 129 |
| Varela .....             | 130 |
| Agrário de Menezes ..... | 131 |
| Franco de Sá .....       | 132 |
| Laurindo Rabelo.....     | 133 |
| Bruno Seabra.....        | 134 |
| Aureliano Lessa.....     | 135 |
| José de Alencar.....     | 136 |
| Porto-Alegre .....       | 137 |

## TERCEIRA PARTE

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| <i>Per Amica Silentia...</i> ..... | 141 |
| Eva .....                          | 144 |
| A Hora do Repouso.....             | 145 |
| Naufrágio .....                    | 146 |
| Enlevo .....                       | 147 |
| Página Íntima .....                | 148 |
| Contraste.....                     | 150 |
| A Jangada .....                    | 151 |
| Olinda .....                       | 152 |
| Aos Estados Unidos.....            | 153 |

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| Duas Sombras . . . . .           | I54 |
| À Mulher Americana . . . . .     | I55 |
| A Valsa . . . . .                | I56 |
| Arrulhos de Namorados. . . . .   | I57 |
| A Canção da Morta . . . . .      | I58 |
| Tranças Amadas . . . . .         | I59 |
| Os Olhos de Clemência . . . . .  | I60 |
| Noturno . . . . .                | I61 |
| A Gaivota . . . . .              | I62 |
| Aspásia. . . . .                 | I63 |
| Auto-da-fé. . . . .              | I64 |
| A Capela . . . . .               | I65 |
| Visão . . . . .                  | I66 |
| O Viajante. . . . .              | I67 |
| O Pensamento. . . . .            | I74 |
| Guitarra . . . . .               | I75 |
| O Colar . . . . .                | I76 |
| Memórias . . . . .               | I78 |
| A uma Cega. . . . .              | I79 |
| À Sombra dos Álamos . . . . .    | I80 |
| Inverno . . . . .                | I81 |
| Triste Volta . . . . .           | I82 |
| <i>Miss Perfection</i> . . . . . | I83 |
| O Cego . . . . .                 | I84 |
| À Beira-Mar . . . . .            | I85 |
| A Escrava. . . . .               | I86 |
| <i>Señorita</i> . . . . .        | I87 |
| A Carta . . . . .                | I89 |
| Boa Viagem. . . . .              | I90 |
| Cantiga . . . . .                | I91 |

|   |     |
|---|-----|
| A Gazela .....                          | 192 |
| Incógnita .....                         | 193 |
| A um Milionário.....                    | 194 |
| A Lua no Mar.....                       | 195 |
| O Cisne .....                           | 196 |
| O Boi.....                              | 197 |
| A Sertaneja .....                       | 198 |
| Longe dos Homens .....                  | 203 |
| O Berço e o Túmulo .....                | 204 |
| Confidência.....                        | 205 |
| Satanás.....                            | 207 |
| No Deserto .....                        | 208 |
| Sorrento .....                          | 211 |
| A meu Filho Gabriel.....                | 212 |
| À Rainha de Portugal <sup>^</sup> ..... | 214 |
| O Beijo da Morta <sup>^</sup> .....     | 215 |
| Num Terraço <sup>^</sup> .....          | 216 |
| Êxtase <sup>^</sup> .....               | 217 |
| Galateia <sup>^</sup> .....             | 218 |
| <i>Venus Victrix</i> <sup>^</sup> ..... | 219 |
| As Mãos de Bela <sup>^</sup> .....      | 220 |
| Paqueta <sup>^</sup> .....              | 221 |
| A Estátua <sup>^</sup> .....            | 222 |
| A Lucinda Simões <sup>^</sup> .....     | 223 |
| Profissão de Fé .....                   | 224 |

#### APÊNDICE

|                   |     |
|-------------------|-----|
| Lenda Antiga..... | 227 |
| NOTA.....         | 229 |
| ADVERTÊNCIA ..... | 231 |





